



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSÉ ROBSON DO NASCIMENTO SANTIAGO

A LÍNGUA DO POVO NO ROMANCE DE GILVAN LEMOS: glossário de *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*

JOÃO PESSOA, 2018.

JOSÉ ROBSON DO NASCIMENTO SANTIAGO

A LÍNGUA DO POVO NO ROMANCE DE GILVAN LEMOS: glossário de *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão, com vistas à obtenção do título de Doutor em Letras.

JOÃO PESSOA, 2018.

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S235l Santiago, Jose Robson do Nascimento.

A língua do povo no romance de Gilvan Lemos: glossário
de O Anjo do Quarto Dia e Emissários do Diabo / Jose
Robson do Nascimento Santiago. - João Pessoa, 2018.
216 f.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Léxico. Gilvan Lemos. Literatura Regional. I.
Aragão, Maria do Socorro Silva de. II. Título.

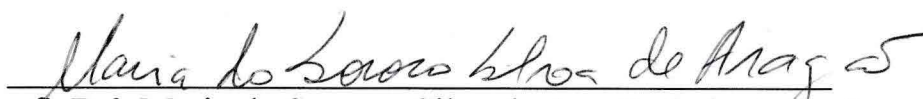
UFPB/CCHLA

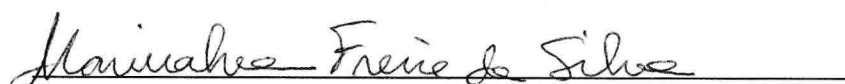
JOSE ROBSON DO NASCIMENTO SANTIAGO

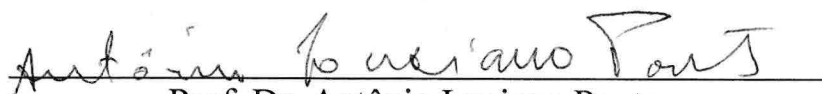
“A LÍNGUA DO POVO NO ROMANCE DE GILVAN LEMOS: GLOSSÁRIO DE *O ANJO DO QUARTO DIA E EMISSÁRIOS DO DIABO*”

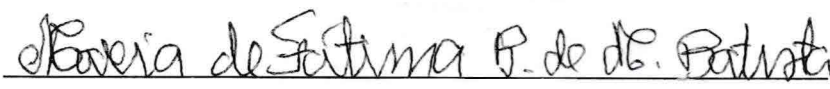
Aprovada em: 08/05/2018

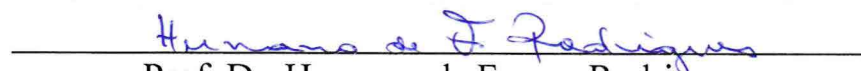
BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Maria do Socorro Silva de Aragão (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)


Prof.^a. Dr.^a. Marinalva Freire da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará (UECE)


Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista
Universidade Federal da Paraíba (UFPB-PPGL/PPLP)


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

DEDICATÓRIA

A Dona Bela, mulher de baixa escolaridade que sempre prezou pela educação de seus 10 filhos, alagoana radicada em Pernambuco, que trabalhou para “madames” de São José da Coroa Grande, no litoral sul daquele estado, costurando roupas cujo “tecido o vento dava o preço”, para realizar o sonho de uma melhor condição de vida, dedico este texto, fruto de um trabalho de pesquisa que releva meu estado natal, cujo povo possui forte identidade linguístico-cultural, com diferenças reconhecíveis no falar e no agir. A ela, Dona Bela, minha mãe, espero orgulhar, como a mesma me pediu, triste, ao me ver em situação embaraçosa, “engabelado” pelo coração, há alguns anos. Daquele dia “em vante”, não mais...

AGRADECIMENTOS

A Juan, meu filho, cuja presença física mensal funcionou como recarga positiva de minhas energias e inspiração durante os difíceis anos desse curso. Seu sorriso me fortalece!

Aos meus irmãos, que sempre me receberam em Recife com animação e compreenderam que meu isolamento em João Pessoa foi necessário; especialmente a Maria Betânia, guru educacional que tenho desde o ensino médio, pelo incentivo na vida acadêmica e apoio, junto com seu esposo, Evandro, meu cunhado-irmão-amigo.

Aos amigos Ricardo Oliveira e Fabio Lucena, do IFPB, pela manutenção do contato na medida certa e pelas palavras sábias que atenuaram minha ansiedade em reorganizar minha vida profissional.

Ao amigo Sandro de Sousa, pelo acolhimento em sua casa e junto a seus familiares, em Natal-RN, e pelos valiosos momentos de discussão teórica nas aulas de Socorro Aragão.

À amiga Clécia Maria, que ouviu meus desabafos nos assuntos do coração e, nos acadêmicos, sempre me dando uma luz nos temas mais espinhosos que permeiam minha pesquisa, e pela parceria nas atividades das aulas no curso do doutorado.

Ao amigo-irmão Wellington Lopes, pela primeira provocação, em 2013, ao me encorajar a estudar como aluno de Socorro, em regime especial; pela hospitalidade em terras potiguares e por sua sinceridade ao me tecer as críticas necessárias e me dirigir os conselhos cabíveis, nos mais diversos assuntos de minha vida pessoal e acadêmico-profissional.

Aos colegas da EMEF Ministro José Américo de Almeida, em João Pessoa-PB, em especial aos amigos do grupo Conversinha Paralela, pelas diversas vezes em que, sentindo-me cansado da árdua rotina, tive com quem partilhar momentos de descontração nos almoços e jantares planejados ou não.

Ao amigo Aldo Eronides, pela sua contribuição ao me dirigir suas opiniões sinceras sobre minha postura pessoal, devido à qual muitas vezes não percebi o incômodo que causei a outros colegas com meu jeito “opinioso” de ser. Embora ainda possa repetir para ele que se eu mudar, não serei eu mesmo, consegui compreender que preciso limitar-me a quem de fato demonstra prazer em estar ao meu lado.

Aos colegas de discussão do Coletivo Prof.^a Adélia de França, em João Pessoa, por me permitirem participar de suas reuniões repletas de esperança por uma educação melhor nesta cidade e pela compreensão diante de meu afastamento na reta final da redação desta tese.

Às amigas de fé, irmãs camaradas, Taline Cabral (IFPB), Michele Pimentel (PMJP) e Talita Gadelha (SEE-PE), por darem ouvidos aos meus conselhos, o que sempre fez com que me sentisse útil para as pessoas nesta vida.

Ao Prof. Dr. José Ferrari Neto e à Secretaria do Proling-UFPB, que me aceitaram como aluno da disciplina Metodologia da Pesquisa, no segundo semestre de 2015, a qual me serviu para reorganizar o projeto apresentado na seleção.

Ao Prof. Dr. Hermano Rodrigues, pelos ensinamentos na disciplina de *Literatura e Psicanálise*, cujos ganhos transcenderam o universo acadêmico, ao me fazerem compreender o ser humano por outro viés, mais interessante que o dicotômico do bem e do mal que permeia minha formação religiosa.

À professora Josete Marinho, pelas observações e contribuições para a melhoria deste trabalho, no exame de qualificação; e aos professores Luciano Pontes, Fátima Batista e Marinalva Freire, pelas sugestões de aprimoramento desta tese na ocasião de minha defesa.

À Coordenação e à Secretaria do Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB, sempre cordiais e eficientes, pelo apoio em mais uma empreitada acadêmica.

A Livia Valença, sobrinha e detentora dos direitos autorais de Gilvan Lemos, pela forma acolhedora com que me tratou nos contatos telefônicos e presenciais, quando tive a oportunidade de prestigiar o lançamento da biografia de seu tio e de ouvir os sábios comentários do Prof. Samuel Lira, do Desembargador Nivaldo Mulatinho e do Prof. Dr. Lourival Holanda (UFPE), segundo o qual ninguém sai ileso da leitura de Gilvan.

Aos meus vizinhos, nos diferentes locais que morei, na Paraíba, pela compreensão, quando me viram de portas fechadas, de que eu buscava o silêncio para me concentrar em minhas leituras, não evitar o contato fraterno.

Aos amigos pernambucanos, por me apoiarem e acreditarem que um dia eu viraria o jogo, após as tribulações do passado, como Adriano Cesar, que me presenteou com a obra da qual retirei a epígrafe desta tese.

A um certo alguém, que há oito anos despertou um sentimento contra o qual achei melhor não resistir, onde quer que esteja, agradeço por ter estado sempre ao meu lado num dos momentos mais difíceis de nossas vidas; e por permitir, mesmo sem saber, que eu desse novo rumo à minha vida pessoal e retomasse o gosto pelo desafio que é a pesquisa acadêmica. A ela, Princesa, Delegada, Cidadãzinha, meu carinho, meu respeito e meu bem querer!

Por fim, a todos que conheci nessa difícil jornada, desde que me mudei para este estado, em 2013, pela compreensão e/ou paciência, sabendo que não pude estar presente em suas vidas de modo perene, dirijo um respeitoso pedido de desculpas e, como aos aqui citados, ofereço meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha orientadora,

Prof. Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão,

Pela paciência com que me conduziu neste processo, pela competência, ao me apontar os melhores caminhos para o engrandecimento deste trabalho, pela cumplicidade nos eventos de que participamos e pela alegria com que sempre me tratou, na sala de aula ou em sua casa, atenta ao meu bom humor, por tudo isso agradeço.

HOMENAGEM

A Gilvan Lemos e ao povo pernambucano faço uma simples homenagem através das primeiras estrofes do hino de nosso estado. Elas trazem palavras de orgulho, que remontam à beleza dos altos coqueiros, inconfundíveis, do nosso litoral, e que exaltam os heróis, as glórias, do povo guerreiro, imortal, como Gilvan.

Coração do Brasil, em teu seio

Corre o sangue de heróis rubro veio

Que há de sempre o valor traduzir

És a fonte da vida e da história

Desse povo coberto de glória

O primeiro, talvez, no porvir

Salve! Ó Terra dos Altos Coqueiros

De belezas soberbo estendal

Nova Roma, de bravos guerreiros!

Pernambuco, imortal! Imortal!

[...]

Estória compacta da origem do mundo

*Há milênios atrás
uma luz
não sei se vinda de
outra luz
fez-se luz
e vieram os homens
e logo ali ao lado
as palavras
dando nome às coisas*

(Miró da Muribeca)

RESUMO

Os estudos sobre autores regionais realizados a partir de pressupostos da Lexicologia, da Dialetologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística demonstram que existe uma indissociabilidade entre língua, sociedade e cultura. É neste sentido que nos debruçamos sobre os romances do escritor Gilvan Lemos, pernambucano que escrevia sobre o que conhecia, vivia e sabia. Em suas obras há a presença do léxico regional-popular e, especificamente, nas falas de seus personagens, as marcas de identidade regional e a riqueza vocabular que caracterizam o falar do seu povo. Elegemos como objetivo principal desta pesquisa a construção de um glossário dos romances mais bem avaliados por seus leitores e críticos. Partimos da hipótese de que sua cultura e seu conhecimento linguístico sobre seu povo o levaram a conceber personagens cujas falas pudessem representar o falar nordestino, a sociedade como ele conheceu e a cultura do povo com que conviveu. Defendemos que a melhor forma de demonstrar o valor de suas obras é através de um glossário de *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*. Para a construção deste, assumimos os preceitos da Lexicografia e elencamos, com base em Pottier et alii (1973), lexias simples, compostas, complexas e textuais empregadas por personagens de diferentes níveis sociais, sexo, idade, escolaridade e profissão, conforme o reconhecimento de que a sociedade representada nas obras é estratificada, como atestam os ensinamentos sócio e etnolinguísticos de Coseriu (1987, 1982), para quem a língua se divide em sistema, norma e fala. Tomamos, pois, como pertencentes ao falar regional as falas dos personagens criados pelo autor. Na busca da identificação dos significados mais adequados para os verbetes que concebemos no glossário, consultamos dicionários regionais e de língua, e verificamos a dicionarização das unidades léxicas, a fim de avaliar o que pertence ou não à norma regional, o que pertence ou não ao sistema e o que consiste em criação do autor. Reforçam nossas discussões sobre léxico regional e sobre as relações entre língua, sociedade e cultura os preceitos de Aragão (2005, 1999, 1983), Biderman (2001a, 1987), Bortoni-Ricardo (2009), Preti (2003), Calvet (2002), Barbosa (2001, 1993) e Cardoso (2010, 2001). Balizam ainda nosso fazer lexicográfico os ensinamentos de Haensch et alii (1982), Biderman (2001b) e Faustich (2010). Sobre Gilvan Lemos e seu povo, seguimos Jamir e Silva (2006), Freyre (1982, 1969) e Correa (2017). Concluímos que a língua do povo no romance gilvaniano, do ponto de vista léxico, é a língua daquele povo criado em suas obras, cujas histórias se passam em lugares que representam a terra natal do autor e suas redondezas, mas não necessariamente corresponde à norma real daquele lugar. É uma criação que desenha a realidade, com base na subjetividade do autor.

Palavras-chave: Léxico; Gilvan Lemos; Literatura regional.

ABSTRACT

Studies on regional authors based on the presuppositions of Lexicology, Dialectology, Sociolinguistics and Ethnolinguistics show that there is an inseparability between language, society and culture. It is in this sense that we focus on the novels of the writer Gilvan Lemos, author from Pernambuco who wrote about what he knew, lived and knew. In his works there is the presence of the regional-popular lexicon and, specifically, in the speeches of his characters, the regional identity marks and the vocabulary richness that characterize the talk of his people. We chose as main objective of this research the construction of a glossary of the best evaluated novels by its readers and critics. We start from the hypothesis that his culture and his linguistic knowledge about his people led him to conceive characters whose lines could represent the Northeastern speaking, the society as he knew it and the culture of the people with whom he lived. We argue that the best way to demonstrate the value of his works is through a glossary of *O Anjo do Quarto Dia* and *Emissários do Diabo*. For the construction of this, we assume the precepts of Lexicography and get together, based on Pottier et alii (1973), simple, compound, complex and textual lexias employed by characters of different social levels, sex, age, schooling and profession, according to the recognition that the society represented in the works is stratified, attest to the social and ethnolinguistic teachings of Coseriu, for whom language is divided into system, norm and speech. We take, therefore, as belonging to the regional speech the lines of the characters created by the author. In the search for the identification of the most appropriate meanings for the articles we conceive in the glossary, we consult regional and language dictionaries and check the lexical units' dictionalization, in order to evaluate what belongs or not to the regional norm, what belongs or not to the system and what consists in author's creation. Reinforce our discussions on regional lexicon and on the relations between language, society and culture the precepts of Aragão (2005, 1999, 1983), Biderman (2001a, 1987), Bortoni-Ricardo (2009), Preti (2003), Calvet (2002), Barbosa (2001, 1993) and Cardoso (2010, 2001). Our lexicographical lexical work further demonstrates the teachings of Haensch et alii (1982), Biderman (2001b) and Faustich (2010). About Gilvan Lemos and his people, we followed Jamir and Silva (2006), Freyre (1982, 1969) and Correa (2017). We conclude that the language of the people in the gilvanian novel, from the lexical point of view, is the language of that people created in their works, whose stories happen in places that represent the native land of the author and its surroundings, but does not necessarily correspond to the real norm that place. It is a creation that draws the reality, based on the subjectivity of the author.

Keywords: Lexicon; Gilvan Lemos; Regional Literature.

RESUMEN

Los estudios sobre autores regionales realizados a partir de presupuestos de la Lexicología, de la Dialectología, de la Sociolingüística y de la Etnolingüística demuestran que existe una indisociabilidad entre lengua, sociedad y cultura. Es en este sentido que nos ocupamos de las novelas del escritor Gilvan Lemos, pernambucano que escribía sobre lo que conocía, vivía y sabía. En sus obras hay la presencia del léxico regional-popular y, específicamente, en las palabras de sus personajes, las marcas de identidad regional y la riqueza vocabular que caracterizan el hablar de su pueblo. Elegimos como objetivo principal de esta investigación la construcción de un glosario de los romances mejor valorados por sus lectores y críticos. Partimos de la hipótesis de que su cultura y su conocimiento lingüístico sobre su pueblo lo llevaron a concebir personajes cuyas palabras pudieran representar el hablar nordestino, la sociedad como él conoció y la cultura del pueblo con que convivió. Defendemos que la mejor forma de demostrar el valor de sus obras es a través de un glosario de las novelas *O Anjo do Quarto Dia* y *Emissários do Diabo*. Para la construcción de éste, asumimos los preceptos de la Lexicografía y elencamos, con base en Pottier et alii (1973), lexias simples, compuestas, complejas y textuales empleadas por personajes de diferentes niveles sociales, sexo, edad, escolaridad y profesión, conforme el reconocimiento de que la sociedad representada en las obras es estratificada, como atestiguan las enseñanzas socio y etnolingüísticas de Coseriu, para quienes la lengua se divide en sistema, norma y habla. Tomamos, pues, como pertenecientes al hablar regional las palabras de los personajes creados por el autor. En la búsqueda de la identificación de los significados más adecuados para las entradas que concebimos en el glosario, consultamos diccionarios regionales y de lengua, y verificamos la diccionarios de las unidades léxicas, a fin de evaluar lo que pertenece o no a la norma regional, lo que pertenece o no al el sistema y el que consiste en la creación del autor. Refuerzan nuestras discusiones sobre léxico regional y sobre las relaciones entre lengua, sociedad y cultura los preceptos de Aragão (2005, 1999, 1983), Biderman (2001a, 1987), Bortoni-Ricardo (2009), Preti (2003), Calvet (2002), Barbosa (2001, 1993) y Cardoso (2010, 2001). Balizan aún nuestro hacer lexicográfico las enseñanzas de Haensch et alii (1982), Biderman (2001b) y Faustich (2010). Sobre Gilvan Lemos y su pueblo, seguimos a Jamir e Silva (2006), Freyre (1982, 1969) y Correa (2017). Concluimos que la lengua del pueblo en la novela gilvaniana, desde el punto de vista léxico, es la lengua de aquel pueblo creado en sus obras, cuyas historias pasan en lugares que representan la tierra natal del autor y sus alrededores, pero no necesariamente corresponde a la norma real de aquel lugar. Es una creación que dibuja la realidad, con base en la subjetividad del autor.

Palabras clave: Léxico; Gilvan Lemos; Literatura regional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	20
1.1 Lexicologia	22
1.2 Lexicografia	28
1.3 Semântica	34
1.4 A Indissociabilidade entre Língua, Sociedade e Cultura: Dialeto- logia, Sócio e Etnolinguística.....	38
1.4.1 Dialeto- logia.....	39
1.4.2 Sociolinguística	42
1.4.3 Etnolinguística	46
2. A LÍNGUA DO POVO NO ROMANCE GILVANIANO	48
2.1 Sobre o Autor e Suas Obras	54
2.2 Sobre os Personagens em O Anjo do Quarto Dia	63
2.3 Sobre os Personagens em Emissários do Diabo	73
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DO GLOSSÁRIO	83
3.1 Pesquisa Bibliográfica	84
3.2 Universo da Pesquisa.....	85
3.3 Seleção do Corpus.....	86
3.4 Fichamento do Corpus	87
3.5 Análise do Corpus	88
3.6 Estruturação do Glossário	89
3.6.1 Da macroestrutura	89
3.6.2 Da medioestrutura.....	90
3.6.3 Da microestrutura	90
4. GLOSSÁRIO DE O ANJO DO QUARTO DIA E EMISSÁRIOS DO DIABO	92
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	189
APÊNDICE A	202
APÊNDICE B	210

INTRODUÇÃO

Os estudos lexicológicos, dialetológicos, sociolinguísticos e etnolinguísticos apontam para uma indissociabilidade entre língua, sociedade e cultura, como demonstra grande parte das contribuições dessas ciências no campo de análise e descrição da língua em uso por diferentes grupos sociais, especialmente na oralidade. Contudo, há também aqueles que buscam, na literatura, comprovar as diversas teses das áreas supracitadas, ao verificarem que ela identifica a cultura do homem escritor e de sua sociedade, através de sua língua. Dentre eles estão trabalhos que se voltam para autores nordestinos, de estilo regionalista, os quais revelam grande riqueza no léxico de suas obras, especialmente nas falas de personagens. Este trabalho é, pois, um exemplo disso e, com ele, temos a oportunidade de relevar, na obra literária do autor Gilvan Lemos, o léxico regional-popular do povo pernambucano.

Classificado como neorregionalista, o romancista que dizia só ter feito o estudo primário, em referência ao que hoje se concebe como Ensino Fundamental, nos anos iniciais (1º ao 5º ano), e que escrevia sobre o que via, conhecia e sabia, construiu boa parte de sua literatura embasada na realidade do povo de uma região específica, mais precisamente sua cidade natal, São Bento do Una, situada no agreste de Pernambuco. Em sua obra, há a representação das estruturas sociais peculiares ao interior, tipos estereotipados bem conhecidos das comunidades que nele residem e, principalmente, o uso de uma linguagem que identifica seu povo. Mas o autor não se dizia regionalista, nem se achava equiparável a autores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, por exemplo, consagrados pela crítica literária nacional.

Preferia o anonimato, a reclusão, evitando participar de grupos literários, eventos e até concursos, ainda que tenha recebido prêmios no início da carreira e homenagens em vida. Foi por incentivo de Osman Lins, outro escritor daquele estado, que Gilvan se convenceu e submeteu sua obra à avaliação da crítica, nos anos de 1950. Porém, nos últimos anos de vida, manifestava certo descontentamento com os caminhos da literatura regional, dizia que não tinha mais nada para fazer, que “a fonte tinha secado”, pois não possuía mais ideia. Acima dos 80 anos, culpava a velhice, “pior castigo que Deus deu ao homem”, pela falta de vontade de escrever. Morreu aos 87, em casa, sozinho, em Recife, cidade onde escreveu a maioria de suas obras e que, junto com São Bento do Una, espelhou os cenários de suas histórias. Desta última, Gilvan apropriou-se não só das paisagens ou das estruturas sociais, mas também da

fala das pessoas, a fim de emprestá-la a seus personagens. Fala e perfil de um povo que conheceu; portanto, a língua das pessoas com as quais conviveu no interior de Pernambuco está presente em boa parte dos romances de Gilvan Lemos, os quais doravante chamaremos de gilvanianos. Ele mesmo confessa isso em diversas entrevistas que concedeu, tanto na obra biográfica recentemente lançada pela Editora Cepe quanto nos diálogos gravados em programas de rádio e TV, disponíveis no YouTube. Em conversa com o Prof. Moisés Neto, por exemplo, afirmou: “Eu escrevo sobre o que eu conheço, sobre o que eu vivo, sobre o que eu sei”.

Ocorre que, se Gilvan disse que escrevia sobre o que ele conhecia, vivia e sabia, então ele deveria conhecer bem a realidade sociocultural de sua terra. Deve ter visto e ouvido as pessoas de lá falarem, agirem; e devia saber sobre a sociedade desse lugar, pois sobre ela escreveu. Inspirado naquele povo, concebeu seus personagens e, atrelada a ele, sua linguagem. Talvez, o romancista pernambucano, falecido em 2015, que deixou um legado de 12 romances, não soubesse a dimensão de sua obra, quando punha em xeque a classificação que lhe conferiram os teóricos da literatura. Ou talvez ele não reconhecesse a importância de seu trabalho para a ciência linguística, que também se debruça sobre os textos escritos para indagar e propor teses sobre a linguagem. Na verdade, sua obra é relevante para a própria língua portuguesa falada no Brasil, especificamente no Nordeste, porquanto represente um estrato do falar dessa região, num lugar específico, ainda que se trate de texto ficcional.

Assim, sem pretendermos discutir o mérito dos críticos literários, optamos por nos dedicar, neste trabalho, ao estudo da linguagem empregada no romance gilvaniano. Especificamente, dedicamo-nos à linguagem que o autor atribui a seus personagens, do ponto de vista léxico-semântico, nos livros *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*, cujos enredos se desenrolam em cidades de interior, fictícias, mas que representam São Bento do Una. Interessa-nos, portanto, a língua representada artisticamente, de uma dada localidade, o que confere a este trabalho um olhar dialetológico, ainda que não pretendamos demarcar de modo preciso limites espaciais às ocorrências léxicas que apresentamos. Além disso, há uma preocupação sociocultural que emerge da obra de Gilvan, quando este acena para a estratificação social que evidenciou, com uma sociedade em que poderosos e miseráveis vivem seus conflitos particulares e os verbalizam em linguagem regional. Por isso, lançamos também um olhar sócio e etnolinguístico sobre o léxico dos personagens, uma vez que suas palavras refletem seu modo de viver, sua organização e também as coisas que conhecem ou nas quais acreditam.

Uma parte dos romances do autor trata de lugares que Gilberto Freyre chamou de *rurbanos*. Ou seja, ambientes urbanos, mas em cidades que também contêm características rurais. Neste sentido, toda estrutura da casa grande, dos aglomerados habitacionais em torno dela, da vassalagem dos empregados, a miséria, a influência e as caricaturas eclesiásticas, a dominação da mulher pelo homem, todas as características socioculturais da vida rural se misturam em pequenas cidades do interior e reproduzem a mesma estrutura social, política e cultural, as quais vão refletir na linguagem do povo que é evidenciado nessas cidades. Histórias como a de Orico Gonçalves Rezende, por exemplo, um retirante que chega a uma cidade pequena em busca de um trabalho qualquer e ascende, com o passar dos anos, ao ponto de tornar-se dono da mesma, indicam a influência e a tirania exercida por pessoas ricas: dos favores com emprego a privilégios sexuais que conseguiam, na impunidade, na ilegalidade. Mas também evidenciam as dificuldades por que passa o cidadão pobre do interior, sem oportunidades, jogado nas ruas, na prostituição, no esquecimento ou na lembrança das pessoas como um “*lesento*”, a exemplo do escritor autodidata Codó.

É nesse contexto que se desenrola a história de *O Anjo do Quarto Dia*, romance que recebeu o Prêmio Érico Veríssimo, em 1981, e figura como obra explorada pela teoria literária no meio acadêmico. Objeto de tese de doutorado (JAMIR E SILVA, 2006) e dissertação de mestrado (OLIVEIRA, 2011), esta obra traz a linguagem como aquilo que acreditamos ser a marca que mais identifica o regional em Gilvan Lemos, uma vez que sua temática é mais universal que particular, pois, ainda que a estrutura social nos faça reconhecer a cidade interiorana, os conflitos que na obra se apresentam vão além dos dramas convencionais do regionalismo literário: não há a seca, não há a cana-de-açúcar, não há o retirante no centro do drama; contudo, há a velhice, a politicagem, a impunidade, a exploração, a corrupção, temas que permeiam a arte literária universal, em diferentes escolas. E tudo isso se percebe através do léxico da região, no xingar, no “pervertido” dizer, no ironizar e mesmo no desabafar daqueles que almejam justiça.

Outra parte dos romances gilvanianos está mais ligada a áreas rurais. Neste sentido, o que se percebe é o conflito da terra: sua ocupação por famílias de classes distintas e as divergências com relação a posse da mesma. Portanto, ainda que a obra de Gilvan Lemos não foque o conflito sócio-político em si, mas o conflito das pessoas, os mais particulares ou familiares, tal conflito é pano de fundo que se apresenta em torno das particularidades de seus personagens. Desse modo, em *Emissários do Diabo*, apesar de haver o problema da terra, do latifúndio, é o conflito familiar o centro da obra. Conflito este que nasce da junção de famílias

no passado e gera questionamentos entre herdeiros, no presente. Assim é a tônica desse romance, cuja história gira em torno do valente Camilo, homem rude que luta para manter a posse de suas terras e vê no seu tio, o Major Germano Rodrigues, a figura de um rival que busca anexá-las. Juntam-se a isso um sentimento contido, paixão não vivida entre Camilo e a filha do Major, e as versões de Donana (mãe de Camilo) narradas em primeira pessoa, deslocando-se do tempo principal da obra e contradizendo as de Germano sobre a origem do sítio Degredo, que Camilo defende literalmente com a própria vida. Tem-se, então, uma história dinâmica e com um final repleto de ação, como em um filme de faroeste que o jovem Gilvan Lemos, na sua infância, desejava assistir. É mais uma vez a linguagem dos personagens que vai demarcando as mudanças na narrativa, desde o desabafar de Camilo, na sua aspereza com o empregado falastrão (Bastião), passando pelas explicações de Donana e Germano, até a chegada de cangaceiros, que, em companhia surpresa, desafiam a força de Camilo, aquele que tinha “mesmo parte com o cão”.

Ao adotarmos pressupostos linguísticos, mais precisamente léxico e dialetológicos, sócio e etnolinguísticos para esta pesquisa, buscamos nosso objeto, portanto, na linguagem empregada pelo povo que o autor desta obra concebeu; em especial, na observação da linguagem regional-popular e suas nuances do ponto de vista léxico-semântico. Ou seja, o objeto desta pesquisa é o léxico regional-popular empregado pelos personagens gilvanianos nesses dois romances. Neste sentido, tratamos a linguagem regional como produto cultural de um povo situado numa dada região do país, porque nela se reflete suas crenças e saberes específicos sobre o mundo e as pessoas que nele encontramos. As pesquisas léxico e dialetológicas, sócio e etnolinguísticas apontam para isso, quando abordam a língua na modalidade oral. Por outro lado, na modalidade escrita também é possível fazer interpretações sobre as visões de mundo, o saber sobre as coisas, os valores que carregam as palavras proferidas pelas pessoas de regiões diferentes. Sem poder inquiri-las, por se tratarem de personagens fictícios, resta-nos o enredo da obra, através do qual o autor pode entregar as características de seus personagens, seus traços de personalidade, suas crenças e sua condição social.

No entanto, ao examinar o material escrito, fruto da criação literária, inquietações passam a surgir, pois indagamos: como elencar as palavras e expressões que tornam a obra peculiar do ponto de vista da linguagem? E vamos além disso, quando vemos uma temática universal em linguagem regional: quais elementos da linguagem apontam isso? Se aceitarmos a língua como produto cultural variável, porém com traços que identifiquem uma determinada

região, se entendermos que há variações linguísticas diversas em um livro que se propõe representar uma dada sociedade estruturalmente diversa também, que tipo de variações linguísticas permitirão identificar a sociedade nele representada? Como demonstrar a diversidade linguística de uma obra literária cientificamente? Quais técnicas, métodos, recursos ou meios são capazes de produzir um inventário de exemplos dessa diversidade na linguagem de uma obra literária regional?

Assim, cremos que é no léxico, inventário de palavras da língua de um povo, que podemos reconhecer a riqueza linguístico-cultural que marca a obra desse autor e demonstrar, com um número de exemplos satisfatórios, sua diversidade linguística. Por isso, esta pesquisa elege, como *objetivo geral*, construir um glossário do léxico extraído dos romances *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*, obras sobre as quais lançamos um olhar léxico e dialetológico, sócio e etnolinguístico, para demonstrar o rico repertório que Gilvan Lemos emprestou a seus personagens, na construção de uma obra que espelha, pela língua, sua terra natal e seu povo.

Partimos da hipótese de que a cultura de um autor o impulsiona a escrever com os termos próprios de seu povo, a fim de representá-lo, e entendemos ser de grande importância a investigação do léxico empregado em obras literárias, porquanto nele possamos observar a interface sociedade-cultura, ainda que não se trate de falantes reais. Em diversas entrevistas concedidas ao longo de sua vida, Gilvan Lemos afirmou que se baseava nas histórias de São Bento, que as cidades de seus romances eram São Bento, localidades dela ou cidades fictícias nela inspiradas. Assim é a história do menino misterioso que aparece repentinamente e depois some, como um presságio de morte para quem o vê. Morte que vem após quatro dias da visão do menino, belo menino, visão de um anjo. Ou a do rude homem que enfrenta capangas e cangaceiros com força descomunal, aparentemente “possuído do demônio”, tentando proteger seu pedaço de chão, após se iniciar um conflito oriundo da boataria espalhada, do leva-e-traz sobre sua valentia e das pretensões “perversas” de seu tio. “Parolices” de seu empregado e de um certo comerciante, comprador de queijos; emissários que inflamaram as relações da família.

Além da inspiração para suas histórias, consideramos que as falas dos personagens contêm o esforço do autor para demonstrar a diversidade linguística da sociedade representada, com a estrutura social, política e cultural evidenciada ao longo das obras. Estratificada em camadas socioculturais, esta sociedade tem, nas falas do juiz, do escritor anônimo, do político, da mulher analfabeta e miserável, da prostituta, do estudante de Direito

e do policial, por exemplo, a diversidade linguística que Gilvan conhecia, pois a ouvia da boca do povo com o qual conviveu e buscou representar através da língua dos personagens que criou.

Desse modo, acreditamos que a língua do povo que o autor conheceu se faz presente em seus livros e, para demonstrá-la com mais clareza em glossário, traçamos os seguintes *objetivos específicos*: a) realizar levantamento de lexias de cunho regional-popular empregadas pelos personagens dos romances em estudo; b) compor fichas lexicológicas e de personagens, para discussão sobre a língua do povo que os romances apresentam; c) pesquisar significado das lexias em dicionários regionais e de língua; d) interpretar significados à luz do arcabouço teórico escolhido, a fim de construir definições mais apropriadas às obras; e) adotar procedimentos e métodos lexicográficos adequados à construção de um glossário de obra literária.

Para o cumprimento dos objetivos aqui traçados, iniciamos o capítulo 1, *Bases teóricas*, tratando de conceitos fundamentais ao nosso trabalho e do entrelaçamento das Ciências do Léxico com a Semântica, como primeira seção. Nela esmiuçamos os pressupostos mais relevantes de cada uma, iniciando pelos da Lexicologia, que entende o léxico numa visão coletiva, de inventário, conjunto de palavras ou vocábulos, que reúne a herança sociocultural de uma comunidade e espelha a organização dela pelas palavras que nomeiam as coisas, segundo acenam Pires de Oliveira (1998, 2001) e Biderman (1987, 2001a). Arelados a essa visão lexicológica, adotamos os preceitos léxico-semânticos de Pottier et alii (1973), que distingue os tipos de lexias existentes no inventário de palavras conhecidas e partilhadas pelos usuários de uma língua.

Para apontar os pressupostos teóricos que balizam o trabalho de compilação das lexias, adotamos os ensinamentos da Lexicografia, ciência dos dicionários. Mais precisamente, buscamos apoio em Haensch (1982a, 1982b), sobre os tipos de obras lexicográficas e os aspectos práticos para elaboração do glossário; atentamos para os conceitos de Werner (1982), a respeito dos tipos de definição que explicam os significados das lexias tomadas como termos-entrada; tomamos por base os exemplos de Fausltich (2010) sobre a organização dos verbetes; e seguimos as instruções de Biderman (2001b), no que tange às escolhas daquilo que deve (e como deve) entrar no glossário bem como a definição do que este vem a ser. Entendendo que esta é a ciência do fazer lexicográfico, tomamos dela os parâmetros com que se elabora um dicionário, para apontarmos os conceitos e empregarmos os métodos e técnicas que balizam a construção do glossário de *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo*.

Fechamos a primeira seção desse capítulo inicial com os ensinamentos de Lyons (1979, 1981), a respeito dos princípios semânticos e, respectivamente, suas contribuições sobre a relação entre língua e cultura, para quem esta tem a ver com conhecimento adquirido em sociedade. Acrescidos a esses conceitos, importam as considerações de Ullmann (1964) e Oliveira (2001) as quais, cada uma a seu tempo, traçam os caminhos da ciência do significado em suas diferentes vertentes teóricas. Assumimos, por fim, nossa aproximação com a Semântica Formal, de base saussureana, sem desprezar por completo preceitos da Semântica da Enunciação e da Cognitiva, e apontamos a direção em que a convergência entre os estudos lexicológicos, lexicográficos e semânticos pode seguir.

Já na segunda seção, tratamos da indissociabilidade entre linguagem, sociedade e cultura. Como nos detemos no *falar regional*, têm grande validade para essa discussão os pressupostos da Dialetologia, que Aragão (1983, p.14) diz ser a ciência que “estuda também as causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais”. Seu percurso histórico, conforme aponta Cardoso (2001, 2010), denota que esta ciência evoluiu da observação do texto escrito para o exame da oralidade, demarcando os limites espaciais a que a língua se fixa ou atravessa. Sobre essa e outras questões relativas à investigação do ponto de vista espacial da língua – e regional – distinguimos a Dialetologia da Geolinguística, sem colocá-las em planos apostos, apenas demarcando suas particularidades, as quais fazem delas ciências complementares.

Ainda sobre a relação de indissociabilidade a que nos referimos acima, assumimos as visões da Sociolinguística e da Etnolinguística, seguindo os preceitos de Coseriu (1987), para quem a língua é vista sob a ótica tripartida de *sistema*, *norma* e *fala*; e a cultura tem a ver com saber das pessoas sobre as coisas. Também balizam essa pesquisa os ensinamentos de Aragão (1983, 1999 e 2005), sobre a relação entre linguagem e cultura, linguagem regional, dialetos e falares, na perspectiva de que se compreenda que a cultura de um determinado grupo social está refletida em sua língua.

No capítulo 2, *A língua do povo no romance gilvaniano*, dedicamos nossas discussões ao autor, sua obra e seus personagens, sem deixar de discorrer sobre a linguagem por eles empregada. Interessa-nos, então, traçar um breve histórico do autor e discutir sua relação com sua obra e seus personagens, atentando para pontos de seus romances que remetem sua própria história de vida e à sociedade com a qual ele conviveu. Traçamos também paralelos entre os personagens, sua linguagem e as revelações que o autor fez em entrevistas concedidas ao longo de sua vida, reforçando nossas interpretações sobre o povo que concebeu de modo

fictício e a linguagem que a ele atribuiu. Neste sentido, é de suma importância traçar o perfil dos personagens que identificamos e discutir a língua que eles falam, a luz dos conceitos de língua, sociedade e cultura, apregoados por Coseriu (1982, 1987) e reforçados por Aragão (1983, 1999 e 2005).

No capítulo 3, indicamos os caminhos metodológicos adotados, desde a leitura dos romances e identificação de lexias à elaboração do glossário propriamente dito. Ou seja, discorreremos, nessa seção da tese, sobre a coleta de dados nos textos do autor e sobre a micro e macroestrutura do trabalho lexicográfico que desenvolvemos.

No capítulo 4, *Glossário de O Anjo do Quarto Dia e Emissários do Diabo*, apresentamos o resultado de nossa pesquisa, do ponto de vista lexicológico e lexicográfico. Nele empregamos definições que consideramos mais apropriadas à obra do autor, fornecendo caminhos de interpretação para leitores não familiarizados com o léxico dos romances gilvanianos. Além disso, fornecemos a dicionarização das lexias usadas no glossário e os contextos de uso, nas obras, com indicativo de personagem e página.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, seção em que fazemos um apanhado geral de nossa pesquisa, partindo do valor que acreditamos que ela tenha para os estudos linguísticos e literários que se debrucem sobre a obra de Gilvan Lemos, passando pela recapitulação das bases teóricas que sustentam nosso estudo e concluindo com dados que o glossário dos romances *O Anjo do Quarto Dia e Emissários do Diabo* pode nos revelar. Sobre ele, citamos alguns números que cremos ser relevantes para fundamentar nossa tese, que trata da língua do povo no romance gilvaniano, concebido sob influência da cultura pernambucana e com base no conhecimento linguístico e de vida do autor, como representação de seu povo, mas que é, na verdade, criação do autor, arte literária, desenho de uma realidade.

1. AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

Embora os pilares que fundamentam nosso trabalho estejam fincados na esteira de um pensamento estruturalista cuja visão de língua vem desde Saussure e sua divisão do signo linguístico entre *significante* e *significado*, ao se estenderem a Eugenio Coseriu, com sua concepção tripartida de *língua*, *norma* e *fala*, admitindo os planos de *expressão* (significante) e *conteúdo* (significado), em termos hjelmslevianos, culminam no caráter social, que Saussure já admitia, mesmo não necessariamente nos moldes apregoados na atualidade, tornando tal caráter inseparável das discussões a que nos propusemos aqui.

Isto porque, se para Saussure (2006, p.27), “a língua é social em sua essência”, os estudos sócio e etnolinguísticos que seguem na linha de Coseriu tratam de revisar essa essencialidade, não colocando o falar concreto em plano secundário, mas no centro das questões que se proponham a responder sobre a língua e sua relação com o meio social, que é também cultural. Daí Coseriu pensar a língua sob três vieses: diatópico, diastrático e diafásico, que são, na verdade, uma forma de conceber a língua como construção social variável de acordo com o espaço, com a estratificação social e com as situações comunicativas específicas, respectivamente. Nessa perspectiva, a língua é, pois, um sistema (*langue*), mas também é norma social de cada comunidade linguística e que recebe contornos particulares nos atos de fala de cada usuário (*parole*), sem que eles, contudo, escapem de todo à norma a que pertencem.

Por outro lado, outros pesquisadores que se preocuparam com as unidades de sentido na língua, como palavras e frases, desenvolveram por décadas, muito antes de Saussure, inclusive, estudos do ponto de vista do léxico das línguas e do significado de suas palavras. No entanto, esses eram estudos mais voltados para o sistema, para seu funcionamento, seu elenco de unidade lexicais e para os sentidos aos quais elas se dirigiam. Nesse caso, as ciências do léxico caminharam em paralelo à ciência do significado: a Semântica.

Além disso, os estudos sobre o léxico não só fazem fronteira com a Semântica, ao considerar a dimensão significativa das palavras que o compõem, mas também se ligam à Dialetologia e à Etnolinguística, pois essas áreas se voltam para as relações entre as palavras e as coisas, “isto é, sobre as relações entre a língua e cultura” (BIDERMAN, 2001a, p.16). Contudo, considerando que a língua comporta a norma, que comporta a fala, e que esse esquema coseriano não prescinde da sociedade, está ainda relacionada neste trabalho que aqui apresentamos a Sociolinguística, uma vez que esta é uma vertente da ciência linguística que se ocupa dos reflexos da estratificação social na língua.

Nesse sentido, este é um trabalho interdisciplinar, se se pensar cada área supracitada com uma disciplina da Linguística. Por isso, ao considerarmos a língua nos moldes coserianos, dentro de uma perspectiva indissociável entre língua, sociedade e cultura, não haveria como desenvolver um trabalho dessa ordem sem uni-las. Assim, Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Dialetoлогия, Sociolinguística e Etnolinguística são todas ciências com métodos e objetivos próprios, mas que precisam ser reunidas, quando buscamos resultados sobre produções culturais escritas, ou seja, as obras literárias de um autor regional.

A Lexicologia e a Lexicografia, respectivamente ciências que se ocupam de identificar e analisar o inventário de palavras de uma língua, e de registrá-las, sempre estiveram em ligação com a Semântica, e os problemas de natureza teórica que esta suscita desembocam nas outras. A última, como nos ensina Biderman (2001a), possui estudos antigos, voltados para textos bíblicos e da antiguidade clássica, só ganhando os contornos atuais a partir dos séculos XVI e XVII. Em língua portuguesa, por exemplo, os primeiros dicionários de referência datam do século XVIII, como o de Antônio Morais Silva (1798), que, junto com o Vocabulário Português-Latino, de Rafael Bluteau (1712-1728), constitui “os primeiros dicionários de língua portuguesa dignos do nome” (BIDERMAN, 2001a, p.17). Já a Lexicologia, que também é uma ciência antiga, ao categorizar e estruturar o léxico, por sua vez, só o faz porque o próprio léxico “se estrutura segundo padrões hierárquicos e sistemáticos” (BIDERMAN, 1987, p.84). Dessa forma, ambas ciências do léxico, tanto no estudo da organização natural quanto na compilação escrita estão relacionadas à Semântica, pois precisam estudar as palavras e defini-las consoante um significado contextual das mesmas.

Por isso, se nos propusemos investigar obras literárias do ponto de vista do léxico para, em seguida, construir um compêndio de unidades léxicas cuja representação escrita requer definições de significados próprios a essas obras, considerando a sociedade e a cultura na qual elas se inscrevem, é necessário que esclareçamos a que conceitos dessas ciências nos deteremos. Também o é a exemplificação de seus estudos, métodos e técnicas, a fim de que apontemos os caminhos em que nos baseamos para construir este trabalho e defender a tese que nele apresentamos, a qual dialoga com as palavras de Vilanova (1984), sobre as escolhas vocabulares de um escritor¹, mas toma rumo próprio, não aceitando o determinismo a que tais

¹ Para esse autor, “a eleição vocabular estará determinada pela formação cultural do escritor ou pela natureza do gênero literário” (VILANOVA, 1984, p.53). No caso de Gilvan Lemos, então, tanto o gênero romance quanto a cultura regional e/ou pernambucana determinariam as palavras escolhidas por ele em suas obras. Discordamos em parte dessa linha de pensamento por acreditarmos que a criatividade de uma autor de literatura possa extrapolar sua própria cultura. Porém, acreditamos que o gênero romance, no desenho que o autor pretendeu para

escolhas estariam submetidas e sim uma visão de relação com a sociedade e de influência cultural, na linha do pensamento coseriano.

1.1 Lexicologia

Não há lugar melhor para se verificar as visões de mundo de uma sociedade que o conjunto de palavras por ela usado, visto que é através delas que o indivíduo mergulha nos sistemas de valores que partilha com sua comunidade linguística. Valor entendido aqui não como aquilo que se almeja, mas como crença, aquilo em que se acredita ou o que se pratica, de costume, com base no conhecimento sobre o mundo enraizado nas palavras que se proferem, que se escutam e que também se escrevem. Estas se reúnem num conjunto “que representa a herança sociocultural de uma comunidade”, suas normas sociais e testemunha sua própria história: o léxico, conforme sustenta Pires de Oliveira (2001, p.109).

Para Barbosa (1993, p. 1), por sua vez, o léxico é, “por certo, o espaço privilegiado de um processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação de sistemas de valores”. Por produção entendemos a própria capacidade criativa do léxico, que segue os parâmetros disponibilizados pelo sistema linguístico para promover sua renovação com o surgimento de novo repertório continuamente. É também acumulativa a construção desse repertório lexical, com palavras e expressões que vão se juntando e ampliando o elenco disponível, que possui ainda a capacidade de se transformar, devido à dinamicidade com que esse repertório se processa ao longo da história da língua, fazendo surgir e apagar unidades lexicais. Entendemos, por fim, que o léxico contém um processo de diferenciação de sistemas de valores, porquanto reconheçamos a diversidade com que ele pode representar um ou outro grupo de usuários da língua, de acordo com a estratificação da sociedade e os propósitos da interlocução em diferentes situações de uso. É através dele, portanto, que se pode buscar compreender as visões de mundo de um grupo e as relações entre unidades lexicais e contextos socioculturais.

Segundo Biderman (1987), por sua vez, o léxico de uma língua se constitui a partir de um processo de nomeação das coisas pertencentes ao meio com o qual o homem interage cognitivamente. Esta é uma visão que, para além do aspecto cultural, tem a ver com o

as suas obras cujos personagens foram construídos com inspiração em pessoas reais ou em histórias que ele ouviu, seja determinante para as escolhas das lexias empregadas por seus personagens.

processamento cognitivo do cérebro humano, que é visto como o responsável pela capacidade de o homem rotular os objetos do mundo. Ressalta a autora que:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 1987, p. 81)

Trata-se também de uma visão histórica e evolutiva da língua, a respeito da construção do acervo de palavras que a compõem. Estas são os signos linguísticos que se cristalizam após os “atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência” humana. Neste sentido, podemos dizer que o processo de geração do léxico se deu e se dá por meio de tais atos, que resultam nas palavras. Isto nos autoriza, portanto, a crer que um autor de obra literária, imerso nesses processos de cognição e categorização, empresta a seus personagens sua experiência humana com as coisas, a fim de que eles possam nomeá-las.

Por outro lado, na introdução do livro *As ciências do léxico*, Biderman define léxico como patrimônio, tesouro cultural abstrato, herança de uma série de modelos categoriais, já que o homem categoriza o mundo pelas palavras, gerando novas, conforme sua experiência com o mundo. Segundo ela:

Os modelos formais de signos linguísticos preexistem, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes justamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical. (BIDERMAN, 2001a, p.14)

Sendo assim, não compete ao usuário da língua, salvo pelas inovações que o sistema permite, moldar o léxico conforme sua intenção criativa, sem que lhe seja concedido o crivo da comunidade linguística. Sobre isso, vale ressaltar o que diz Barbosa (2001), ao tratar do neologismo. Para esta autora, embora exista na língua a força renovadora, há também a conservadora, as quais agem na tensão para a renovação lexical de acordo com a aceitabilidade dos destinatários aos quais as novas palavras são dirigidas. Sobre essa questão, aponta:

Criado, o neologismo só passa a ter esse estatuto, se o seu uso se generaliza a ponto de ser um vocábulo disponível de, pelo menos, um grupo de indivíduos; depois, começam a empregá-lo e, assim, se vai dando difusão; doutras vezes há uma rejeição natural ou intencional do termo e esse desaparece ao nascer. O julgamento da aceitabilidade se processa no meio social, depende não só da vontade individual como também de um consenso social e cultural. (BARBOSA, 2001, p.38)

Diante disso, entendemos que não é suficiente inventar novas palavras, ainda que à intenção criativa se unam permissões do próprio sistema linguístico. É preciso também que os novos componentes, aspirantes a fazer parte do léxico, recebam aval da comunidade, sendo aceitos por ela, por corresponderem às necessidades que a mesma demanda. No caso do escritor, isso se torna ainda mais complexo, pois ele, mesmo que apele à sua criatividade, deverá ter em conta que escreve para que outros o leiam. Sua liberdade criativa, nesse caso, vai limitá-lo ao objetivo de ser entendido. Em obras literárias regionais, nas quais a identidade linguística com a comunidade local é pretensa e comumente alcançada, a criação lexical segue esse modelo, conforme a aceitabilidade de vários locutores (leitores e falantes da variedade regional) e compatibilidade com a língua, como Barbosa preconiza.

Dessa forma, não resta muito a um autor como Gilvan Lemos, que se proponha representar a língua do povo, conforme os falares das pessoas que ele viu e ouviu, senão mergulhar no que existe e reproduzir o que sobre ela conhece, se quiser ser fiel ou buscar proximidade com aquilo que a língua lhe apresenta. Ou seja, aquilo que o autor verbaliza está dentro do repertório linguístico que conhece, partilhado com a comunidade de que participa. Ao fazê-lo, por outro lado, constrói um retrato dela através das palavras que põe nas falas de seus personagens, pois, como acena Pires de Oliveira (1998, p. 110), o léxico é o “nível linguístico que melhor espelha o modo como uma sociedade vê e organiza a realidade”.

A Lexicologia, ciência antiga, que se debruça sobre a análise de palavras, categorias lexicais e a estruturação do léxico, faz fronteiras com a Semântica, ao considerar a dimensão significativa da palavra; com a Dialectologia, quando investiga as unidades lexicais de acordo com determinadas localidades em que a língua varia do ponto de vista dialetal; com a Etnolinguística, tendo em vista que se atém a relações entre palavras e coisas, língua e cultura; e com a Sociolinguística, quando os estudos lexicológicos consideram as variações socioculturais que refletem, no léxico de uma língua, a estratificação da sociedade. É por isso que se pode falar, também do ponto de vista lexicológico, em linguagem dos jovens, dos idosos, dos políticos, dos detentos, dos quilombolas, dos economistas, das feministas, enfim, dos diversos estratos sociais e universos de discurso possíveis, pois, para cada um deles, é possível reconhecer unidades lexicais peculiares. Assim, podemos considerar a obra de Gilvan Lemos como um bom exemplo do reflexo da estratificação social pela linguagem, quando vemos a linguagem de religiosos, de prostitutas, cangaceiros, policiais, empregados de fazenda e até juízes. Algumas mudanças na linguagem, de um tipo de personagem para outro,

são bem significativas, mas em todos existe um nexo com a linguagem regional do ponto de vista do léxico.

No caso dos regionalismos lexicais, temos outra possibilidade de variação na língua, assim como as diferenças de linguagem supracitadas. Aqui restringimos a compreensão de regionalismo ao que preceituam Biderman (2001b) e Pires de Oliveira (2001), autoras para as quais esse conceito tem base contrastiva, uma vez que a variação regional se situa frente a um padrão de referência: a língua portuguesa do Brasil. Biderman (2001b, p.136) define regionalismo como “qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo linguístico Rio/São Paulo”. Trata, pois, o tema dentro do contraste entre a referência àquele eixo e aos outros territórios. Já Pires de Oliveira (2001, p.110) lembra que o português brasileiro, que não é homogêneo, é variante linguística do português europeu e atenta para os fatores que contribuíram para a heterogeneidade de nosso idioma, do ponto de vista lexical. Diz a autora:

Podemos verificar, mormente no âmbito do léxico, “marcas” regionais por vezes bastante afastadas entre si devido, principalmente, às grandes extensões geográficas de nosso território, ao isolamento em que se encontram algumas de nossas regiões e, em alguns casos, à influência de povos procedentes de outros pontos da Europa. Acrescenta-se, ainda, a influência exercida pela intensificação do processo migratório verificado em nosso país. (PIRES DE OLIVEIRA, 2001, p.110)

Essas marcas são as palavras próprias de determinadas comunidades linguísticas, correspondentes a regiões, estados e/ou cidades. Vê-se, portanto, que as variações dialetais do ponto de vista lexical surgem devido à influência tanto do espaço quanto das diferenças de formação do povo. No primeiro caso, as grandes extensões do país, com o isolamento de determinadas comunidades, junto com a norma de uso, não permitem que as palavras atravessem com tanta facilidade os limites espaciais. Por outro lado, a formação do povo brasileiro, com miscigenação de diferentes povos, migrantes, não se deu de modo único; foi paulatino, com a chegada de portugueses, holandeses, italianos, japoneses e outros. Isso em diferentes regiões, o que culminou na formação de um léxico cujas unidades podem ter herança de determinados povos numa região e, em outra, heranças lexicais oriundas de outros migrantes, ou até mesmo de nativos e escravos. O que vai conferir ao léxico regional, por sua vez, a ideia de unidade é a norma.

No entanto, quando a autora ressalta que a norma tem sua parcela de influência nesse processo, é preciso entendê-la como costume linguístico de uma comunidade, hábitos de fala

que continuamente se verificam na sua tradição e, junto com os fatores acima citados, conferem à língua portuguesa do Brasil esse aspecto diverso em relação às diferentes regiões. Mesmo assim, tais diferenças não se restringem perfeitamente de uma região para outra de modo estanque, ou seja, sem que haja ocorrências de certas unidades lexicais que atravessem limites meramente espaciais. Pelo contrário, os falares regionais possuem elementos que perpassam de um lugar para outro: palavras e expressões que estão presentes em mais de um estado, ou que são utilizadas nas fronteiras de estados vizinhos, sendo representativas de mais de um espaço geográfico.

Neste sentido, distinguimos as variações lexicais regionais com base no critério contrastivo entre a norma de prestígio, cujas palavras têm registro nos dicionário de língua, sem nenhuma observação ou marca de regionalismo ou brasileirismo, e as palavras e expressões que se encontram em dicionários regionais ou que, mesmo que não sejam neles registrados, não figurem nos dicionários de língua ou sejam por eles classificados como regionalismos, brasileirismos ou quaisquer outras distinções que as diferenciem do enquadramento da norma prescrita. Assim, o léxico regional é constituído de unidades lexicais cujas ocorrências são mais bem percebidas numa determinada região (Nordeste ou interior pernambucano, por exemplo) em contraste com sua não-ocorrência ou baixa frequência em outras regiões do país.

A investigação dessas unidades lexicais parte do princípio de que elas remontam a significantes e significados unitários de um conjunto (o léxico). Cada unidade é chamada de *lexia*, que Pottier, Audubert e Pais (1973, p.26), definem como “a unidade lexical memorizada”. Para exemplificar, o autor lembra que o locutor, “quando diz *quebrar o galho, Nossa Senhora, pelo amor de Deus, bater as botas, barra-limpa, nota-promissória*, não constrói essa combinação no momento em que fala”. Não se trata, portanto, de criar uma justaposição, aglutinação, composição ou qualquer outra “arrumação” linguística, fazendo uso de algum processo de formação de palavras para trazer um elemento novo, inédito à língua. É uma operação na qual o falante tira cada unidade do conjunto de sua memória lexical, para, por conseguinte, pô-las em discurso; ou seja, as *lexias*, de diferentes tipos, estão igualmente memorizadas e à disposição do falante.

No caso de *lexias* regionais presentes em mais de um estado, podemos afirmar que há uma memória lexical muito parecida. Assim, há grandes coincidências, por exemplo, nas *lexias* memorizadas por alagoanos e pernambucanos, pois a memória lexical dos falantes de

ambos estados se constituiu a partir de influências muito parecidas, devido à pequena distância entre eles².

Sobre os tipos de lexias, os autores supracitados ainda propõem a divisão em quatro: *simples*, *composta*, *complexa* e *textual*. As *lexias simples* correspondem aos morfemas lexicais simples, que se constituem de um radical apenas, combinados a morfemas gramaticais (*quent – ura = quentura*); as *compostas* equivalem aos nomes compostos, em que são justapostos dois morfemas simples para significar apenas um semema (*pomba lesa*); as *lexias complexas* são expressões curtas, locuções, palavras que só fazem sentido para aquilo a que se propõem no conjunto ou que, mesmo sem a justaposição, significa uma unidade semêmica (*putas de pés de muro*); e as *textuais*, para as quais os autores reservam as frases feitas, provérbios, fraseologias, entre outras, conservam-se no acervo linguístico, admitindo, porém, algumas variantes (*estar enganado com a cor da chita*).

Neste sentido, os falantes que da língua fazem uso, espalhados geograficamente, possuem conjuntos léxicos, sejam lexias simples, compostas, complexas ou textuais, não completamente diferentes, mas peculiares a determinadas estados. No Nordeste, ainda que haja uma aparente unidade, as diferenças se fazem perceber de tal forma que é possível considerar o *falar cearense*, o *pernambucano* ou o *baiano* (ou falares), pois há palavras que são mais comumente utilizadas por falantes de um estado ou cidade específicos, a ponto de serem desconhecidas noutras localidades, ou serem usadas com pequenas diferenças de significado. São tantas diferenças no Brasil inteiro que os exemplos dessa diversidade lexical permitem falar, ainda que sem razões científicas mais precisas, em *cearês*, *pernambuquês* ou *baianês*, todas como variações dialetais do português brasileiro. Por isso, vale ressaltar a distinção que faz Isquierdo (2007), ao tratar da diferença entre vocabulário comum e regional. O primeiro abarca todo o território nacional, “onde a língua é usada como instrumento de comunicação e interação, por falantes de diferentes classes sociais e de atividades profissionais diversificadas”. Quanto ao segundo, define assim a autora:

Já o vocabulário regional remete à questão dos regionalismos, ou seja, as unidades lexicais, cujo uso é restrito a determinadas regiões, muitas delas relacionadas a atividades específicas do meio rural. Trata-se do léxico

² Mario Marroquim (1996) afirma que o Rio São Francisco foi o grande responsável pela ligação linguística entre os povos de Pernambuco e Alagoas. Defendeu ele que “a formação histórica de alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação linguística.” Assim, devido ao processo de povoamento na época da colonização, Pernambuco exerceu grande influência sobre Alagoas, que, por sua vez, escapou dos baianos devido a separação pelo rio.

cultural [...] recortes lexicais que evidenciam marcas culturais e, consequentemente, momentos históricos que caracterizam uma subcomunidade linguística. (ISQUERDO, 2007, p.198)

Com essa definição, assumimos a posição da autora supracitada e tomamos como regional o falar dos personagens das obras investigadas, porque suas falas se caracterizam exatamente pela presença de léxico cultural, de regiões interioranas, rurais ou rurbanas, e que representam um recorte histórico do estado de Pernambuco, do ponto de vista linguístico.

1.2 Lexicografia

Para demonstrar esse recorte na esteira dos estudos lexicais, contudo, é necessário utilizar métodos, técnicas e instrumentos peculiares, eficientes para a organização de exemplos do léxico empregado por usuários da língua. Assim, é preciso que nos voltemos para a Lexicografia, a ciência dos dicionários, a qual detém o arcabouço teórico sobre o qual nos debruçamos para construir o glossário dos romances gilvanianos.

Partimos do que sustenta Haensch (1982a), para quem o glossário é uma codificação lexicográfica, assim como os dicionários e vocabulários de obras literárias. Segundo este autor, esse tipo de trabalho lexicográfico tem como objeto os discursos individuais, diferentes das chamadas codificações do discurso coletivo: tesouro da língua. No entanto, não se pode entender por individual, nos termos do autor, o discurso único de um indivíduo, mas sim como incluído na norma de um determinado grupo. Nesse caso, o dicionário de língua é entendido como uma compilação das lexias da variedade linguística de referência, padrão, ou de prestígio³, ao passo que o glossário trata de um estrato específico da língua, um subsistema.

Por outro lado, o dicionário é definido por Biderman (2001b, p.132) como um produto cultural e comercial, que registra “a norma linguística e lexical vigente na sociedade para a qual é elaborado”. Trata-se de uma obra voltada para todos os usuários de uma língua, mas no

³ Sobre essa distinção, vale salientar o que preceitua Bortoni-Ricardo (2009), a respeito do prestígio que determinadas variedades linguísticas podem alcançar em qualquer país. Para essa autora, quando uma variedade regional é alçada “à condição de língua nacional em virtude de um processo sócio-histórico, adquire maior prestígio em detrimento das demais” (BORTONI-RICARDO, 2009, p.34). Defende ela, então, que, no Brasil, os falares de maior prestígio estão nas regiões economicamente mais ricas. Nesse caso, esta visão dialoga com a de Biderman (2001b, p.136), para quem o português brasileiro padrão estaria na região do eixo linguístico Rio-São Paulo.

sentido de prescrever seu uso, pois atesta o modo como se deve escrever e pronunciar as palavras, com base, geralmente, em fontes escritas, com exemplos da literatura canônica ou jornais de grande circulação, mas raramente embasado na oralidade da maioria das pessoas. Nesse caso, essa visão vai ao encontro da que Haensch apresenta, visto que esse autor também concebe dicionário como uma obra lexicográfica que tem por objeto o léxico do sistema linguístico coletivo, “*que se representa, por lo general, mediante un método de descripción idealizante*”. (p. 97) Ou seja, o dicionário é uma obra para ditar como se deve falar e escrever as palavras de uma língua de um modo ideal.

Faz-se necessário, então, assumir uma posição quanto ao que se denomina glossário. Para Haensch, o trabalho lexicográfico de reunião dos termos de um autor, numa obra literária, pode ser chamado de vocabulário. Ao termo glossário, por sua vez, o autor atribui duas acepções: uma que o entende como “*repertorio de voces destinado a explicar un texto medieval o clásico, la obra de un autor, un texto dialectal, etc.*” (p.106); na outra acepção, o glossário também é visto como repertório, mas de palavras em muitos casos ligadas a áreas específicas, com termos técnicos. Essa última, que interessa à Terminologia e/ou à Socioterminologia, permite a Faustich (2010, p.178) dizer que:

“[...] o glossário apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar contexto de ocorrência”.

Definição parecida já havia apresentado a autora em trabalhos anteriores, acrescentando em nota, inclusive, a informação de que esse tipo de glossário é útil para tradutores ou intérpretes⁴. Sabemos que ela faz referência a áreas de conhecimento bem específicas, especializadas, que necessitam de um guia de termos próprios para que a leitura seja eficiente; por isso é uma definição da Terminologia, a qual serve a esta e a Socioterminologia, ciências que lidam com a língua em universos de discurso especializado, como a química, a mecânica, a engenharia, a medicina, entre outras áreas de conhecimento da ciência canônica. Mas cabe discuti-la em nosso estudo, uma vez que a leitura de obras

⁴ Faulstich (1995) apresenta três definições para glossário, as quais se diferenciam por poucos detalhes: na primeira e na segunda, a autora defende ser este tipo de trabalho lexicográfico próprio para a compreensão de termos técnicos de áreas específicas; já na terceira, embora não haja essa referência, está presente o caráter sistematizado do glossário, com ordem alfabética, informação gramatical e contextual. Contudo, uma nota da terceira acepção que a autora traz deixa claro que esse tipo de trabalho visa ao auxílio da leitura de textos específicos, especialmente de línguas estrangeiras, pois fala da utilidade dos glossários para intérpretes e tradutores, com base em textos informatizados. Em todas, portanto, a autora se refere a glossário como conjunto de palavras empregadas especificamente, seja em áreas técnicas, seja em língua estrangeira.

literárias regionais em muitas vezes não prescinde do conhecimento linguístico-lexical da variedade regional que predomina no texto. Nesse caso, o glossário da linguagem regional-popular empregada nos romances gilvanianos que estamos abordando neste trabalho serve como guia a leitores de todo o país, especialmente aos não familiarizados com a variedade linguística regional que predomina no interior de Pernambuco, a fim de que eles possam ter uma compreensão maior do que dizem os personagens de Gilvan Lemos, de suas visões de mundo, de seus valores, de seus saberes sobre a língua e sobre as coisas.

Sendo assim, a definição que mais se enquadra em nossa tese é a primeira de Haensch, na qual o autor define glossário como repertório que se destina a explicar a obra de um autor ou um texto dialetal. É que os romances sobre os quais nos debruçamos atendem justamente a esses dois aspectos, porquanto sejam produto artístico e cultural, representativo do estrato dialetal da língua portuguesa brasileira falada no Nordeste, especificamente no agreste pernambucano. Assim, estamos lidando com a coletividade de lexias empregadas pelo autor em cujos personagens acreditava representar o falar de sua região, e para reuni-las e explicá-las, o meio mais eficiente, cremos, é um glossário.

A organização de um trabalho lexicográfico dessa natureza, contudo, possui parâmetros bem delineados pela ciência dos dicionários. Um deles diz respeito à disposição das lexias: se em ordem alfabética, ou, se agrupadas segundo conceitos, áreas temáticas, campos lexicais ou semânticos. Distingue, pois, Haensch (1982a) dois modelos de construção de um dicionário, segundo essa perspectiva dual: *onomasiológico*, quando se tem em conta o papel do emissor, caso em que se parte de conceitos e de determinadas matérias para indicar os significantes linguísticos que lhes correspondem; e *semasiológico*, quando se privilegia o papel do receptor, partindo do significante léxico (os termos-entrada) para indicar os conteúdos por eles realizados ou virtuais.

Nesse sentido, optamos pela organização em modelo semasiológico, porque privilegamos os leitores que pretendam conhecer melhor os romances gilvanianos no tocante à linguagem de seus personagens; leitores que terão a possibilidade de consultar as palavras que desconhecerem ou sobre a qual tiverem dúvida de significado e irão encontrá-las seguindo a ordem alfabética. Além disso, interessa-nos os conteúdos realizados, uma vez que priorizamos os significados que têm as lexias postas em discurso pelos personagens. Nesse caso, as definições atribuídas são nossas, ainda que tomemos por base significados virtuais atribuídos a tais significantes em outros dicionários regionais e de língua, a título de fomentar nossa interpretação e verificar a presença de tais lexias no sistema linguístico. Ou seja,

privilegiamos o consulente e lhes entregamos um conjunto de unidades léxicas de cunho regional popular listadas sob um critério que facilita a procura, de modo mais simples.

Outro aspecto relevante para a construção desse glossário é a *definição*, que cumpre a função de explicar o significado dos *termos-entrada*. A propósito, esses fazem parte do que se chama *microestrutura*, composta pelas palavras (lexias simples, compostas, complexas, textuais, fraseologias, sintagmas, a depender do posicionamento teórico adotado) que encabeçam o verbete, seguidas de indicações gramaticais, definição e contexto, no modelo mais simples; ou seja, é exatamente o verbete pronto. A definição, por sua vez, oferece ao leitor do trabalho lexicográfico (dicionário ou glossário) instruções sobre o uso e compreensão dos significantes léxicos e, como aponta Werner (1982, p.270) “no hay duda de que la definición del contenido de unidades léxicas en el diccionario representa una comunicación en el plano metalinguístico”. Para esse autor, portanto, o trabalho de definir as entradas do verbete consiste num exercício metalinguístico, visto que se vale da língua para explicar elementos da própria língua.

Além disso, Werner (1982), após discutir as teorias que tratam do que é definição lexicográfica em dicionários semasiológicos monolíngues ou bilíngues, afirma que o objetivo dela “es dar al usuario una instrucción que le permita usar o interpretar correctamente signos léxicos segun su papel de emisor lingüístico, receptor lingüístico o traductor” (p. 271). Nesse caso, interessa-nos o papel do receptor, uma vez que elaboramos um glossário voltado para auxiliar a leitura dos romances gilvanianos. Assim, nossa definição deverá levar em consideração o significado regional das palavras e ser objetiva o suficiente, a ponto de facilitar a compreensão dos leitores, especializados em estudos linguístico-literários ou não.

No entanto, há que se decidir como construir a definição do verbete. Werner (1982) aponta que existem duas formas, paráfrase e sinônimos, as quais não necessariamente se excluem mutuamente na construção do dicionário ou glossário. É que, se por um lado o lexicógrafo optar pela definição por paráfrase, na qual se explica um termo mediante uma construção sintagmática equivalente, de outro, poderá ele escolher sinônimos que remetam ao significado que se pretende atribuir às entradas. Como lidamos com glossário de obras literárias com personagens cujas falas de situam dentro de uma norma regional, adotamos, então, construir definições com paráfrases e, quando existir, apresentamos variantes, a depender da lexia cujo significado pretendamos explicar.

Um último aspecto relevante para discutir e definir a linha teórica que baliza a construção do glossário pretendido refere-se aos conceitos de homonímia e polissemia. Aqui a Lexicografia se encontra com a Semântica, ciência dos significados, e ambas delimitam o modo como são listados os verbetes. É que quando um lexicógrafo adota uma determinada definição do que sejam palavras homônimas ou a ocorrência de relação polissêmica, isso pode interferir diretamente na organização das entradas, alterando a macroestrutura, no que tange à quantidade de verbetes que comporão o glossário.

A respeito desse tema, Werner (1982) aponta três critérios com os quais se pode distinguir as relações de homonímia e polissemia, e decidir se uma entrada será considerada como um significante com mais de uma definição ou se, por o significante remeter a mais de um conteúdo, haverá mais de uma entrada. São eles o critério etimológico, a consciência linguística do falante e a composição dos conteúdos das palavras. No critério etimológico, são homônimas as palavras que possuem o mesmo significante e conteúdos diferentes, do ponto de vista sincrônico, mas que, do ponto de vista diacrônico, remontam a diferentes significantes; seriam polissêmicas, por sua vez, aquelas cujos distintos conteúdos correspondessem a significantes iguais. Ou seja, haverá polissemia nos casos em que “a los distintos contenidos corresponden significantes iguales que, desde el punto de vista diacrônico, tienen um origen idêntico.” (WERNER, 1982, p. 300). Assim, para o autor, do ponto de vista etimológico, a história da língua pode demonstrar que uma palavra é polissêmica, ao passo que a ausência de ligação etimológica entre palavras cujos significantes sejam iguais conduz ao entendimento de que são homônimas.

Já o critério de consciência linguística do falante é refutado por Werner, uma vez que fica difícil ao lexicógrafo aferir de modo objetivo as diversas acepções que os falantes de uma língua possam conceber sobre as palavras. Não se pode dizer, por exemplo, que a consciência linguística de um falante, a respeito do significado de uma palavra, não esteja influenciada por conhecimentos etimológicos próprios ou embasados em algum dicionário. Ou seja, não há como precisar a que se deve a consciência linguística de uma falante, nesse caso, a ponto de definir o que são palavras homônimas ou polissêmicas.

O último critério, aquele que se refere à composição dos conteúdos, tem a ver com os sememas e semas que se podem atribuir aos significantes. Quando vários sememas correspondem a uma só forma de expressão, um significante apenas, e há ao menos um sema comum a tais sememas, haveria polissemia. Se não houver, por outro lado, coincidência de pelo menos um sema, as palavras serão, portanto, homônimas. Ainda assim, esse é um critério

que gera o problema de o lexicógrafo precisar, no caso da polissemia, ampliar o verbete com vários sememas e ter que decidir como ordenar as definições para cada semema diferente do mesmo termo-entrada. No caso de haver homonímia, então, ao lexicógrafo caberá separar um semema para cada entrada, o que implica na ampliação da macroestrutura.

Como o trabalho lexicográfico a que nos propomos não é um dicionário de língua, mas apenas um glossário do falar de personagens concebidos por um autor de literatura regional, não temos a preocupação de descrever todos os sememas de uma palavra, mas sim aqueles realizados na obra. Isso nos aproxima da solução que Werner apresenta, para o caso de um enfoque semasiológico: abandonar a distinção entre polissemia e homonímia a favor da polissemia. É que, estando o foco no receptor, leitor do glossário semasiológico, a este interessará o significado na obra, o que diminui as possibilidades de ocorrências homonímicas, ainda que possíveis.

Assim, descartamos o critério etimológico para distinguir polissemia e homonímia, devido ao enfoque sincrônico que damos a esta pesquisa, e o de consciência linguística, uma vez que não inquirimos falantes reais para averiguar suas supostas distinções entre as palavras polissêmicas ou homônimas. Seguimos, pois, a proposição de Werner quanto à composição dos conteúdos, naquilo que se refere a semas comuns a cada semema que pode figurar em uma entrada e privilegiamos a polissemia, salvo nos casos que autor das obras que estudamos nitidamente utilizar caso de homonímia, ou seja, uma palavra cujo conjunto de traços semânticos (semema) não apresente sequer um traço (sema) comum em comparação a outra de significante idêntico.

Tendo em vista o que foi discutido, fica claro que a teoria e a construção de um glossário estão atreladas a teorias lexicológicas e lexicográficas, mas também não prescindem de um arcabouço teórico da Semântica. Distinguir homonímia e polissemia, por exemplo, é tarefa árdua também do ponto de vista da teorização e da observação em outros universos de discurso, alheios ao de definições lexicográficas. Faz-se mister, portanto, ampliar as discussões da ciência do significado para embasar teoricamente nosso estudo e justificar as nossas escolhas, do ponto de vista dos significados das lexias e das definições que apresentamos no glossário.

1.3 Semântica

Atualmente, a Semântica possui pelo menos três vertentes de abordagem: a formal, a da enunciação e a cognitiva. Do ponto de vista formal, ela é definida por Lyons (1979, p.425) como “o estudo do significado”, e, na linha do pensamento saussureano, “o significado de uma palavra se define por não ser um outro significado” (OLIVEIRA, 2001, p.18). Já a Semântica da Enunciação, que teve por base os estudos de Émile Benveniste, “compreende o significado como um jogo argumentativo criado na linguagem” (ibidem), no sentido da busca pelo convencimento. Assim, o significado de uma palavra é, para a semântica da Enunciação, “o somatório das suas contribuições em inúmeros fragmentos de discurso” (ibidem), tendo em vista que cada palavra possa significar “diversas possibilidades de encadeamentos discursivos” (ibidem). Na Semântica Cognitiva, por fim, o conceito de significado tem a ver com a experiência sensório-motora dos indivíduos com o mundo; ou seja, um conceito, que pode ser particular, oriundo das experiências individuais, ou coletivas, em vista de ser compartilhado por membros de uma comunidade. À Semântica, porém, caberia o estudo dos “aspectos objetivos do significado, que estão abertos à inspeção pública” (ibidem, p.20).

Assim, cada vertente de abordagem segue sua linha própria, mas as três conservam um ponto comum: o conceito de Semântica como sendo o estudo do significado, seja ele resultado da distinção entre o que é e o que não é a coisa, inerentes a uma possível estrutura lógica da língua, daí uma relação entre *forma* e *referente* de que o significado de uma palavra resulta; seja ele determinado pelo extralinguístico, na relação dialógica entre os usuários de uma língua em busca do convencimento um do outro; ou ainda seja ele não diretamente oriundo da correspondência entre as palavras e as coisas, mas da experiência, particular ou coletiva, dos usuários da língua com o meio em que vive.

O caminho para chegar a esses conceitos remonta à antiguidade clássica, desde os tempos de Sócrates e Platão, quando se acreditava que havia uma relação direta entre as palavras e as coisas, no sentido de que àquelas cabia a função de denominar as outras. Lyons (1979, p.430), por outro lado, diz que “as palavras não significam nem denominam as coisas, mas se referem às coisas”. Demonstra esse autor que os estudos da gramática tradicional concluíram que a palavra resulta de uma combinação entre uma forma específica e um significado específico, o que se constitui como princípio da semântica formal: a relação de referência. Assim, esta vertente teórica da Semântica refutou a correspondência direta entre palavras e coisas em prol do ideal de referência às mesmas.

Além disso, os estudos estruturalistas de vertente saussureana levaram a relação dicotômica que os permeia também para as relações de significado. Para os pensadores dessa linha de pesquisa, o significado se dá numa estrutura de diferenças para outros significados. No entanto, Oliveira (2001) explica que essa concepção é relativista, ao deslocar o significado do mundo para a distinção das estruturas já existentes; ou seja, *este* significado só é *este* porque não é *aquela*.

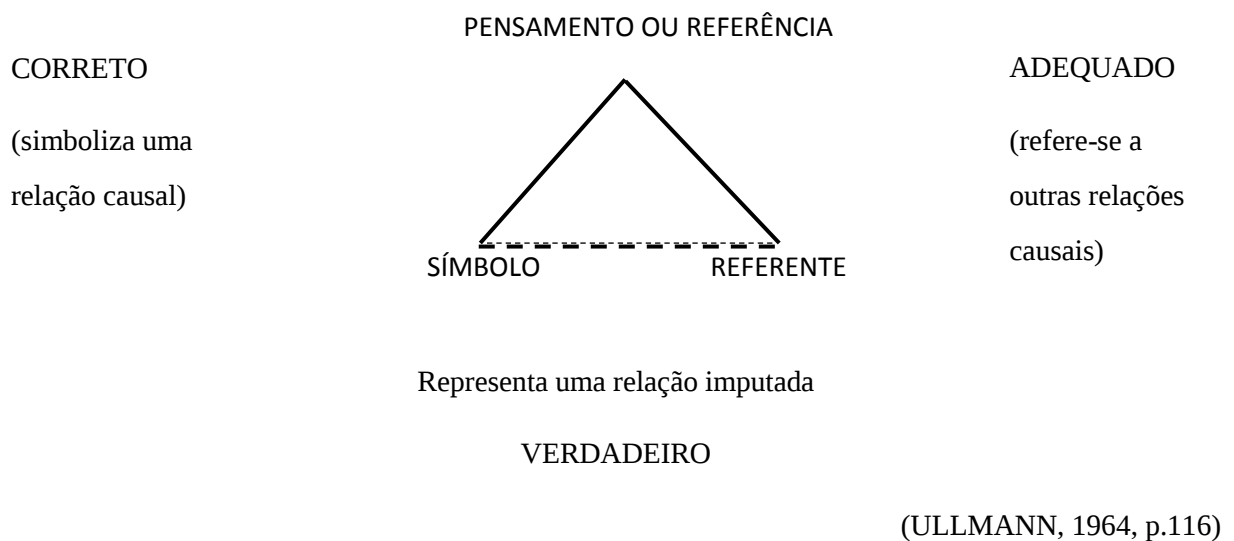
Assim, o significado de uma palavra se define por não ser um outro significado: mesa se define por não ser cadeira, sofá, abajur. Nesta perspectiva, o significado não tem a ver com o mundo, mesa não é o nome de um objeto no mundo, é a estrutura da diferença com cadeira, sofá e abajur. (OLIVEIRA, 2001, p.18)

Essa é, pois, uma definição da qual buscamos nos afastar, uma vez que concordamos com Lyons (1981, p. 274) quando este fala de cultura “como conhecimento adquirido socialmente” e com Coseriu (1982, p.111), para quem “as palavras são formas de cultura”; isto porque esses autores não excluem o meio das análises semânticas. Não exatamente o meio nos pressupostos da Semântica Cognitiva, como estímulo sensorio-motor, mas o meio sociocultural, do qual faz parte a linguagem, que, “como forma primária de cultura, reflete também a cultura não linguística, os saberes e crenças acerca das coisas” (ARAGÃO, 2005, p. 05).

Nesse sentido, por considerarmos que a cultura contribui para a motivação e posterior compreensão dos significados, não podemos deixar de relevar o meio cultural, quando os analisamos e os atribuímos às lexias, ou lexemas, no dizer de Lyons (1981), encontradas nas falas investigadas. Concordamos, então, com o que esse autor defende, a respeito da definição de cultura: “conhecimento adquirido socialmente” (LYONS, 1981, p.274). Nesta linha de pensamento, a língua é socialmente transmitida, e assim o é o conhecimento sobre ela, o que não implica necessariamente dizer que quem é oriundo de um determinado lugar, de uma determinada cultura, tenha que necessariamente falar igual aos demais membros da mesma localidade. Ou seja, não é condição determinante adquirir o mesmo conhecimento sobre uma língua pelo simples fato de ser membro daquela sociedade que a possui. Há casos de bilinguismos, pessoas que migram de uma área geográfica para outra e que, por isso, passa a ter contato com outras organizações culturais. O fato é que a cultura e a sociedade estão diretamente ligadas à língua, ao conhecimento sobre ela e à utilização dela.

No entanto, ainda na esteira do pensamento estruturalista em que se inspirou a Semântica Formal, é preciso destacar as observações de Ullmann (1964) a respeito dos

conceitos de significado, sentido e referente (coisa), os quais implicam as ideias de homonímia e polissemia também discutidas por Lyons (1979). O modelo analítico de significado que é atribuído a Ogden e Richards acena que não há uma relação direta entre as palavras e as coisas, pois, segundo Ullmann (1964, p.117), “a palavra simboliza um pensamento ou referência que, por sua vez se refere ao aspecto ou acontecimento de que estamos a falar”.

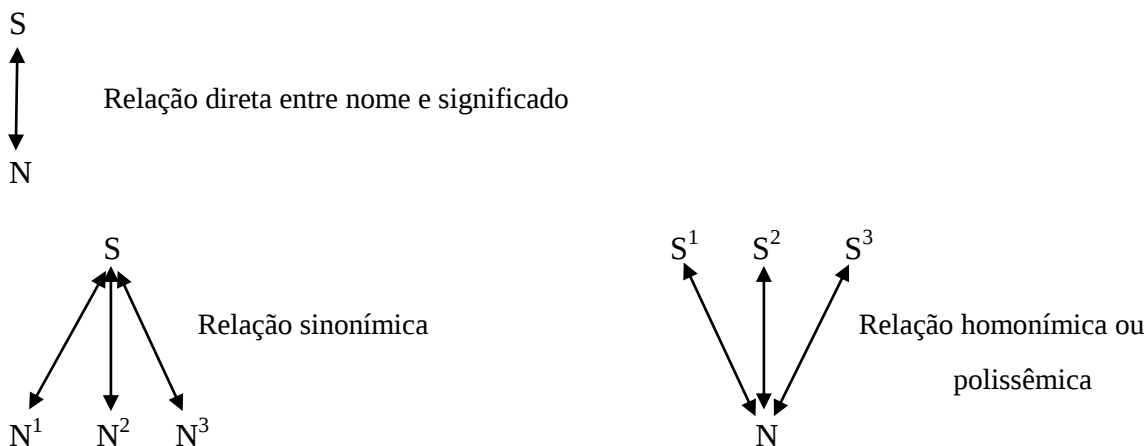


Nessa perspectiva, mais que denominar as coisas, as palavras se referem a elas, que são os referentes, ligados à forma da palavra numa relação “imputada”, como diz Ullmann; ou “indireta”, como indica Lyons (1979, p. 430), ao se referir à palavra como “resultado da combinação de uma forma específica com um significado específico”. De qualquer modo, as palavras não são as coisas, tampouco, tão somente serviriam para denominá-las; mas sim para se referirem as coisas, que, mesmo tendo inalterado seu estado, podem sofrer mudança no significado de seus nomes, caso se alterem a percepção, o conhecimento ou o sentimento sobre elas.

O sentido, por sua vez, corresponde àquilo “que nos permite chegar a uma referência no mundo” (OLIVEIRA, 2001, p. 21). Ou seja, a perspectiva de que partimos para abordar o referente; a direção, não o que ele significa, pois este é o significado, composto de forma e referente, segundo o chamado triângulo semiótico, que em Greimas (1975) evolui para quadrado e, em Pais (2006), para octógono.

Contudo, a relação entre nome e sentido já é discutida por Ullmann com vistas a aprimorá-la, a fim de que se deixe de considerá-la apenas em situações idealmente simples, para vê-la sob o prisma dos significados múltiplos, em que se baseiam os conceitos de

sinonímia, homonímia, polissemia a até os campos associativos, já previstos em Saussure, e os semânticos, dos quais se derivam os conceitos de hiponímia e hiperonímia. A respeito disso, Ullmann constrói três representações gráficas, do esquema mais simples aos mais complexos, os quais reconstruímos a seguir:



(Cf. ULLMANN, 1964, p.129-131)

Portanto, neste trabalho nos aproximamos dos pressupostos da Semântica Formal, não necessariamente nos postulados clássicos, mas pelo fato de considerarmos a relação das palavras com o mundo. Palavras cujos significados resultam da combinação de forma e conteúdo numa inter-relação com a cultura e com a sociedade. Contudo, não negamos a semântica enunciativa, para a qual o significado de uma palavra tem diversas possibilidades, a depender do encaminhamento argumentativo, o que nos leva a considerar o efeito da polissemia presente nas falas dos personagens. Também não descartamos o ensinamento da Semântica Cognitiva, que também postula a relação do homem com o mundo na atividade de conceptualização, embora trate esta questão como motivação interna do homem, mérito teórico (ou não) ao qual não nos propomos deter ou investigar. Na verdade, são três linhas de pensamento da teoria semântica que preveem a relação do homem com o mundo, cada qual a seu modo; e não da língua pela língua, das palavras em distinção umas das outras tão somente.

Creemos, por fim, que esse tipo de abordagem em que lidamos com o significado das palavras contextualizadas em obras literárias possa se unir a outros estudos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos que têm dado atenção às questões do léxico regional e da dicionarização em glossários regionais, dicionários de língua e terminológicos. Um exemplo é a dissertação de SANTOS (2010), cuja investigação se valeu dos pressupostos da Lexicologia, somados à Sociolinguística, à Etnolinguística e à Dialetologia, para construir um glossário da

linguagem dos pescadores pertencentes à comunidade Canto do Mangue, em Natal-RN. Outro é a tese de MARTINS (2014), que buscou, embasando-se na Socioterminologia e na Teoria Comunicativa da Terminologia, descrever, em forma de dicionário impresso e digital, a linguagem técnica da produção do alumínio no estado do Pará. Ambos são estudos que têm, por princípio, conceitos herdados da Lexicologia, seguem os fundamentos teórico-metodológicos da Lexicografia e os combinam aos conceitos da Semântica, no que tange à busca dos significados das lexias, sejam elas regionais ou especializadas.

1.4 A Indissociabilidade entre Língua, Sociedade e Cultura: Dialetologia, Sócio e Etnolinguística

Para Coseriu (1987), é tarefa da Sociolinguística, no plano do discurso, estudar os tipos de discursos e as diferenças estruturais entre os mesmos nas camadas socioculturais, e a utilização das diferenças diastráticas em qualquer tipo de discurso. Já a Etnolinguística, no mesmo plano, tem como objeto o estudo dos tipos e da estrutura peculiar dos discursos tradicionais específicos de uma cultura, o que nos interessa, uma vez que tratamos da cultura nordestina. Segundo esse autor, portanto, a língua apresenta variações nos discursos de acordo com as camadas socioculturais que os proferem e de acordo com as tradições culturais de grupos específicos. É pertinente, pois, o exame de pressupostos teóricos e métodos dessas duas ciências na investigação de obras literárias regionais.

Além disso, ao concordarmos com a ideia de que cultura é o conhecimento socialmente adquirido, um conjunto de valores e saberes sobre o mundo, como preceituam Lyons (1981), Barbosa (1993) Aragão (2005) e Coseriu (1982), entendemos aqui que o conjunto de falas e narrações empregadas por Gilvan Lemos reflete seu conhecimento sobre a língua e a cultura nordestina, partilhado com as camadas socioculturais a que faz alusão em suas obras. Assim, sob esse entendimento, dizemos que os personagens em questão, cujo léxico é objeto deste trabalho, constituem-se pela linguagem que empregam. Sobre linguagem, adotamos o entendimento de Coseriu (1982, p. 17), para quem ela “é uma atividade humana específica e facilmente reconhecível”. Nesse ponto, o autor trata da linguagem como o *falar*, ou *discurso*, de modo que consideramos, neste caso, as falas de personagens da literatura regionalista como falares regionais, reconhecíveis para aqueles que deles fazem uso como usuários da língua portuguesa brasileira do Brasil no Nordeste.

Nesse caso, tem grande validade para a discussão sobre a indissociabilidade a que nos referimos acima, os pressupostos da Dialetoлогия. Sobre ela, há bastante o que se discutir, se quisermos traçar seu percurso histórico. Contudo, basta citar, por exemplo, que seus métodos passaram por uma evolução cujo princípio data do século XIX, com os trabalhos de Wenker, que registrou a realidade linguística da Alemanha, observando mais de 40 mil localidades; e o *Atlas Linguístico da França*, de Jules Gilléron e seu colaborador, Edmond Edmont. Cardoso (2001) demonstra que esses estudos resultaram da preocupação de resgatar e documentar os diferentes estágios do alemão e do francês, respectivamente. Embora os métodos não se mostrassem os mais satisfatórios, e os resultados não representassem os dados mais fiéis sobre as línguas investigadas, porquanto se baseassem em questionários enviados por correspondência aos informantes, e não na captação *in loco*, (conseguida por Gilléron, embora com colaboração única de Edmont) esse foi, conforme a autora, o começo feliz dessa ciência.

1.4.1 Dialetoлогия

Para Rossi (1969), a Dialetoлогия é uma ciência eminentemente contextual, pois apura o fato linguístico num ponto (ou área) geográfico em confronto com outro fato correspondente em outro ponto, ou por ausência do primeiro fato noutros pontos examinados. Essas comparações são ainda mais relevantes quando da chegada do *Atlas da Nova Inglaterra* (1939-1943), que constitui a primeira tentativa de dar, em grande escala, uma informação mais precisa sobre o aspecto social da língua. A obra de Hans Kurath traz, além de informações a respeito da localização geográfica dos informantes, a indicação de faixa etária ou extrato social determinado. Nesse ponto, Geografia Linguística, Sociolinguística e Dialetoлогия começam a se aproximar pelo método, diferenciando-se mais pelos objetivos e consequente tratamento dos dados.

Sobre possíveis dúvidas a respeito da Dialetoлогия e da Geografia Linguística, Pontes e Monteiro (2010) fazem a distinção não pelo objeto, que consiste no estudo de falas populares, mas pelo modo de apresentação dos dados. Demonstrem os autores que na Geografia Linguística, constroem-se cartas com indicativo dos pontos, rede de localidades, faixa etária, entre outras variáveis a respeito de cada dado coletado; já na Dialetoлогия, por exemplo, elaboram-se glossários, e, neste sentido, ela se vale dos preceitos da Lexicografia. É neste cerne que encaminhamos nosso trabalho, porquanto tenhamos como objetivo principal a

elaboração de um glossário que, baseado em dois notórios romances de Gilvan Lemos, demonstre a riqueza e a diversidade lexicais do interior de Pernambuco, com base em registros escritos oriundas da Literatura.

Aragão (1999) também busca situar os limites da Dialetologia, ao afastá-la da Geolinguística de outrora. Para a autora, hoje os estudos dialetológicos também buscam as “causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais”. Este é o caso, então, em que, para a autora, as barreiras entre Sociolinguística e Dialetologia se tornam cada vez mais tênues, e o pesquisador, muitas vezes não sabe “onde termina uma e começa a outra”.

Os defensores da Dialetologia argumentam que ela, ao estudar as variantes regionais, ou diatópicas, tem que estudar, obrigatoriamente, o grupo social que fala aquela variação, tendo, assim, que estudar as variações sociais ou diastráticas bem como as estilísticas, ou diafásicas. (ARAGÃO, 1999, p.14)

Essas são considerações relevantes para nosso trabalho, uma vez que a autora dialoga com os pressupostos sociolinguísticos: ou seja, os de relevar aspectos sociais dos informantes. Adiante, a própria afirma que os sociolinguistas, por sua vez, tem como base para os estudos da variação sempre o social, que está presente em qualquer tipo de variedade a se estudar, “já que o homem e o meio em que vive são o princípio de tudo”. (p.15)

Distinção relevante sobre essas duas ciências faz também Cardoso (2010), após introduzir discussões sobre a Dialetologia e os estudos das variações linguísticas. A autora afirma que, embora pareçam sinônimas, os estudos dialetológicos se diferem dos sociolinguísticos pela “forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos” (CARDOSO, 2010, p. 26). Para essa autora:

A Dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A Sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (Idem)

Nesse sentido, o estudo dos falares regionais, sob a ótica da Dialetologia, preocupa-se em demarcar a ocorrência e a frequência dos dados coletados nas diferentes regiões pesquisadas, pondo sempre em comparação os pontos de coleta. Complementado pelas considerações da Sociolinguística, tal estudo releva os aspectos sociais dos informantes e, se não lhes confere o status de único fator determinante para o surgimento das variedades linguísticas, reconhece sua importância no momento do tratamento dos dados. São, portanto, ciências complementares, não excludentes ou substitutivas.

Assim, a Dialetoologia e Geolinguística, no Brasil, segundo os moldes que postulam Aragão (1999), Cardoso (2001, 2010) e Pontes e Monteiro (2010), vem de resultados significativos desde o *Atlas Prévio de Falares Baiano* (APFB), de Nelson Rossi, passando por diversos outros glossários e atlas regionais, que convergem para um grande projeto: o ALiB – *Atlas Linguístico do Brasil*.

Segundo Cardoso (2001):

[...] o Projeto ALiB se propõe descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas e estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartográficos em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.

Trata-se, portanto, de um grande estudo cujos métodos e resultados têm por base os pressupostos da Dialetoologia e da Geografia linguística (ou Geolinguística), que, além de coletar dados *in loco*, com rede de pontos e localidades definidas, busca, segundo Pontes e Monteiro (2010, p.126), “ter o perfil do informante, baseado no sexo, na escolaridade, na idade e no estrato social” através de um “questionário padronizado para toda rede de pontos”. Além disso, o ALiB e todos os atlas a ele ligados – ou que se valem de seu modelo de coleta de dados – contém grande número de informações oriundas de entrevistas gravadas cujos áudios podem servir a análises posteriores.

Observamos que, das características da pesquisa dialetológica, interessam a este trabalho aquelas referentes ao perfil do informante: *sexo*, *escolaridade* e *idade* (ou faixa etária). Acrescentamos a elas as variáveis *estado civil*, *profissão* e *naturalidade*, a fim de que possamos traçar um perfil dos personagens-informantes cujas falas figuram como abanações do glossário. Dispensamos, contudo, a *rede de pontos*, *pesquisa in loco*, *gravação* e *armazenamento*, visto que não lidamos com falantes reais, para que pudéssemos inquiri-los. Assim, os pressupostos teóricos e métodos da Dialetoologia servem a nossa pesquisa porquanto estejamos tratando do falar regional, e como essa ciência é primordialmente diatópica, não haveria como dela nos desprender.

Como será examinado o falar regional que o autor pernambucano Gilvan Lemos empresta a seus personagens, é preciso, então, ratificar a que conceito nos detemos. Segundo Aragão (1983):

Diaeto ou falar regional será, então, por nós definido como uma variante regional de determinada língua. Esta definição, além do aspecto espacial, geográfico ou diatópico, aquele a que geralmente se dá mais ênfase nos

estudos dialetológicos, também compreende os aspectos temporal ou diacrônico, e social ou diastrático, que têm igual importância para o conhecimento da realidade linguística. (p.18)

Nesse caso, as variantes que consideramos na construção do perfil dos personagens dão conta do aspecto diastrático a que a autora se refere acima. Quanto ao aspecto diatópico, ficamos na hipótese a se comprovar, que parte das próprias falas de Gilvan Lemos, pois era ele quem dizia que escrevia sobre as pessoas com quem convivia, sobre o que conhecia e sabia. Como ele conviveu com pessoas do Nordeste e, especificamente, escrevia sobre lugares inspirados em sua cidade natal, no agreste pernambucano, justifica-se a escolha da observação do aspecto diatópico de que se vale a Dialetologia.

O falar regional sobre o qual nos debruçamos é, portanto, a língua falada pelos personagens do romance gilvaniano. Em favor da ampliação de seu conhecimento perante os brasileiros e a comunidade científica em geral, construímos um glossário que considera, na esteira do pensamento da autora supracitada, aspectos diastráticos sobre a comunidade linguística descrita pelo autor em suas obras, as quais tem como fonte de inspiração o povo com quem o autor conviveu. Ficam de fora, assim, observações mais detalhadas do ponto de vista diacrônico, tendo em vista não lidarmos com o fenômeno da mudança linguística, por exemplo, embora atentemos para a época da publicação das obras, uma vez que consideramos relevantes alguns aspectos da história pernambucana no século passado, em especial aqueles que se referem à estrutura da sociedade da região agreste, onde se encontra São Bento do Una, lugar que sempre inspira as cidades criadas por Gilvan Lemos. No entanto, o mais relevante do ponto de vista dialetológico é mesmo o aspecto espacial, o qual buscaremos analisar a partir das unidades léxicas que compõem o glossário dos romances gilvanianos.

1.4.2 Sociolinguística

Segundo Coseriu (1987), a Sociolinguística deve se limitar ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades. É, neste ponto, uma visão que a entende mais como ciência linguística que sociológica. Sua tarefa consiste em analisar a relação *linguagem – contexto social*. Na diferenciação entre Sociolinguística e Sociologia da Linguagem, o autor tem como ponto de partida o fato de que, aos sociolinguistas, na verdade, interessa o estudo da linguagem em relação à estratificação social.

Difere ele do seguinte modo:

Se o objeto de estudo é a linguagem, se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação à estratificação social, o que se faz é sociolinguística propriamente dita ou “linguística sociológica”, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar, no sentido de que as categorias desta são apenas utilizadas como base de referência. Se, ao contrário, o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se se comprova quem fala um tipo de linguagem x (que não se estuda como tal) e quando o fala e, portanto, se examina o “status” desse tipo x na comunidade (ou seja, este mesmo tipo como atributo de tal ou qual categoria social), se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar, enquanto identifica os tipos de linguagem a considerar. (COSERIU, 1987, p.35)

Nessa distinção, além de delimitar os objetos, o autor evidencia limites aos quais as abordagens das duas áreas devem ater-se: caso se queira o exame dos elementos da linguagem em relação às diferentes camadas sociais – como operam, como se diferenciam ou se aproximam – ou, por outro lado, se se pretenda investigar o contexto social, ou as camadas propriamente ditas. Fica, portanto, definido que, para a relação *linguagem – contexto social*, interessa à Sociolinguística o estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades. (COSERIU, 1987, p. 29)

Citando William Bright (1966), Preti (1997) revela que a Sociolinguística abordaria problemas que vão além das relações entre língua/sociedade, porque sua finalidade seria a comparação da estrutura linguística com a estrutura social. Isto, porém, coopera com os dizeres de Coseriu, uma vez que tal estrutura social, como mostra a Sociologia, seria estratificada. E neste sentido, o que mais importaria seria a identificação das estruturas linguísticas correspondentes às estruturas sociais. Para Bright, “a tarefa do sociolinguista é mostrar a variação sistemática da estrutura linguística e da estrutura social e, talvez, mesmo, um relacionamento causal em uma direção ou em outra”. (BRIGHT, 1966, apud PRETI, 1997, p.15-16). Ainda segundo ele, “a diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a Sociolinguística” e, sendo assim, esse autor identifica dimensões que se condicionam a vários fatores, dentre os quais Preti esboça três⁵: emissor, receptor e situação.

Nessa linha de pensamento jakobsoniana, a dimensão do emissor (ou falante) envolve identidade social, vez que as diferenças de fala se correlacionam com a estratificação social (dialetos de classe). A segunda, ainda no âmbito da identidade, refere-se ao receptor (ouvinte ou leitor), o que envolve a questão da hierarquia social, dos papéis sociais que cada membro

⁵ Em nota, Preti afirma que Bright apresenta no total sete dimensões. Assim, além das dimensões do emissor (1), do receptor (2) e da situação (3), haveria mais quatro: a dos processos de investigação (4), uma referente às diferenças de uso da língua pelas pessoas (5), outra referente à extensão da diversidade linguística (6) e uma sétima “que se referiria à aplicação dos estudos sociolinguísticos” (PRETI, 1997, p.16)

de uma comunidade linguística ocupa e que envolve uma praxe de tratamento linguístico; ou seja, os diferentes modos de falarmos com as pessoas, considerando a posição social que elas ocupam. A terceira dimensão, pois, refere-se aos demais elementos envolvidos na comunicação, que compõem o contexto de comunicação.

A respeito das contribuições de Bright, Calvet (2002) vai além e diz que o organizador da conferência que marcou o início da Sociolinguística em 1964 (Los Angeles-EUA), ao introduzir as atas do evento, buscou sintetizar as diferentes contribuições dos participantes, que abordaram temas variados, tais como:

[...] a etnologia da variação linguística (Gumperz), o planejamento linguístico (Haugen), a hipercorreção como fator de variação (Labov), as línguas veiculares (Smarin, Kelley), o desenvolvimento de sistemas de escrita (Sjoberg), a equação de situações sociolinguísticas dos Estados [...] (CALVET, 2002, p. 20-21)

Após esse encontro, podemos afirmar que a Sociolinguística tem seus rumos mais bem definidos e se firma como ciência, com aspectos sociais relevados, mas não como campo de estudo auxiliar da Sociologia ou da Linguística, conforme ainda cria Bright. A questão agora é que as diferentes composições inerentes à sociedade são vistas como decisivas para as variações que uma língua apresenta. As mais significativas discussões partiram do americano William Labov, que conseguiu identificar padrões sociolinguísticos ao examinar “a estratificação social do /r/ nas grandes lojas de departamento nova-iorquinas”, conforme exemplifica Calvet (2002, p.23). Como ciência que lida com a língua viva, em movimento, no seio da sociedade e dela sofrendo influência para se compor de modo variado, consoante sua estratificação, a Sociolinguística constitui-se a partir de Labov, e os anos de 1970 demonstram essa virada.

Assim, como base nos pressupostos de Françoise Gadet (1971), Preti aponta que, na fala de um indivíduo, aquilo que se busca são os índices de sua classificação social. Havendo diferença de traço linguístico de um indivíduo para outro, devem-se fazer questionamentos cujas respostas passem pela relação entre os traços linguísticos observados e a proporcionalidade das variações em domínios distintos. Gadet indaga se “a diferença é ocasional ou reaparece sistematicamente? É generalizada numa situação ou no interior de um grupo social? Pode-se dar-lhe uma significação social?”. (GADET, 1971, apud PRETI, 1997, p.17)

Na verdade, o que está em jogo é a observação linguística, a análise do linguístico em relação com o social, porquanto nem Preti nem Gadet elevem o social a primeiro plano. Dizer

que o que se busca são os índices de classificação social, mesmo que pareça uma investigação do social por traz da língua, é, na verdade, uma investigação do funcionamento do linguístico na sociedade. Reconhecendo que esta é estratificada, busca-se, como sociolinguista, identificar como a língua varia de acordo com as diferenças sociais.

Chamamos, então, de variedades linguísticas as diferentes maneiras de falar com as quais vários grupos de usuários de uma língua a empregam. E não são apenas decorrentes de aspectos sociais, pois existem ainda as variações diafásicas, que dizem respeito às situações de uso, variando o falar conforme o contexto, e as geográficas (diatópicas), que ocorrem num plano horizontal, concorrente com as comunidades linguísticas e responsáveis pelos regionalismos: os falares regionais.

Por outro lado, Alkmim (2001), após acenar que o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, define variedade linguística como as diferentes maneiras de falar empregadas pelas comunidades linguísticas. E, em consonância com Preti, diz que há dois parâmetros para se descrever as variedades linguísticas: variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática). Para definir esta última, a autora acrescenta que esta “relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade.” (ALKIMIM, 2001, p.35). Logo, concordam os dois autores a respeito do conceito de variedade linguística.

São também condizentes as visões de que existem variações ligadas ao espaço (diatópicas) e outras ligadas ao social (diastráticas). Sendo que Preti, ao tratar das variações extralinguísticas, segundo a sociolinguística francesa, expõe três tipos: geográficas, sociológicas e contextuais. O segundo tipo compreende as variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, localização dentro da mesma região, raça, as quais podem determinar traços originais na linguagem individual. (Cf. PRETI, 1997, p.17) O autor reforça ainda essa exposição citando Cohen (1956), para quem a diversidade linguística numa comunidade se deve também a “diferenças de origem, de profissão, de nível de vida, de religião”.

Nesse sentido, somos levados de volta a Coseriu (1987), para quem os estudos sociolinguísticos têm como objeto “a linguagem mesma”, ou seja, a língua, com suas variações linguísticas decorrentes da estratificação social. Ao examinarmos o léxico dos personagens gilvanianos o que podemos encontrar é um variedade de fenômenos que podem ser estudados tanto do ponto de vista diacrônico quanto sincrônico. São fenômenos naturais,

que testemunham a história e a composição estratificada de uma sociedade que o autor soube espelhar e transferir para as falas de seus personagens, os quais consideramos como informantes de uma sociedade fictícia. Deles coletamos exemplos que possam demonstrar o uso de unidades léxicas como marca de identidade de um povo através da linguagem regional popular empregada em obras literárias.

1.4.3 *Etnolinguística*

Já sobre a Etnolinguística, Coseriu (1987) aponta que a ela corresponde:

[...] o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (ideias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato “real”. Assim, por exemplo: de que modo uma determinada organização lexical corresponde a um tipo determinado de experiência e conhecimento intuitivo real? (COSERIU, 1987, p. 46)

A pergunta que o autor faz acima é bastante desafiadora, e, mesmo com a evolução dos estudos etnolinguísticos, aos quais o próprio Coseriu já atribuía o mérito de já tê-la examinado, por exemplo, é reconhecível a necessidade de ir além do léxico. Neste caso, o autor se refere a problemas relativos à correlação entre as palavras de uma língua e os fatos sociais, e às relações semânticas nas quais porventura essas palavras possam se encontrar.

De qualquer modo, a Etnolinguística (assim como a Sociolinguística) tem a compreensão de que a sociedade apresenta diferenças que podem ser refletidas na linguagem do ponto de vista de como cada seguimento se organiza sócio e culturalmente e de como, segundo essas diferenças, ideologias, pensamentos e crenças se manifestam diferentemente na língua.

Em se tratando de linguagem regional, verificamos nessa linha de investigação o relacionamento entre a língua e a cultura da região; ou seja, nos dizeres de Aragão (1983, p.55), “o estudo da cultura sob o aspecto etnográfico”. Tomada essa linha de pensamento, os diversos exemplos investigados são examinados de acordo com a cultura específica que se constrói na obra literária. Trata-se da cultura nordestina: patriarcal, machista, religiosa, empírica, supersticiosa, preconceituosa; porém alegre, diversa e rica de metáforas nos falares.

Por refletir a cultura local, as obras de Gilvan Lemos necessitam do olhar etnolinguístico, para que sejam mais bem compreendidas. E cultura está aqui ligada ao saber

sobre as coisas, ao conhecimento de mundo que é verbalizado linguisticamente e, de um modo ou de outro, denota a identificação (e as identidades) dos personagens com sua região. Como diz Coseriu (1987, p.45), “as estruturas sociais refletidas nas línguas correspondem ao objeto da Etnolinguística”. Isto porque a estratificação da sociedade é também uma estratificação da cultura, a cujo discurso tradicional estaria relacionada.

Há, portanto, uma aproximação cabal entre os estudos etnolinguísticos e os estudos sociolinguísticos, no plano do discurso (ou da fala). Enquanto uma (Sociolinguística) se preocupa com o falar motivado pelas estruturas sociais, a outra (Etnolinguística) volta-se para o linguístico consoante a motivação cultural. É por esse motivo que, após tratar das variações dos discursos em vários extratos sociais ou mesmo situações, diz Coseriu (1987, p.48),

Por sua parte, a etnolinguística do discurso estudará esses mesmos discursos, tipos de discursos e estruturas típicas dos mesmos enquanto determinados ou motivados pela cultura de uma comunidade e poderá, eventualmente, estabelecer correlações entre certos tipos de discursos e certos tipos de cultura em várias comunidades.

Nesse sentido, o falar regional nos romances gilvanianos deve ser investigado como motivado pela cultura daquele lugar que inspirou autor, pois é nele que podemos nos embasar para compreender as crenças, as ideologias, os saberes do povo que a obra retrata. Isto é o que nos permite observar a correlação entre a língua dos personagens e sua cultura, não apenas a organização social em que se encontram, o que seria foco sociolinguístico.

Assim, inserimos este trabalho no grupo de estudos que investiga diferenças léxicas em grupos culturais específicos, como é o caso de Santos (2010), em cuja pesquisa o autor identificou 276 unidades léxicas em falas de pescadores da comunidade do Canto do Mangue, em Natal-RN. Dentre elas, 98 não são dicionarizadas, o que nos faz supor que fazem parte do léxico próprio da cultura pesqueira, que motiva estruturas típicas presentes no falar dos pescadores daquela comunidade.

A este trabalho interessa, portanto, os pressupostos etnolinguísticos no que tange à relação entre o falar (discurso) dos personagens e a cultura regional nordestina, pernambucana, interiorana, compreendendo que muito dela pode ser reconhecido e extraído das falas coletadas. Ao reunir unidades léxicas de romances que retratam uma sociedade interiorana, confessadamente inspirada nas pessoas com as quais Gilvan Lemos conviveu e nos lugares que conheceu, esperamos elencar exemplos de estruturas léxicas que denotem diferenças e/ou identidades culturais inerentes ao povo do agreste pernambucano.

2. A LÍNGUA DO POVO NO ROMANCE GILVANIANO

Embora concordemos com Eugênio Coseriu (1987), para quem a Sociologia é somente disciplina auxiliar no estudo da linguagem, não deixamos de considerar a sociedade e sua estrutura em relação aos falantes da língua no romance gilvaniano. Isto porque as obras sobre as quais nos debruçamos foram criadas sob o olhar de um autor que buscou, na sociedade em que vivia, um espelho simbólico para suas criações. A respeito desta questão, são de grande validade as palavras de Jamir e Silva (2006), que assim define, na introdução de sua tese de doutorado, a obra de Gilvan Lemos:

Sua obra enfoca situações e vivências de seu contexto sociocultural, sem, contudo, limitar o nível de suas representações a um regionalismo simplista. Isto porque, em suas narrativas, o compromisso social revela-se num fazer artístico elaborado, dialógico e criativo, resultando numa construção simbólica que transpõe os limites do regional/particular para o âmbito do existencial/universal. (JAMIR E SILVA, 2006, p.12)

É verdade que suas palavras vão além de questões que possam ser abordadas à luz dos aspectos sociais (ou sociológicos). Também nelas não se vê menção precisa a estruturas linguísticas, que interessem à Sociolinguística, à Etnolinguística, à Dialectologia, Lexicologia ou Semântica. Contudo, quando a pesquisadora cita que Gilvan Lemos põe foco no seu contexto sociocultural, deduzimos que a obra dele contenha a caracterização de uma sociedade estratificada, ainda que fictícia. Por isso, acreditamos que possa ser avaliada do ponto de vista da linguagem, pois a língua de um povo apresenta variações socioculturais, devido às diferentes estruturas da sociedade nesse aspecto. Além disso, esse povo se situa numa localidade específica e se distingue de outros também pelo aspecto diatópico, que se manifesta na língua com diferenças em relação a outras localidades.

Assim, os dados que interessam às áreas da ciência linguística que aqui elegemos para discutir a obra de Gilvan Lemos são e estão no falar de seus personagens. Sem desconsiderar o mérito estético a que se apegou a pesquisadora supracitada, ao tratar de regionalismo, construção simbólica e outras categorias da teoria literária, como a passagem do regional/particular para o existencial/universal, acreditamos que o fazer artístico de Gilvan traga consigo seu conhecimento sobre o mundo, conseqüentemente, sobre a língua das pessoas com as quais convivia, tendo nelas se inspirado para conceber seus personagens e sua linguagem.

Nesse sentido, mais uma vez nos voltamos para o que Coseriu afirma sobre a língua, ao dizer que ela é motivada pelos saberes acerca das coisas. Isso demonstra a indissociabilidade com a qual concordamos acima – entre língua, sociedade e cultura – e denota que o simbólico construído pelo autor reflete e refrata, pela língua do povo (seus personagens), sua sociedade e sua cultura. Por isso, acreditamos que o que há de mais regional na obra de Gilvan Lemos não é a temática abordada, não é o conflito local, regional, oriundo das mazelas sociais que afligem o povo nordestino por séculos, como demonstraram os regionalistas de outras épocas. É a linguagem empregada nas suas obras o que mais nos parece significativo como marca regional do romance gilvaniano, o que nos leva a lançar um olhar diatópico e diastrático sobre a língua falada pelo povo nas obras desse autor.

Como aqui nos detemos especificamente na linguagem dos personagens, cremos que o próprio Gilvan deixou o caminho para tal interpretação, não só pelo que escreveu, mas também pelo que disse, quando indagado a respeito do seu estilo. Em matéria do site *Divulga Escritor*, por exemplo, Gilvan revelou o que pensava do rótulo de regionalista. Para ele, que não gostava de se ater a escolas literárias ou a técnicas (ainda que admitisse usar alguma), o romance teria que causar emoção. Assim, afirmou ele:

Regionalista sei que não sou. Ocorre que escrevo sobre o meio em que vivo. Retrato as pessoas com que convivo, recordo momentos da minha vida no interior... Em suma, escrevo sobre o que conheço, o que sei, o que me emociona. Para mim, o bom romance é o que nos provoca emoções. Detesto romances experimentais, enredos misteriosos, incompreensíveis, jogos de palavras. Acho que isso é coisa de quem não tem o que dizer. Para mim, romance é romance. Não se restringe a escolas, tempo, época. Quando o romance é bom, não tem idade.⁶

Ao dizer que escreve sobre aquilo que o emociona, o autor entregou sua concepção de romance, como um gênero literário cuja função é emocionar. Para ele, essa emoção estava nas histórias tristes dos personagens, nas dificuldades por que passavam. Entretanto, não são tão claros os seus enredos, mesmo que o autor tenha afirmado “detestar enredos misteriosos”. Em *O anjo do quarto dia*, por exemplo, vários mistérios ficam no ar para o leitor decidir, como o caso do menino que surge quatro dias antes de as pessoas morrerem, ou a identidade do homem com quem a personagem Ana se encontra numa certa noite e a ele se entrega. De onde vieram? Em *Emissários do diabo* também fica para o leitor decidir se as narrativas do Major Germano eram verdadeiras ou se certa estava a mãe de Camilo (Donana), que o incentivou a

⁶ Essa fala do autor foi publicada no site *Divulga Escritor*, mas se trata de um trecho de uma entrevista concedida a outro meio, não revelado pelo site, e transcrita para a matéria intitulada *Gilvan Lemos – renomado romancista pernambucano* e publicada em 16/02/2014.

defender a fazenda do tio tirano. Certo, porém, é que essas histórias, assim como outras do autor, são carregadas de emoção, em geral proveniente do drama por que passavam os personagens criados por Gilvan.

Já em entrevista ao professor e escritor Moisés Neto, cujos áudios encontram-se disponíveis no YouTube⁷, Gilvan afirmou: “Eu só me emociono com coisa triste”. Isso mais uma vez reforça sua tendência à emotividade baseada no sofrimento dos personagens da trama e nos leva a crer que o autor buscava fazer com que o leitor sentisse a emoção que ele sentia, ao rememorar sua própria história na sua obra.

Também nessa entrevista, o autor revela sua despreocupação com categorias de análise da teoria literária, como *ethos*, *foco narrativo*, *fluxo de consciência* e *malha dialética*, por exemplo: “Eu procuro nem saber. Eu num sei nem o que é isso. É como eu digo: eu não sigo escola, não sigo nada; eu sigo a vida. Eu vivo o que eu escrevo.” Talvez aí o autor quisesse dizer que escrevia sobre o que vivia, não o contrário, pois essa era mesmo a sua tônica. Por isso, quando a crítica literária afirma que ele é memorialista, tem razão. E é ele próprio quem deixa essa interpretação ter razão de ser, ao repetir, em diversas entrevistas que concedeu, que escrevia sobre o que vivia, conhecia e sabia. Por outro lado, o fato de não saber o que é *ethos* ou *foco narrativo* não o isenta de tê-los usado, pois categorias como essas são inerentes ao gênero literário que desenvolveu. A questão é que ele não se apegou a usar deliberadamente. Se o fez, foi por mergulhar no gênero, independente de saber as facetas técnicas. Ele apenas sabia fazer, empiricamente.

A emoção dos romances gilvanianos existe não só nas tramas tristes, no drama particular dos personagens, mas também a partir das recordações de Gilvan, em relação a sua cidade natal; lembranças do seu tempo de criança, quando viu e ouviu muitas histórias em São Bento do Una. Em suas obras figuram personagens inspirados em pessoas reais, cujas falas ele cria ser representativas dessas pessoas com as quais conviveu. E elas empregavam a língua portuguesa com as variações regionais peculiares ao interior pernambucano.

Por língua, tomamos o conceito de Coseriu (1979), que a vê sob a ótica tripartida de *sistema*, *norma* e *fala*. Na distinção entre os três níveis, Coseriu assim se referia:

⁷ O áudio é de uma entrevista concedida por Gilvan Lemos à *Revista Le Manguê*. Nela o professor Moisés Neto dialoga com Gilvan numa conversa dividida em quatro partes, sob os títulos *Moisés Neto entrevista Gilvan Lemos Parte 1*, *2*, *3* e *4*. Não há imagens da conversa nos vídeos, apenas uma foto dos dois em um aperto de mãos, frente a uma praça, e os áudios.

[...] podemos dizer que o *sistema* é um conjunto de oposições funcionais; a *norma* é a realização coletiva do sistema, que contém o próprio sistema e, ademais, os elementos funcionalmente não-pertinentes, mas normais ao falar numa comunidade; o *falar* (ou, se se quiser *fala*) é a realização individual-concreta da norma, que contém a própria norma, ademais, a originalidade expressiva dos falantes. (p.74)

Podemos dizer que o sistema é o conjunto de tudo aquilo de que dispõe a língua e que se encontra a disposição do usuário, que, no caso dos romances, são os personagens gilvanianos. Contudo, este que faz uso da língua é o próprio escritor, que empresta ao povo criado em suas obras o sistema do qual o autor faz uso. A norma é, por outro lado, social ou sociocultural, porque consiste na realização do sistema, de acordo com a diversidade sociocultural das coletividades; ou seja, a sociedade de São Bento ou das cidades fictícias nela inspiradas. Já o falar, por ser a realização individual, contém a norma a que cada indivíduo se molda, mas revela como cada falante, em ato individual de fala, maneja a língua. Assim, o falar dos personagens gilvanianos é aqui entendido como realização individual, mesmo sendo esta uma atribuição do autor a seus personagens, de acordo com sua visão de mundo, visão da própria sociedade de que ele participava. Trata-se, portanto, de considerar a língua dos personagens como língua do povo, daquele povo presente na obra literária, o qual é uma representação do povo que Gilvan Lemos conheceu, naquele lugar onde nasceu, cresceu e para onde voltou, em fama de escritor e em memória, após sua morte.

O falar dos personagens está atrelado ao lugar, pois para esse autor, suas histórias teriam de ser relacionadas ao lugar onde ele sempre viveu: Pernambuco. Embora tudo por que passavam tenha ultrapassado os limites dos problemas regionais, afastando temáticas locais, como as da geração de 1930, e, atendo-se às complexidades universais do sofrimento humano, já que essa é a tônica da emotividade que move sua obra, transpondo, como afirmou acima Jamir e Silva (2006), os limites do regional/particular para o âmbito do existencial/universal, seus personagens, na verdade, refletiam seu conhecimento sobre o povo e sobre a língua que conheceu. Nesse caso, a língua dos personagens interioranos traz marcas diatópicas e de identidade nordestinas, especificamente do agreste pernambucano, no caso dos romances que retravam o interior. E como São Bento, do ponto de vista sociológico, é considerada uma cidade rurbana, assim também pode ser caracterizado o falar de seu povo.

O conceito de rurbanização nos chegou, de início, pela leitura de Gilberto Freyre, sociólogo que buscou caracterizar a sociedade brasileira em sua formação e constituição desde o período colonial. Na obra *Rurbanização: que é?*, ele apregoa que, entre o rural e o urbano, pode-se ter uma situação intermediária, mista, dinâmica e conjugal, conciliando

valores contrários: os da vida rural e os da vida urbana. Neste cerne, é necessário entender que sua preocupação se dava em torno do espaço ocupado pelo homem, pela sua relação com o meio ambiente; por isso, defendia tal conciliação, que não nega por completo o progresso, mas que denota preocupações ambientais. O homem do meio rural, por exemplo, tende a conservar os recursos naturais até o momento em que o progresso lhe imponha a urbanização do meio em que vive. A ideia de rurbanização de Freyre (1982), portanto, vem na esteira de um planejamento que vise o aspecto ambiental/ecológico do espaço que o homem ocupa. Por outro lado, leva em consideração valores e cultura; logo, dela também se pode deduzir impacto sobre a língua, mesmo que neste ponto o autor não se tenha detido.

No entanto, Bortoni-Ricardo (2009) traz uma leitura mais propensa às discussões puramente linguísticas ou, mais precisamente, sociolinguísticas, no que tange ao conceito de rurbano. Para esta autora, o falar rurbano está no meio de um *contínuo de urbanização*, que tem numa ponta variedades rurais isoladas e, noutra, variedades urbanas padronizadas, conforme o esquema que apresentamos abaixo, no qual se detém a autora:

variedades rurais isoladas

área rurbana

variedades urbanas padronizadas

(Cf. BORTONI-RICARDO, 2009, p.52)

Trata-se, neste caso, dos falares de uma língua, pertencente a uma sociedade com disparidades socioeconômicas e diferenças culturais. Assim, quando um falante sai do isolamento e entra em contato com falantes de variedades padronizadas, passa a uma zona mista; ou seja, torna-se um usuário da língua com elementos de cada ponta do contínuo, podendo situar-se mais próximo do rural ou mais próximo do urbano.

Além disso, o português brasileiro é variável de um modo tal que, para a autora, nossa língua precisa ser entendida não só sob o *contínuo de urbanização*, mas também sob o *de oralidade-letramento* e o *de monitoração estilística*. Sobre os dois últimos, podemos afirmar que se tratam, respectivamente, de conceitos ligados às modalidades oral e escrita, no sentido da formalidade e da padronização da língua, de acordo com as realizações concretas naquelas modalidades (*oralidade-letramento*); e do uso da mesma de acordo com as situações, no que tange às formas de controle ou auto ajuste do falante a elas (*monitoração estilística*). Porém, é o primeiro que nos interessa discutir neste trabalho, pois ele se refere à realidade da língua em relação às origens dos falantes, no tocante às áreas de onde provêm, e às mudanças que possam ocorrer nos seus falares, devido aos contatos com os falantes de outra área. Assim, diz

a autora que “não existem fronteiras rígidas que separem os falares rurais, rurbanos e urbanos” (BORTONI-RICARDO, 2009, p.53). Isto porque se trata de um contínuo, onde o falante possa se situar em qualquer ponto e, posteriormente, migrar para outro.

Contudo, percebemos que tal contínuo tem uma direção, um sentido, que vai do rural para o urbano, não o contrário; e tendo o rurbarano como zona intermediária. Essa ideia nos vem pelos exemplos dado pela autora e pelos dados que coletamos nos romances gilvanianos. Bortoni-Ricardo (2009) utiliza o exemplo do escritor Carmo Bernardes, nascido em zona rural, mas que, por se mudar para a zona urbana e se tornar um escritor, deve ser situado no polo urbano. Assim, há um movimento progressivo desse autor de um polo a outro, no sentido da padronização. O mesmo ocorre com Gilvan Lemos, que saiu de São Bento, “lugar atrasado”, segundo ele, para o Recife, onde ampliou o contato com falantes letrados e mergulhou na cultura da escrita, tornando-se também um escritor profissional.

A questão é que os personagens de Gilvan deveriam ser abordados cada qual num ponto hipotético do contínuo, caso quiséssemos classificá-los. Esses pontos teriam sua determinação a partir das falas que o autor põe nas suas obras, pelo histórico de cada um ou pelo lugar que a narrativa os situa. Nos romances cujas histórias se passam no interior, contudo, o léxico é a forma mais eficiente de determinar o falar rural ou rurbarano da maioria dos personagens, pois são raros os exemplos de variações fonético-fonológicas postos intencionalmente pelo autor. Há casos, como no romance *Jutaí menino*, de diferenças entre o falar de Recife, com o “sotaque no X”⁸, e o de São Bento, o que confere a essa obra uma diferenciação diatópica do ponto de vista fonético-fonológico. Já em *O Anjo do Quarto Dia*, há o exemplo de uma mulher miserável, com sua fala transcrita no relato do personagem Codó, que denota uma pessoa de baixa escolarização, por usar lexias como *mode*, *ranjar*, *dicomezim*, *pur via*, *fazê* e *qui*, as quais apontam para uma variação diastrática (escolaridade)

⁸ A respeito dessa questão, a obra contém dois exemplos que consideramos relevantes, por se tratarem de uma observação de natureza fonético-fonológica pouco abordada entre os autores de literatura pernambucana. Trata-se da palatalização da consoante /S/ em posição de coda, um fenômeno de natureza linguística, real, identificado e analisado por sociolinguistas. No caso de *Jutaí menino*, dois personagens têm falas com esse fenômeno, que Gilvan Lemos chamou de falar no X: João do Motor, um mecânico cujo irmão morava em Recife e, sem nunca ter ido à capital, segundo conta a narrativa, pegara o sotaque recifense, dizendo palavras como “ÊSSEX DENTEX”. O outro é Zé Leiteiro, que de fato vai para o Recife e, quando retorna a São Bento, volta falando “AX CASAX BAIXAX”, reclamando da arquitetura da cidade natal, após se deparar com os altos edifícios da capital. Nesses casos, Gilvan demonstrou reconhecer uma variação diatópica entre as cidades em tela e buscou, com os recursos linguísticos de quem dispunha, representá-la. O falar no X, portanto, é o conhecido chiado recifense. Um fenômeno real, estudado pela sociolinguística e chamado de palatalização da consoante fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica, conforme descreve Lima (2013), em sua dissertação de mestrado sobre pessoas radicadas no Recife.

que repercute na realização oral do falar concreto; ou melhor, no aspecto fonético-fonológico. No entanto, a maioria das falas de personagens dos romances gilvanianos não permite observações dessa natureza, o que nos leva a caracterizar o falar do povo sob o aspecto lexical com foco no significado e uso das palavras como empregadas pelos personagens.

Desse modo, o conceito de *rurbano* a que nos detemos tem mais a ver com as localidades onde o autor situa as suas histórias. Seguimos essa linha por não assumirmos o risco da imprecisão em caracterizar cada falar de personagem criado pelo autor, uma vez que o mesmo não deixa tão claras essas diferenças entre obras que se situam no ambiente rural, romances de fazenda, como Gilvan mesmo relatou, e as que se situam em cidades pequenas do interior, inspiradas em São Bento; portanto, *rurbanas*. Por isso, os romances rurais e *rurbanos* são distinguidos conforme o lugar, mais consoante os pressupostos de Freyre que os apresentados por Bortoni-Ricardo, embora reconheçamos que, para a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Lexicologia, em se tratando de falantes reais, o conceito dessa autora seja mais apropriado. O caso é que propomos uma divisão apenas para categorizar os romances do autor, não caracterizar sua linguagem ou de seus personagens.

Por isso, descartamos as discussões mais aprofundadas sobre os contínuos de *urbanização*, *oralidade-letramento* e *monitoração estilística*, já que nosso objetivo principal é a construção de um glossário dos romances do autor. Ao adotamos a divisão dos romances entre *rurais*, *rubanos* e *urbanos* mais pelo lugar que pela língua, realizamos o enquadramento das obras conforme a localidade em que se desenvolvem os enredos, pensando no tipo de sociedade ou ambiente que o autor buscou descrever, para, em seguida, verificar as falas dos personagens e delas compor o glossário.

2.1 Sobre o Autor e Suas Obras

Em 1º de julho de 1928, São Bento, que só a partir de 1941 recebeu o complemento “do Una” em seu nome, como alusão ao rio que corta a pequena cidade situada no agreste pernambucano, via nascer Gilvan de Souza Lemos. Segundo o próprio autor, o nome da cidade tem origem na crença em um santo que protegia as pessoas da localidade contra o ataque de cobras que eram avistadas na época da povoação. Assim ele conta, no *Portal SBU*⁹,

⁹ Trata-se de uma página na internet sobre São Bento do Una, daí SBU, indicando as letras iniciais do nome da cidade. Na seção *História*, após o texto que conta o nascimento e a formação da cidade, há um link para um texto intitulado *História de São Bento* contada por Gilvan Lemos. É nele que o autor relata o caso das cobras e narra a formação de sua cidade natal, revelando também que o romance espaço terrestre é sua história romanceada.

a razão do aparecimento daqueles répteis e a motivação semântica para o nome da cidade: “[...] por ocasião das ‘derrubadas’ era tamanha a quantidade de cobras que saíam da mata que o povo, atemorizado, apelava aos gritos: ‘Valei-nos, Senhor São Bento!’ Daí o seu batismo”. Vemos, portanto, quanto a língua do povo importa ao autor e ao estudo de sua obra, pois até na origem do nome de sua cidade existe a fala do povo, fato que Gilvan se preocupa em explicar.

Outra particularidade de seus textos é o caráter memorialista, que vai desde as lembranças contadas nas falas dos personagens às metáforas e alusões que seus romances fazem à sua própria história. Sua infância, por exemplo, marcada pelos incômodos da conjuntivite rendeu apelidos que, em *Jutaí menino*, revelam a tristeza do garoto Jutaí, marcado pelo mesmo mal do autor. Era o *galo-cego*, o *olho-roído*, ou ainda *olho-de-sapiranga*. Nem os óculos escuros foram suficientes para o pequeno Juta escapar das alcunhas; pelo contrário, rendiam-lhe mais criatividade nos nomes. O presente que o tio Chico lhe trouxera do Recife não serviu muito ao propósito que Juta queria. “Apenas uma proteção, embora já lhe tivessem valido muitas alcunhas: *burro-de-carroça*, *inspetor-de-quarteirão*, *pitu-de-óculos...*” (LEMOS, 1995, p. 87)

Também na obra referida há registro de outra marca da infância do autor: o gosto pelos quadrinhos. Após receber um pacote com várias revistas de uma amiga que morava em Maceió, apaixonou-se pelo gênero e passou a compor suas próprias histórias. De início, copiava dos exemplares que tinha, quando não sabia fazer algum desenho; depois, passou a ser mais original, criando os seus e sua revista: *O Pinguim*, que era por ele mesmo editada e distribuída, em São Bento, apenas aos amigos mais próximos. Tinha ele menos de 12 anos quando a lançou, em 1940, mas não permitia que os leitores ficassem, apenas emprestava. Dois anos depois, lança *O Farol*, ainda inspirada nos quadrinhos norte-americanos, com heróis que refletiam o momento daquela nação. Contudo, Gilvan foi aos poucos descolando dessa linha e introduzindo, tanto em *O Pinguim* quanto em *O Farol* os temas nacionais, mas sem muita maturidade e profundidade no assunto. Em *Jutaí menino*, ocorre o mesmo, e o autor faz questão de mostrar essa mudança, quando o personagem Ferreira aconselha o menino desenhista a não fazer propaganda dos americanos. Era ele, Jutaí, um desenhista como Gilvan. Assim como o autor, o personagem lia e escrevia histórias em quadrinhos, mas não as mostrava a ninguém. Conta a narrativa que, após perceber que haviam mexido em “suas coisas”, Juta fica ensandecido, esperneia e brada: “Quem foi que buliu nas minhas coisas?” (LEMOS, 1995, p. 83). Como o autor, seu personagem também tinha ciúmes das revistas.

Do mesmo modo do autor, o personagem Jutai conheceu os gibis a partir de amigos: Gilvan, por Lilia, amiga que morava em Maceió-AL e lhe mandara o primeiro pacote de revistas; e Jutai, pelos gibis que os netos de Seu Álvaro, amigo de seu avô, deixavam para ele. E da mesma forma que o autor, Jutai começou a fazer seus próprios quadrinhos, conforme a narrativa revela.

Copiando as historietas dos Gibis¹⁰, Jutai aprendera a desenhar. Depois começara a criar suas próprias histórias. Enredo, desenho, tudo de sua autoria. Lançara uma revista nos moldes do Gibi. Chamava-se “O Pinguim”, toda escrita (em letra de imprensa, miudinha) e ilustrada por ele. Um único exemplar, que passava de mão em mão, sob as vistas do redator. Jutai mantinha séria vigilância à sua obra. [...] (LEMOS, 1995, p.83)

Vemos, portanto, que não foi a concepção do personagem inspirada só nos seus problemas de saúde, na infância, mas também no seu talento para os quadrinhos. Sua história com esse gênero basicamente se repete com Jutai, da maneira como aprendeu a desenhar aos nomes das primeiras revistas que criaram: idênticos; até o ciúme que Jutai tinha de suas criações também era baseado na infância do autor, como conta o primo Leone Valença, na biografia redigida pelo jornalista Thiago Corrêa, recentemente lançada:

Por serem feitos a mão e seus originais serem os únicos exemplares, as revistas não entravam no sistema de circulação do clube de leitura.¹¹ As criações de Gilvan circulavam apenas entre os amigos mais próximos, sempre sob o olhar atento do autor: “Ele emprestava para a gente ver, mas ele nunca quis se desfazer daquilo”, lembra Leone. Ciúme que Gilvan manteve até os últimos dias de vida, guardando cuidadosamente as revistas num envelope em seu escritório, revelando o mesmo receio de compartilhar a sua relíquia quando me mostrou os exemplares em nosso último encontro. (CORRÊA, 2017, p.44)

Dos quadrinhos para os romances passaram mais alguns anos. Seu primeiro conhecido fora escrito aos 19, mas sua publicação foi tardia, uma vez que lhe faltavam recursos para

¹⁰ A inicial maiúscula se deve ao nome da revista que Jutai manuseava: *Gibi*. A propósito, esta revista cuja primeira publicação data de 1939, pertencia ao Grupo Globo e surgiu como concorrente de outra, que circulava com o título de *Mirim*. Com o tempo a palavra “gibi”, que anteriormente significava “moleque”, passou a ser sinônimo de revista em quadrinhos. No romance em questão, conta o narrador a relação do personagem Jutai com a revista Gibi e também a compara com outra do mesmo gênero: “Aprendera alguns traços numa revistinha chamada Gibi. Ah, Jutai tinha loucura pelas histórias em quadrinhos que aquela revista publicava! Ainda se lembrava da primeira vez que lera um Gibi. Já conhecia o Tico-Tico, um ou outro número perdido que aparecia em São Bento. O Tico-Tico era bonzinho, mas não se comparava com o Gibi. (LEMOS, 1995, p.82)

¹¹ A existência desse clube é anteriormente revelada por Leone, quando o jornalista inicia os relatos sobre a relação de Gilvan com as histórias em quadrinhos. Recorrendo a fala do primo do autor, o biógrafo permite que o leitor de sua obra saiba, pelas palavras do entrevistado, como funcionava o clube de 40 a 50 crianças que pediam quadrinhos às editoras por encomenda. Transcrevemos, pois, as palavras de Leone, já incorporadas a biografia escrita por Thiago Corrêa: “Não chegava gibi em São Bento. Então, cada sócio contribuía com 50 centavos por semana, porque a revista vinha direto pelo correio, vinha do Rio de Janeiro.” (CORRÊA, 2017, p.44)

viabilizá-la. *Sete Ranchos*, então, permaneceu guardado até 2010, quando a Editora Nossa Livraria o lançou ao cenário literário. Conta Gilvan, em entrevista concedida ao escritor Fernando Farias, no programa *Bate Papo*, do *Observatório Literário*¹², que não queria publicar a obra porque achava que se tratava de uma história sem valor, feita por um jovem inexperiente, em 1947. Foi o editor quem insistiu em publicá-lo. *Sete ranchos* trata de uma ocupação, da criação de um bairro em São Bento, realizada por um pequeno grupo de miseráveis. Embora uma obra de autor incipiente, o texto já continha a gênese do romance gilvaniano, conforme salienta o biógrafo:

Ainda que se trate da obra de um iniciante escrita quando o autor estava apenas na casa dos 19 anos, *Sete Ranchos* surpreende por sua força narrativa, pela organização do conteúdo, poder de absorção de tipos humanos, **caracterização da linguagem falada pelo povo** [grifo nosso], desenvoltura dos diálogos, profundidade nos dramas pessoais e capacidade de seleção de fatos que nos ajudam a compreender a dimensão social de uma comunidade periférica como a de Sete Ranchos, como o risco da miséria, abuso de poder da polícia, incapacidade comunicativa da igreja, degradação da família, descaso do poder público, solidariedade, alcoolismo, prostituição, fronteiras entre a periferia e o restante da cidade. (CORRÊA, 2017, p.71)

Portanto, essa é a obra que deu a tônica do romance gilvaniano, ainda no princípio de sua carreira. As histórias de sofrimento por que passam personagens, na maioria pobres, replicam-se em suas obras. As injustiças cometidas por personagens poderosos, donos de terra, políticos, pessoas de influência na sociedade, estão presentes no romance gilvaniano de *Sete Ranchos* a *Vingança de Desvalidos*, embora cada texto contenha peculiar maneira de abordar tais questões sociais. No entanto, para nosso trabalho, a informação de que *Sete Ranchos* já buscava uma caracterização da linguagem falada pelo povo é o que mais importa. Isso denota que o autor teve essa preocupação desde os primórdios de sua carreira. Não podia escrever romances com personagens inspirados em seu povo sem buscar a utilização de sua língua.

Contudo, dos quadrinhos para o romance, o autor trilhou um caminho árduo, principalmente para conseguir publicação e reconhecimento. Foi preciso amadurecer, largar os desenhos, apropriar-se do novo gênero com a difícil leitura de longas histórias para, só em seguida, arriscar-se na escritura. Foi preciso também enfrentar a descrença familiar e mudar de cidade para alcançar o sucesso pretendido.

¹² Os áudios desse programa estão disponíveis no YouTube e no blog *Observatório Literário*, em ambos postados pelo próprio Fernando Farias.

De início, o gênero romance lhe chegou pelas mãos da mãe, que mesmo sem estudo, lia clássicos da literatura nacional; e pela irmã Malude, que lhe recomendou a leitura de *O Conde de Monte Cristo*. Menos pelo jovem Gilvan e mais pela insistência dela é que ele concluiu a leitura da obra clássica de Alexandre Dumas. De início ainda largou, achou muito grande, pois estava acostumado às historietas de quadrinhos; depois prosseguiu, tomou gosto, concluiu e, daí em diante, largou os gibis e passou a ler romances, clássicos da literatura brasileira. Na biografia recente está o registro da seguinte fala do autor:

Mamãe tinha esses livros tudinho, fiquei lendo. E Malude tinha livros dela, ela ganhava dinheiro desde mocinha. Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, todos esses eu adorava [...] Admirava muito Graciliano, gostava demais. Adorava Erico Veríssimo, era o escritor caseiro de mamãe. Me influenciaram muito, eu ficava olhando como eles escreviam e tirava as conclusões. (LEMOS, apud CORRÊA, 2017, p.60)

Notamos, então, que o apego ao local poderia ter levado o autor a uma literatura bem mais regionalista, do ponto de vista da temática abordada pelos autores lidos por Gilvan Lemos. Mas ele focou suas tramas no universal, na singularidade de seus personagens, e pôs o social como pano de fundo. Ele mesmo afirmava que sua obra não era engajada; que sua crítica estava lá, subliminarmente, mas que cabia ao leitor julgar; que não tinha partido, ou seja, não opinava nas obras. Entretanto, a linha de denúncia sutil, por se ater a personagens que sofriam com as mazelas sociais, pode ser uma influência da leitura de Graciliano ou de José Lins, por exemplo. A questão é que o tom do romance gilvaniano é mais preso à problemática individual que à coletividade em si; é mais o drama pessoal que ele foca.

O caminho para o sucesso como escritor, no entanto, começou a ser traçado ainda em São Bento do Una, após largar os quadrinhos e tomar gosto pelas narrativas mais longas, como eram os romances lidos por sua mãe. Morando ainda naquela cidade, Gilvan conseguiu a publicação de dois contos na revista mineira *Alterosa*, intitulados de *Pelo caminho mais curto* e *Viagem de ida e volta*. Curiosamente, os títulos remontam à ideia de deslocamento; o que de fato ocorreu, quando o autor decide partir de São Bento. De início, com a ideia de ir para o Rio de Janeiro; depois, muda o destino para Recife.

A determinação para ser escritor viera quando o autor queimara uma obra de 700 páginas, escritas em folhas de caderno escolar, após seu irmão mais velho tomá-la para ler trechos em um jantar, com o intuito de gozar do caçula. Revoltado com a intromissão do irmão, o jovem Gilvan queimou, no quintal da casa, o livro cujo nome era *Sombras do destino* e empenhou-se, a partir daí, no objetivo de tornar-se escritor. Mas, para isso, cria que era preciso sair do atraso, mudando-se de São Bento.

No entanto, não foi nada fácil a chegada à capital pernambucana. As diferenças entre as cidades eram gritantes, do ponto de vista populacional e do desenvolvimento. Gilvan não dispunha de grandes recursos, quando chegou lá, aos 20 anos, em maio de 1949. Após desistir de ir para o Rio de Janeiro, muda-se com a mãe para a pensão de uma tia, no Pátio do Terço, localizado bairro de São José, centro do Recife. Desempregado, resolveu conhecer a cidade “de cabo a rabo”, perambulando a procura de um emprego até ser contratado como auxiliar de escritório na Sul América, companhia de seguros que o contratara após um teste arrumado por seu tio Petrônio.

É na capital, portanto, que o autor passa boa parte de sua vida. Depois de alguns poucos meses na Sul América, começa a frequentar pontos mais badalados, como a esquina do Café Lafayette, lugar onde se encontravam jornalistas, escritores, estudantes de Direito e Gilvan com o tio que lhe conseguira o emprego. Nesses encontros, ele se ambientou ao Recife, soube das histórias, das pessoas, dos lugares, da cidade. Mas ainda tinha São Bento pulsante na memória, na solidão do quarto onde morava. Tanto que o primeiro romance que conseguiu publicar, *Noturno sem Música*, continha grande inspiração na sua cidade natal, que naquele momento parecia ser melhor que a feroz Recife do emprego formal, no qual todos se tratavam como “senhor”. Recife do Santa Cruz, time de futebol para o qual torcia Gilvan, e do Sport, time do tio que pouco visitava, tamanha a rivalidade entre os clubes. Aliás, o futebol em si, desde o time da firma que Gilvan chegou a integrar, não lhe trouxe, em Recife, grandes alegrias. Foi lá que se entristeceu quando a seleção brasileira perdeu a Copa de 1950, para seu desespero e de todo povo brasileiro. Também foi nesse período que quebrou a perna, numa partida de futebol pelo time da firma.

Mas *Noturno sem Música* não fora publicado tão rapidamente. Levou cinco anos para o autor conseguir estrear como romancista. De dezembro de 1950, quando ocorreu a sofrida aquisição da máquina de escrever – que só conseguiu comprar a prestação –, até as primeiras linhas, foram três meses sem ideia. Depois de dar início ao texto, inspirado em *Caetés*¹³, de

¹³ Há um texto autobiográfico, não publicado, chamado *Vá vendo o caiporismo*, no qual Gilvan Lemos confessa ter se inspirado nessa obra de Graciliano Ramos para começar o romance *Noturno sem Música*. Na biografia escrita por Thiago Corrêa, existe um relato, extraído do texto autobiográfico, em que o romancista classificou seu ato como “plágio”, ou melhor, “um roubo inocente dum rapazola de 23 anos incompletos”. De fato existem grandes semelhanças logo no início das obras, com uma cena comum, protagonizada pelos trios amorosos dos dois romances: um momento em que os maridos se recolhem e ficam apenas, num determinado cômodo, as esposas e os admiradores, que põem xícaras nos pires, antes de se retirarem, diante do incômodo que elas sentem com a situação. E dizemos no plural porque são duas cenas quase idênticas as que abrem *Caetés* e *Noturno sem música*, com ações muito parecidas protagonizadas pelos personagens. O jornalista chega a ampliar as comparações entre as obras, estendendo-as ao restante do enredo, fazendo alusões aos trios amorosos e a outras partes. Contudo, restringimos nossa observação à linguagem empregada pelos autores e não vemos, neste estudo, grandes semelhanças, em princípio. Como nosso objetivo é abordar outras obras de Gilvan, sequer nos

Graciliano Ramos, seguiram-se, contudo, só 41 dias para a conclusão. E estava concebido o terceiro romance cronologicamente escrito por Gilvan Lemos, mas o primeiro a figurar nas prateleiras das livrarias, mesmo que só em 1956. Daí em diante o autor passou a brindar seus leitores com mais romances, novelas e contos até o início do século XXI.

Exceto *Sombras do Destino*, cujas linhas não se tornaram conhecidas, nem o autor fez esforço para lembrar de nenhuma delas nas entrevistas que concedeu, ao todo, são 12 romances que elencamos, por ordem do ano da primeira publicação: *Noturno sem Música* (1956), *Jutaí Menino* (1968), *Emissários do Diabo* (1968), *Os Olhos da Treva* (1975), *O Anjo do Quarto Dia* (1976), *Os Pardais estão voltando* (1983), *Espaço Terrestre* (1993), *Cecília entre os Leões* (1994), *A Lenda dos Cem* (1995), *Morcego Cego* (1998), *Vingança de Desvalidos* (2000) e *Sete Ranchos* (2010). Desses, parte conta histórias ambientadas em cidades do interior e outros tem o Recife como palco. Dentre aqueles cujas histórias se passam em cidades interioranas, podemos notar que existem os que apresentam conflitos próprios de ambientes rurais, como disputas de terra, caso de *Emissários do Diabo*; e os que se prendem às vicissitudes de cidades que estão no meio termo, ou seja, lugares cujo desenvolvimento se dá às margens de uma estrada, ganha certo aspecto de cidade urbana, mas mantém o vínculo com o meio rural, do ponto vista socioeconômico e cultural. *O Anjo do Quarto Dia* é exemplo desse tipo, pois as ações ocorrem tanto na parte urbana da cidade, com sua diversidade de espaços (bares, igreja, cinema, casa de autoridades, cadeia e até as ruas por onde perambulam bêbados e prostitutas), quanto em meios rurais mais afastados, como o sítio onde a personagem Ana se recolhia ou a fazenda na qual Josias Rezende tomou o coice mortal, após ver o menino anjo. É por isto que enquadrámos este romance como *rurbano*. Diferente dele, *Emissários do Diabo* tem a grande maioria de suas ações ocorridas no meio rural, seja na pequena fazenda ou sítio Degredo, defendida pelo rude Camilo, seja na grande, Condado, pertencente ao seu tio, o Major Germano, que busca anexar as terras do sobrinho, assim como fez com outros pequenos proprietários de terra, com a alegação de que sempre foram suas.

Nessa linha, apresentamos os três tipos de enquadramento para os romances gilvanianos: os *rurais*, os *rurbanos* e os *urbanos*. Como dissemos anteriormente, esta categorização tem por base a visão freyriana a respeito das características das cidades nas quais se situam as histórias de Gilvan Lemos. No quadro a seguir, dividimos as obras

consoante esse enquadramento, para, posteriormente, discorrermos comentários sobre elas e os motivos peculiares que nos levaram a considerá-las como *rurais*, *rurbanas* ou *urbanas*.

Romances rurais	Romances rurbanos	Romances urbanos
<i>Emissários do Diabo</i> <i>Espaço Terrestre</i> <i>A Lenda dos Cem</i>	<i>Noturno sem Música</i> <i>Jutaí Menino</i> <i>Os Olhos da Treva</i> <i>O Anjo do Quarto Dia</i> <i>Os Pardais estão voltando</i> <i>Sete Ranchos</i>	<i>Cecília entre os Leões</i> <i>Morcego Cego</i> <i>Vingança de Desvalidos</i>

Os dois primeiros grupos se referem às obras ambientadas em cidades inspiradas em São Bento e seus arredores. No Programa *Leituras*, da TV Senado, o entrevistador Maurício Melo Junior¹⁴ afirma que São Bento é uma cidade rurbana, conforme Gilberto Freyre definiu, ao que o autor concorda. Já na entrevista concedida ao escritor Fernando Farias¹⁵, para o *Observatório Literário*, o autor afirma, no quadro *Bate-Papo*, que todas essas cidades são, na verdade, São Bento do Una. Até os romances passados em fazenda são sobre fazendas de São Bento. Além disso, o autor deixa claro que sua cidade natal está sempre presente em grande parte de suas obras, principalmente pelo ambiente, critério com o qual ele mesmo tratou de as dividir.

Ao diferenciar romances como *Jutaí Menino* e *Os Pardais estão voltando*, que remontam às suas memórias, de outro grupo de romances, denominados por ele de romances “de fazenda”, que aqui chamamos de *rurais*, Gilvan assim responde ao questionamento de Fernando Farias sobre a presença de São Bento em sua obra: “Ah é... É muito.” Em *Jutaí Menino*, com cidade de mesmo nome e personagem com características de sua infância; e em *Os Pardais estão voltando*, com o nome Bentuna para a cidade, mas conservando os mesmos aspectos de sua terra natal, e as impressões de quem a ela volta. Assim, cremos ser cabível a distinção que fazemos sobre romances *rurais* e *rurbanos*, pois este também nos parece ser o entendimento do autor, que fez diferença entre o primeiro tipo, chamados por ele de romances

¹⁴ Vídeo de entrevista realizada em 2005, no programa *Leitura*, da TV Senado e publicada no YouTube em 2012.

¹⁵ Áudio de entrevista publicado no YouTube, sem imagens, apenas com foto do autor.

“de fazenda”, e o segundo, com os exemplos de *Jutaí Menino* e *Os Pardais estão voltando* apresentados pelo próprio autor. De qualquer modo, está São Bento do Una presente no romance gilvaniano, seja pelos nomes das cidades, pelas suas recordações emprestadas aos seus personagens ou ainda pela linguagem a eles atribuída, sendo este o aspecto que mais nos interessa.

Importa, por isso, que, se as cidades (ou as localidades rurais nas quais se dão os acontecimentos desses romances) são inspiradas em São Bento e seus arredores, é possível verificarmos as marcas de identidade entre o real e o ficcional. E é o que acontece, quando o autor cita as localidades de Grotão e Logrador, respectivamente a área rural e a urbana, em *O Anjo o Quarto Dia*, e que são realmente localidades de São Bento do Una. Também o monte Grongonzo, citado em *Jutaí Menino* e em *Os Olhos da Treva*, é conhecido em São Bento do Una como o lugar de onde se pode ter a vista completa da cidade. Por fim, outras localidades reais são lembradas de alguma forma na obra do autor, como Gado Bravo, povoado de remanescentes quilombolas cuja direção é indicada em placa na estrada para São Bento, e é citado em alguns de seus romances como lugar de onde vinham pessoas negras; ou o povoado de Sete Ranchos, que nomeia seu último romance publicado, mas não o último escrito, conforme esclarecemos anteriormente.

Por fim, o último tipo tem sua denominação com base no ambiente da capital pernambucana, devido aos cenários urbanos que ilustram as obras. Sobre *Cecília entre os Leões*, por exemplo, o próprio autor trata de esclarecer, também na entrevista ao escritor Fernando Farias, que o título da obra é uma alusão a uma praça no centro do Recife, a Praça Maciel Pinheiro, que possui esculturas de leões num chafariz. Lá era o local onde a personagem Cecília esperava o namorado Sileno, e ele a via entre os leões.

Além desse romance, *Morcego Cego* e *Vingança de Desvalidos* também tem o Recife como cenário. O primeiro, por exemplo, com as ruas e paradas de ônibus por onde o personagem Juliano passava, a vender doces feitos por uma velha miserável: Noca, ex-prostituta e sua mãe. O segundo, com a bela visão do Capibaribe, rio que corta aquela cidade e junto com suas pontes e manguezais compõem o cenário em que se detinha o personagem Jorge, ao perambular pelas ruas, parando para “se deliciar com o que via”. (LEMOS, 2001, p.25)

Em suma, os romances *urbanos* são assim enquadrados do mesmo modo que os *rurais* e os *rurbanos*: mais pelo lugar que pela linguagem dos personagens. Todavia, ficam de fora

deste trabalho por nos centrarmos na caracterização da linguagem interiorana, mais precisamente na busca de demonstrar o léxico dos personagens que representam o povo que Gilvan Lemos conheceu e ouviu falar em sua cidade natal.

2.2 Sobre os Personagens em *O Anjo do Quarto Dia*

A complexidade dessa obra vai além das técnicas empregadas pelo escritor na tessitura de sua narrativa. Embora o enredo seja considerado um dos mais bem construídos pelo autor, há quem creia que a aparição do anjo tarde, para um texto que o tenha no título. A questão é que a gama de personagens que Gilvan põe em cena é tamanha e tão diversa que o menino, anjo vingador, que surge como presságio de morte para alguns, passa a ser um personagem secundário, principalmente se se pensar na quantidade de aparições dele e no fato de ele não ter fala na história. Contudo, a trama é bastante engenhosa, ou seja, composta numa verdadeira teia que vai da hipotética mãe do menino anjo, pessoa simples e solitária, a um forasteiro, que chega à cidade sem nada e se torna praticamente dono da mesma.

Nesse sentido, os personagens que o autor põe em cena para construir seu enredo é o grande trunfo dele para caracterizar seu povo. Do ponto de vista sócio e etnolinguístico, léxico e dialetológico, a obra contém, em diferentes partes, homens, mulheres, crianças, adultos e idosos, se pensarmos nas variáveis *sexo* e *faixa etária*. Se pensarmos na variável *profissão*, temos políticos, juiz, escritor autodidata (como Gilvan se definia), estudantes de Direito, artesãs, prostituta, empregados de fazenda, pedintes, funcionários públicos, enfim, uma diversidade bem próxima da realidade de uma cidade nos moldes de São Bento do Una, como o autor parecia querer representar.

Os estudos sociolinguísticos, etnolinguísticos e dialetológicos costumam considerar variáveis como essas acima na investigação dos falares em diferentes grupos sociais. Unem-se a elas também *escolaridade*, *estado civil* e *naturalidade*, quando se quer traçar o perfil de falantes. A questão é que estamos lidando com o texto literário, o que não nos permite inquerir informantes, como é praxe nos estudos supracitados. Por isso, o que nos fornece dados sobre os personagens é a própria narrativa do autor, que vai ao longo das obras informando-nos a respeito de características do povo que Gilvan concebeu para suas histórias. Assim faz ele com Oricão, cujo nome completo é apresentado no primeiro parágrafo do capítulo 2, conforme inusitadamente relata a narrativa:

[...] Oricão apareceu ninguém sabe de onde, magro, então um espigão montado nos seus dois metros de altura, uma mão adiante outra atrás, passando de operário da fábrica de laticínios a biscateiro na cidade, de biscateiro a cambista de jogo de bicho, de cambista a zelador da igreja dos protestantes, de zelador a fiscal da prefeitura, de fiscal a prefeito e, finalmente, de prefeito a Orico Gonçalves Rezende. (LEMOS, 2002, p. 15)

Ele é o forasteiro que citamos acima, que ascende praticamente à condição de dono da cidade, após passar por todos esses postos. Só casou com meninas de 13 anos e, com o passar dos anos, buscou os “balancês” de outras, como a jovem Tininha (19), mesmo tendo ele mais de 90, ainda que apenas por ilusão ou saudosismo da época em que “vivia no meio da *sujidade*, tirando da fossa o sustento”, achando-se “homem até demais”. Dizia ele: “Ah, eu furava paredes. Vúpote!” (LEMOS, 2002, p. 108). Eis aí uma onomatopeia machista e sexista para um ato de que Oricão se orgulhava: tomar as mulheres para si, como bonecas de carne, tal qual afirmava Gilberto Freyre (1969), ao tratar da sociedade patriarcal, na qual observou a dominação da mulher pelo homem.

Traçar o perfil de todos os personagens com fala nessa obra não é o caso aqui, mas apenas apresentar aqueles cujas falas escolhemos a título de abonação para as entradas do glossário. Deste modo, identificamos 20 personagens com nomes ou alcunhas, 4 denominados na obra apenas pela função que ocupam ou profissão e mais 13 anônimos, totalizando 37 personagens cujas falas contêm lexias de cunho regional-popular exemplificadas em abonações do glossário. A composição de fichas com seus perfis, com as variáveis *faixa etária ou idade, escolaridade, estado civil, profissão, sexo e naturalidade*, permitiu-nos algumas conclusões a serem apresentadas mais adiante, em nossas considerações. Nesta seção, no entanto, relevamos a história dos principais personagens, na obra, com exemplos de lexias que eles põem em discurso, demonstrando o léxico regional-popular de que tais personagens dispõem e que apresentaremos em glossário no capítulo posterior.

A primeira personagem apresentada na obra é Ana, suposta mãe do menino anjo, como dissemos acima. Apresentada no primeiro capítulo como uma mulher que se isolou dos familiares numa área rural, vive o drama de ter perdido um filho quando mais jovem, fruto de um amor proibido com um boiadeiro, Zé Moleque. Ambos assassinados a mando do pai de Ana, filho e amante foram retirados dela à força: a criança, logo após o parto; o amante, com a incumbência de levar uma boiada no sertão, “deram-lhe fim”. Porém, no capítulo 11, Ana, sozinha, numa região afastada (Grotão) teve outro filho, sem que seus familiares soubessem, fruto de uma noite com um desconhecido (ao menos para o leitor) que lhe surge de repente e a quem ela se entrega. Mas a criança morre e, antes de Ana enterrá-la, torna à vida. A narrativa leva a crer que o menino é o anjo: um garoto alvo, loiro, que aparece para os filhos de Oricão

de modo misterioso: nada fala, deixa-os encantados com sua beleza e some, como num devaneio. Após o quarto dia da aparição, vem a morte para quem o viu. Ana, faz de tudo para esconder seu filho, mas as visitas de sua prima Mira a sua casa ameaçam seu segredo.

Os diálogos com Mira estão presentes desde o início da obra. Neles, existem exemplos de *lexias* que marcam a linguagem regional, como em seus conselhos sobre aumento dos valores dos produtos artesanais que Ana confecciona, para que não fique em desvantagem com um comprador que negocia suas peças: “O dono da loja, olhe, *enche o pamba*, cobrando pelo dobro, triplo.” (p.11). Já nos últimos capítulos, quando Ana passa mal, ao saber que Oricão está “caçando” o menino que, segundo criam os moradores da cidade, aparecia para trazer a morte, Mira, preocupada, pede ajuda a seu marido: “Acode, Alfredo, Ana quer ter uma *besoura*, vai lá dentro, traz um caneco d’água”. (p.243)

E havia, ainda, Oricão, o velho Orico Gonçalves Rezende, que fora alfabetizado, já adulto, pela filha de um pastor evangélico recém-chegado à cidade, uma garota de 13 anos, com quem ele casou e teve o primeiro filho. Oricão é um dos principais personagens da história, todavia está mais para anti-herói que salvador, numa cidade em que pessoas morrem ao serem visitadas pelo menino anjo¹⁶. Antes disso, Oricão foi tomando conta dela pouco a pouco, ascendeu das funções mais humilhantes (limpador de fossa) a outras mais leves (cambista de jogo do bicho, por exemplo), até chegar a ser prefeito. Depois, tratou de agir para revezar seus filhos no cargo, mantendo a família no poder, característica bem comum às cidades interioranas do Nordeste (e por que não dizer da política brasileira em si, independente de região?) e exercendo influência em toda cidade, desde cartórios até no apadrinhamento do escritor Gonçalo Guerreiro, que só foi às “*Oropa*” pelo patrocínio do patriarca Orico Rezende.

Nas suas falas está toda arrogância pelo poder que exerce, a desdenhar do jornal que o criticava: “Josias, rasga de minhas *ouças* teus inofensivos pasquins” (p.74); sua sexualidade aguçada em atitudes libertinas com as mulheres jovens, muitas adolescentes, ainda: “E esses pelinhos do teu sovaco, fininhos assim que nem pernas de *imbuá*” (p.74); e hipocrisia de uma religiosidade de muito discurso e pouca prática: “Se vocês não tivessem frequentado nossa

¹⁶ Na verdade, só quem morre após avistar o menino são os Rezende. Mais precisamente, Oricão e seus três filhos. Primeiro Jason, depois Jensonias, Oricão e, por fim, Josias, cuja causa da morte não fica clara para o leitor, um vez que a narrativa se encerra em reticências, pontuação que interrompe a fala do personagem e finda a obra. Antes disso, o menino anjo também aparece para a Tia Mé; contudo, esta não morre, o que reforça a interpretação de que se tratava de um vingador, que vinha cobrar dos Rezende todos os desmandos que cometeram na cidade.

igreja, aprendido a ler e escrever, onde estariam agora? Sem ler e escrever pra poder votar, *babau! Danou-se tudo, acabou-se tudo.*” (p.117).

A outra personagem de relevância do ponto de vista sócio e etnolinguístico, léxico e dialetológico que destacamos nesta obra é Piranha, uma prostitua que, pelas descrições do narrador, era uma mulher não muito feia, mas que se prestava a situações desprezíveis. As falas de Piranha são exemplo de linguagem chula, com palavras de baixo calão, empregada, algumas vezes, por pessoas de baixa escolaridade ou desprovidas de educação familiar conservadora e/ou condição social privilegiada. Eis a descrição da personagem, realizada pelo narrador, após relatar a revolta de alguns bêbados que xingavam os Rezende no bar:

E Piranha por ali, rondando, mais interessada em arranjar um freguês para a noitada. Piranha, de prendas indomesticáveis, uma amalucada que dava conta de tudo na cidade, sabia de tudo que se passava nos arredores, vadia de serviço, vadia de prontidão no cio, o freguês que conseguia era na base da cegueira alcoólica. (p.68)

No glossário, constam 19 lexias de cunho regional ou popular atribuídas a Piranha. Depois de Oricão, com 62, ela é a personagem com mais falas aproveitadas neste trabalho. É também, junto com Orico Rezende, quem mais usa linguagem de conotações sexuais. Quando estava no ato, por exemplo, reclamava com as seguintes palavras: “Ah! Deixa de lambança, assim não tomo interesse na *foda*” (p.68). Ao ser convidada pelos bêbados a discursar contra os Rezende, proferia: “Porque, meus senhores, vamos deixar de *frangagem*, o que digo sempre é que o homem para ser homem precisa é de ter *cunhão roxo* [...]”; mas se a tocassem sem autorização: “Assim, não! Assim, não! Tira a mão do meu *farinheiro*” (p.70); ou se mexessem na sua roupa: “Seus *amolestados*! Cambada de *filho da égua*. Vão *alevantar* a saia da mãe, vão apreciar o...” (p.71). Em suma, suas 19 unidades léxicas, que distribuímos ao longo do glossário, em ordem alfabética, exemplificam a linguagem regional-popular e, para além disso, verdadeiros tabus linguísticos comuns na fala do povo.

Quanto aos tabus, a propósito, destacamos também falas de Oricão, as quais contêm muitas expressões chulas, palavrões e palavras depreciativas. Esse personagem, no entanto, vai além dos tabus pelo uso de linguagem de conotações sexuais, quando emprega palavras figuradas nas conversas com as mulheres. Um exemplo está num diálogo com uma menina que Oricão acaricia no cinema, aproveitando a escuridão da sala para pôr sua “mãozona” dentro da blusa dela, “*corrupiando* aquelas *verruquinhas* fibrosas” (p. 107). É nesses termos que ele agia com as meninas, jovens, adolescentes. Por outro lado, outro diálogo vai além da tara por “meninotas” e nos conduz ao universo da agressão física: a conversa com seu filho

Josias, que se assustava e, ao mesmo tempo, admirava-se com a beleza da criança que lhe aparecera: o anjo. Diante das descrições que fizera o filho, o velho solta: “Bonito assim, por que não botou no *furico* dele?”. Na verdade, isso vai além de um tabuísmo, pois mais que usar palavra popular ou chula, no sentido do sexo, menciona ação reprovável e criminosa, uma vez que considera a possibilidade de agredir sexualmente uma criança.

Junto com Piranha e Oricão, outra personagem de linguagem bem popular com número relevante de lexias em nosso glossário é Tininha. Como dissemos acima, ela vivia de chamego com o velho Orico Rezende, às escondidas, em princípio; depois como uma espécie de cuidadora, que o velho sempre mandava chamar para se sentir vivo. Tininha protagoniza diálogos importantes na narrativa, dois deles que esclarecem crimes ocorridos na cidade. Um ocorre com João Carlos, quando ela relata o que sabe do assassinato de Amísio, com quem matinha um relacionamento escondido de Oricão. Após presenciar o sinistro, conta que fugiu para a casa do velho Orico, escondeu-se no quarto, sentiu “o corpo todo *frioso*, que aquilo não era febre, um suor gelado [...]” só acordando “no outro dia, meio *alesada* [...]”. (p.137)

Outro diálogo relevante para a trama e com exemplos de lexias pertencentes à linguagem popular acontece com o próprio Oricão, a quem Tininha fazia carícias, iludindo o velho, que já não mais sentia ereção, apenas gostava das carícias para lembrar dos tempos em que ela lhe servia como amante. Essa passagem, já no penúltimo capítulo, mais parece um monólogo de Tininha, preparando-se para assassiná-lo, escolhendo o melhor lugar para cravar uma tesoura: “no fim do pescoço, pra baixo, afastando as pelancas, tem um ossão *de revestrés* [...]”. É nele que, no fim da narrativa, descobre o leitor onde Tininha cravou o instrumento que usava para aparar unhas e pelos do ex-amante e opressor¹⁷. Antes, ainda nas carícias, chama-o de “velhão *cuiudo*, porcão macho”, perguntando se ele quer ver seus órgãos no espelho, para, em seguida, preferir voltar ao “ossão *de revestrés*”, para a “*clavis*”, onde se

¹⁷ Sobre a opressão a que Tininha se submeteu, relevamos, por um lado, a discussão que fizemos em um artigo intitulado *A constituição do homem pela genitália: machismo e sexualismo no falar de Oricão*, publicado nos anais do II Congresso Nacional de Literatura (Conali II), ocorrido em 2014, na UFPB. Nesse texto tratamos de várias lexias empregadas pelo personagem em tela com vistas a demonstrar sua sexualidade aguçada, expressada em lexias simples, compostas, complexas e textuais. Por outro lado, um trabalho que levamos a XXVI Jornada do Gelne, em 2016, contém uma discussão mais aprofundada da relação homem-mulher, nas sociedades patriarcais, com base em Freyre (1969). É aqui que o léxico denuncia a opressão que a mulher sofre pelo homem, que a busca dominar, torná-la seu objeto de prazer, como Oricão fazia, “varando-as”, palavra que denota menosprezo à mulher como pessoa humana, cidadã de direitos; ou tratando como “gazelinhas”, “cabritinhas”, lexias revestidas de machismo travestido de carinho, mas também de uma visão que, para além do objeto, revelam animalidade, como se fossem caças para serem devoradas pelo predador homem. Contudo, a “revolta” dos oprimidos, prevista por Freyre, faz-se reconhecer na ação de Tininha, que mata Oricão por vingança do assassinato de Amísio e para do velho opressor se libertar.

descobre, adiante, que ela cravou a tesoura e deixou o velho Oricó Rezende sangrar para morrer.

Por fim, destacamos Amísio, amor de Tininha, jovem estudante de Direito, filho de juiz, o Dr. Anísio, e Dona Amélia. Daí advém seu nome, mistura dos nomes dos pais: **Am** de Amélia + **ísio** de Anísio = Amísio. “Ideia imbecil” do pai, segundo o próprio filho revela. Revoltado com os abusos dos Rezende na sua cidade, o jovem pretendia se formar para enfrentar a corrupção da família dominante; antes mesmo, no entanto, fez uma série de denúncias contra Oricão e seus filhos, através de manuscritos que roubou de Codó, um escritor autodidata a quem Amísio lhe dirigia perguntas impertinentes: “Dizem por aí que você nunca *deu uma trepada*, verdade, Codó?”.

A propósito, Codó é personagem central na trama, porquanto seus escritos contenham denúncias que, tendo sido levadas ao público por Amísio, sem que o autor soubesse, provocam a ira de Oricão, que o manda prender. Nas suas narrativas há várias denúncias das “safadezas” dos Rezende, como no caso de um médico que, por estar em festa na casa de Oricão, deixa o posto vazio. Por falta de atendimento, a filha da miserável Maria Baixinha vem a óbito, após agonizar de fome e comer alimento impróprio: “*uns juá cum caroço e tudo*” ou “uma rodela de pão duro” como único “*dicomezim ranjado*” pela mãe, para ser mais fiel ao linguajar característico da mulher, como Codó se sentia obrigado a reproduzir. Mas ele, Codó, escritor autodidata, em suas falas pouco nos dá exemplos de linguagem regional-popular: contabilizamos apenas 9 no glossário. Um exemplo de destaque está justamente na sua narrativa, quando conta o caso de três crianças que morrem, após comerem tanajuras que “*malacaxeteavam* o espaço com suas asas brilhantes e *furtantes*”; tanajuras cujo formigueiro fora envenenado a mando de Josias, filho de Oricão. De escolaridade indefinida, filho de tabelião, Codó apresenta, por outro lado, diversos exemplos do que Preti (2003) chama de chama de dialeto social culto e rivaliza com Oricão e Amísio dentre os personagens que alternam entre o culto e o popular.¹⁸

Amísio, por sua vez, é um dos personagens com maior nível de escolaridade a cujas falas nos dedicamos, no sentido de verificar o léxico regional-popular e sua identidade sociocultural. Em seus devaneios de heroísmo, Amísio une linguagem popular, sintaxe padrão

¹⁸ A respeito dessa questão, salientamos um trabalho intitulado *O culto e o inculto, de Oricão a Codó: variações socioculturais em O anjo do quarto dia*, o qual publicamos como capítulo do livro *A linguagem regional popular – aspectos léxico-semânticos*, organizado pela Prof. Dr.^a Maria do Socorro Silva do Aragão. Nesse texto, relevamos as alternâncias nas falas formais e informais dos personagens, numa abordagem difásica, por um lado; por outro, destacamos aspectos socioculturais que corroboram para as ocorrências que registramos.

e neologismo, conforme exemplifica o trecho da narrativa, a seguir, onde ele sonha acordado, dizendo:

- Formado, venho para esta cidade, estabeleço-me, **desrezendeio-a**. Começo pelo velho, velhão, dois metros de altura, duzentos quilos de safadeza, com barriga e tudo. Só de **jatumama**, dizem, mais de trinta centímetros. A maior do mundo. **Decapa-la-ei** com um golpe de minha espada vingadora. Ficará saltando como rabo de lagartixa? (p. 30) [grifos nossos]

Nos destaques, temos o neologismo “*desrezendeio-a*”, criado pelo autor para Amísio dizer que pretendia retirar os Rezende do poder; a palavra “*jatumama*”, como sinônimo popular de pênis; e a colocação pronominal mesoclítica em “*decepa-la-ei*”. São exemplos de que este personagem, portanto, possuía conhecimento sobre língua em sua variedade de prestígio, mas não deixava de empregar também o léxico regional-popular, que lhe atravessa, independente da escolarização ou classe social.

Ao lado do amigo João Carlos, Amísio protagoniza alguns debates que extrapolam a esfera do léxico, à qual nos dedicamos nesse trabalho. Contudo, a discussão sobre colocação pronominal na fala de pessoas de classe média e em um anúncio do alto-falante da praça remete a uma característica do autor: usar seus personagens para fazer discussões sobre a língua¹⁹. Por isso, não deixamos de apresentar este exemplo da criatividade de Gilvan Lemos, porquanto represente uma faceta que nos parece bem peculiar essa sua preocupação em discutir particularidades linguísticas através de suas obras. Eis, então, um trecho do diálogo entre João Carlos e Amísio, no qual os personagens questionam o uso de pronomes oblíquos na fala dos cidadãos de sua cidade.

- E a preocupação que a gente da classe média tem de falar corretamente, não é? Se você deixa escapar uma palavra errada, por exemplo, num instante caem em cima de você sem dó nem piedade. Se você diz, vi ela, a risadaria é geral: Viela é um beco sem saída.

- Mas às vezes se confundem. Outro dia o alto falante da praça estava anunciando: Alô, alô Marilu, sua mãe o chama. Mas tudo isso não vale. (p. 37)

¹⁹ Essa é uma característica que temos observado na obra de Gilvan Lemos. Em *Jutaí menino*, como já dissemos aqui, existe o caso do “sotaque no X”, mas também há um caso de um personagem vindo do Rio de Janeiro, cuja fala diferente é percebida pelas pessoas de São Bento. No conto *Ritual de danação* também existe uma observação acerca daquilo que o autor chama de sotaque. Nesse caso, ele se refere a uma portuguesa que administra uma pensão, um cortiço, e fala com sotaque transmontano. Outros exemplos de observações linguísticas, tanto dos personagens quanto do narrador podem ser notados em outras obras, como em *Emissários do diabo*, quando a narrativa apresenta recordações de Camilo sobre as indiretas do irmão Armando e do primo Robério, a respeito do modo de falar das pessoas a quem ele tinha apreço: “Pode ser que na casa de João Evaristo esses versos deem certo, lá eles chamam ‘teia’” (LEMOS, 1974, p. 119). Adiante, quando tratarmos dos personagens nesse romance, na seção 2.2 *Sobre os personagens em Emissários do diabo*, voltaremos a essa questão, esclarecendo, inclusive, a que se prestava tal indireta.

Esse *falar corretamente* representa aquilo que anteriormente apresentamos, sobre o contínuo de urbanização, uma vez que se trata de uma forma de denominar a variedade linguística de prestígio, padronizada. Antecede essa parte do diálogo uma discussão sobre a cultura letrada desses e de outros personagens, assumida por João Carlos, que admite ter nascido e se criado no mato, como valores tradicionais. Faz parte disso, então, ler Camões, Álvares de Azevedo e Castro Alves, por exemplo. É daí que surgem os questionamentos da citação acima, pois, se o povo era tão letrado quanto se dizia ser, e havia quem “queria se mostrar” no trato com idioma, por que não empregavam o pronome adequado nos exemplos acima? Se a classe média daquela cidade era tão diferente da gente simples, como usavam “vi ela” em lugar de “a vi”, ou “sua mãe o chama” em vez de “sua mãe te chama, chama-te, ou chama por ti”?

Na verdade, os personagens fazem indagações comuns a qualquer usuário da língua portuguesa que, estudando-a na variedade de prestígio, perceberá que as ocorrências dessa variedade dita padrão, culta, como norma a ser seguida, pouco existem no falar das pessoas em geral. E quem em seu favor age com preconceito contra quem não a domina, sujeita-se a inconsistências como as apontadas por João Carlos e Amísio.

Além disso, esses dois personagens, estudantes de Direito, são um exemplo claro de que, independente da escolaridade ou da classe social, a linguagem regional-popular pode ocorrer, pois as falas de ambos contêm exemplos de usos formais, padronizados, nos termos de Bortoni-Ricardo (2009), por um lado; mas, por outro, também aderem a expressões populares, como na citação aqui posta sobre o heroísmo de Amísio, ou quando João Carlos demonstra sua insatisfação com a preocupação excessiva do amigo com os Rezende, lembrando-lhe a origem humilde da família odiada: “E vieram de baixo, você sabe. O velho Oricão *comeu a bosta que o diabo cagou*.” (p.37)

No entanto, outros personagens com menos importância para o desenrolar da narrativa são apresentados na obra e também possuem falas a título de abonação em verbetes do glossário. Com base nas fichas de personagens, as quais apresentaremos em apêndice à tese, traçamos seus perfis para realizar discussões sobre as lexias por eles empregadas. Baseados nesses dados, também construímos um quadro sintético a respeito dos personagens de *O Anjo do Quarto Dia*, de cujas falas fizemos uso no glossário. Acrescentamos a esse quadro informações relevantes sobre eles na trama, como vínculos familiares, ações que realizaram e a quantidade de lexias regionais ou populares empregadas nas abonações do glossário. Tais informações ajudam a compreender o contexto das falas dos personagens.

Assim, eis o quadro geral:

Personagem	Informações relevantes à trama	Nº de lexias no glossário
Oricão	Forasteiro que domina a cidade por anos; anti-herói, responsável por vários malfeitos, mas também mantenedor de várias pessoas pobres através da igreja evangélica que banca.	62
Piranha	Prostituta que agita as ruas e os bares.	19
Tininha	Espécie de cuidadora de Oricão; ex-amante dele e namorada de Amísio.	16
Codó	Contido escritor, autodidata, contrário a Oricão; autor de textos com descrições dos desmandos praticados pelos Rezende.	13
Maria Baixinha	Mulher pobre, que perde a filha por falta de atendimento médico.	2
Amísio	Estudante de Direito contrário a Oricão e grande pivô da prisão de Codó, por transformar seus manuscritos em pasquins contra os Rezende.	09
João Carlos	Estudante de Direito amigo de Amísio.	3
Dr. Anísio	Juiz da cidade, pai de Amísio.	3
Ana	Mãe do anjo.	7
Mira	Prima de Ana, esposa de Alfredo, mãe de João Carlos e Lucíola.	13
Lucíola	Filha de Ana e Alfredo.	6
Alfredo	Esposo de Ana, pai de João Carlos e Lucíola.	2
Tia Mé	Tia de Codó; única a ver o anjo e não morrer.	8
Tia Zu	Irmã de Mé e solteirona como ela.	6
Josias	Filho de Sara, primeira menina-esposa de Oricão; último a morrer.	2
Jesonias	Filho de Nice, segunda esposa de Oricão; segundo a morrer.	1
Jason	Primeiro a morrer; filho de Lina (Deolina), última esposa de Oricão e única a ficar viva após o parto ²⁰ .	1

²⁰ Conta a narrativa que Oricão casou três vezes, sempre com uma menina por volta de treze anos. Como Oricão tinha fama de possuir um pênis avantajado, uma jatumama de mais de 30 centímetros, as pessoas da cidade acreditavam que elas “morriam de parto porque ele tinha a peia muito grande e varava as bichinhas, no ato. Quando ela davam à luz, estavam arrombadas, tinham de morrer”. (LE MOS, 2002, p. 26)

Maria	Esposa de Jason	1
Dorinha	Amiga de Mira, com quem fofoca ao telefone sobre as pessoas e os fatos da cidade.	1
Diná	Mãe de Nice	1
Administrador	Funcionário dos Rezende, que administrava a fazenda onde Jesonias tomou um coice de um cavalo e morreu.	1
Tenente	Autoridade policial que comanda as diligências para encontrar o anjo, a mando dos Rezende.	10
Cabo	Junto com o Soldado, efetua buscas ao menino anjo sob as ordens do Tenente; disfarça sua homossexualidade e detesta Piranha.	2
Soldado	Realiza buscas pelo anjo, junto com o Cabo, de quem sofre assédio sexual; foi também junto com este que assassinou Amísio, antes da aparição do anjo na história.	5
Anônimo I	Um dos moradores locais revoltados com a presença de Seu-Davi, pastor evangélico que chega a cidade com sua esposa (Dona Raquel) e filha de treze anos: Sara, que se tornou a primeira esposa de Oricão.	1
Anônimo II	Um dos moradores que, após aguardar mais uma edição dos pasquins, revolta-se com a espera infrutífera e xinga Codó.	2
Anônimo III	Mais um dos moradores que xinga Codó.	4
Anônimo IV	Uma dos homens presentes num bar onde Piranha fez discurso contra os Rezende; o primeiro a incentivá-la a realizar tal afronta.	1
Anônimo V	Pessoa não identificada, que puxa o assunto a respeito dos órgãos genitais de Codó, em seu enterro.	2
Anônimo VI	Uma das mulheres que batem à porta de Oricão, em busca de alimento.	2
Anônimo VII	Personagem imaginado por Josias, que se admiraria em caso de ele admitir que os Rezende tomavam bebida alcoólica.	1
Anônimo VIII	Um dos interessados no menino procurado pelos Rezende, o qual acreditava, junto com muitos, tratar-se de um menino feito de ouro, uma estátua.	2
Anônimo IX	Outro interessado na recompensa prometida pelos Rezende a quem encontrasse o anjo.	2

Anônimo X	Pai ou mãe de menino levado a força para verificação dos Rezende, que prometem recompensa financeira a quem tiver um menino loiro.	3
Anônimo XI	Um dos interessados na notícia do jornal local, a respeito das condições para receber o prêmio pelo menino	1
Anônimo XII	Membro da comissão que avaliava os meninos que as pessoas levavam, para pleitear a recompensa.	1
Anônimo XIII	Personagem que, em diálogo com outro não identificado, discute hipóteses que justifiquem o interesse dos Rezende por um menino loiro.	1

2.3 Sobre os Personagens em *Emissários do Diabo*

Terceiro romance publicado por Gilvan – o quinto, se considerarmos o não publicado *Sombras do Destino* e o escrito em 1941, mas só publicado em 2010, *Sete Ranchos – Emissários do Diabo* é tido por muitos leitores seus e por analíticos de suas obras como sua melhor narrativa. É uma daquelas obras que enquadramos como *rurais*, pois a grande maioria de suas ações, suas paisagens e seus personagens se situam em fazendas, sítios, descampados ou estradas de terra por onde se trafega a cavalo. Poucas são às menções ao espaço urbano, à “rua”, como as pessoas daquelas localidades denominam os centros urbanos.

Do ponto de vista da construção narrativa, Gilvan faz uso de mais de um narrador para fazer andar a história²¹. Começa pelo narrador principal, onisciente, mas vai aos poucos emprestando a narrativa a outros personagens. Primeiro a Donana, que entra em cena intercalando as palavras do narrador com a frase “Foi assim, Camilo”, para contar suas versões dos fatos que a levaram junto com seu filho caçula à condição em que estão: sozinhos numa casa, cujas terras em redor correm risco de serem tomadas pelo Major Germano. Ao todo, ela entra em cena em quatro oportunidades, orientando-o e revelando sua história com os Rodrigues, o lado mal da sua família, isto do ponto de vista de Donana. De seus relatos em

²¹ Essa também é uma característica presente em *O anjo do quarto dia*, que tem a maior parte da narrativa contada pelo narrador, onisciente, mas também contém trechos com relatos de Oricão, quando conta suas peripécias do passado, e de Codó, em cujas cartas conta fatos ocorridos na cidade. Em *Emissários do diabo*, contudo, são 4 intervenções de Donana, um monólogo de João Batista, irmão de Camilo, além dos diálogos entre o major Germano, seus filhos e sobrinhos, no qual o tio de Camilo narra alguns fatos que contradizem as narrações de Donana com relação à posse da fazenda Degredo. Unem-se a esse recurso os cortes na narrativa, que mesmo sem estar dividida em capítulos, sai de uma parte para outra, como em cenas de cinema, algumas vezes, com uma localização: “Fazenda Condado. Nela o Major Rodrigues havia estabelecido a sede de seus domínios” (LEMOS, 1974, p.42)

conversas com Camilo, destacamos exemplos que nos permitiram inserir 24 unidades léxicas de cunho regional popular como entradas no glossário. Um exemplo está na sua reprovação à aproximação de Camilo com a prima Ercília, filha do Major Germano Rodrigues, seu tio: “Daqui a pouco começa o *fuzuê*” (p. 21); ou quando ela narra sobre as origens e feitos de sua família, momento em que lembra como seu Tio Dão buscava desviar o caminho diante de “um *magote* de negros e mulatos” (p. 53) que avistava conversando.

Donana é uma personagem muito importante para a trama e para o funcionamento dessa obra. Se, por um lado, é ela quem conta a Camilo como seu pai o deixou ou como seu tio agiu para prejudicá-la, por outro, suas histórias funcionam como combustível para ampliar a discórdia entre as famílias, prendendo o filho caçula a si, após perder os outros três (Armando, João Batista e Maria Clara) para Germano. Ela é um dos emissários que inflamam a raiva de Camilo contra seu tio.

Sua morte é uma das cenas mais emocionantes da obra. Relatada pelo narrador desde o momento em que Camilo recorda seu pedido de casamento a Ercília, não aceito devido ao modo como ele propôs, desprezando o consentimento do tio, até o reconhecimento de que a doença da mãe se agravava, a passagem constitui-se como uma intercalação na narrativa, cujo tempo principal o colocava em rota de volta ao Degredo, após infrutífera conversa com o irmão Armando. Era no caminho que Camilo se lembrava de como ele e Ercília haviam se afastado e de como Donana sucumbiu a uma doença por ele não identificada, mas cujo estado grave era prontamente reconhecido pelo compadre João Evaristo: “Compadre já não tratou de gado atacado de mal sem cura? Que é que vê numa rês que já recebeu todos os tratamentos e não *amostra* melhora? Pois repare em sua mãe. Gente é como bicho” (p. 128). Assim morreu Donana: como uma rês sem condições de ser tratada.

Sem a presença dos irmãos, que tardaram aparecer, Camilo recebeu ajuda apenas do compadre João Evaristo, que levara mulher e filha. Chega a barrar a entrada dos Rodrigues (seus irmãos, primos e tios), que só à noite vieram, na expectativa de participarem do velório de Donana. Mas não era essa a presença que interessava a Camilo. Proibidos de entrar na casa, certamente não ouviram seu resmungo: “Por que aquela *quenga* não veio?” (p.130). A *quenga* era Ercília, “a outra” que “não veio” ao velório da tia como os outros, barrados à porteira do Degredo. Depois disso, a narrativa descreve uma das cenas mais fortes da obra, típica de filme de terror, ou no mínimo de suspense. Após andar de um lado a outro dentro da casa vazia, só com ele e o corpo de Donana (demais familiares do lado de fora, proibidos de entrar), Camilo “garrou” cavador e pá, foi para os fundos do quintal e enterrou a mãe,

sozinho, a luz de “um facho”, tocha feita de sua camisa e de um candeeiro que se apagara três vezes na noite fria. A descrição do narrador é contundente, detalhada, vai das formas do cadáver aos movimentos do filho coveiro para entrar no buraco, prepará-lo, descer o corpo, acomodá-lo e cobri-lo de terra. Dentro da casa, porém, Camilo protagoniza ainda mais arrepiante momento, que pomos em destaque na íntegra, devido às diferentes sensações sentidas pelo personagem em tão curto período. Camilo vai da angústia, rebentada em choro, à fúria, em segundos, apenas por uma presença misteriosa. Para cada momento, usa unidades léxicas que representam bem seus sentimentos.

Primeiramente, eis a narrativa que situa seu desespero pela perda de Donana, na qual, em rebento, ele profere a palavra mais significativa, a que mais bem a definia:

Sob o pé de turco a nova marca. A casa do Degredo, presente, chamava-o. Na ponta do pau a camisa em brasa esfiapava-se. A chama se extinguiu. Camilo carregava de volta a pá e o cavador. Um vazio, um nada que fazer. Comadre Raimunda ainda viria? Para quê? Não sabia ela, ninguém sabia. Ficou na sala de jantar, a esperá-la. As velas permaneciam queimando no quarto de Donana. O alcoviteiro na sala da frente, outro na mesa. As luzes ofendiam-lhe a vista, pareciam observá-lo. Saiu-as apagando. Primeiro as velas, depois o candeeiro da frente, por último o que estava sobre a mesa onde comiam. Onde comiam ele e Donana. Onde ele somente ia comer. Sentou-se. E o silêncio. O silêncio. Outra luz havia: a lua que penetrava pela janela. Deu-lhe as costas, curvou-se. E aquilo estourou. Caiu de joelhos, dentro dele tudo rebentando. Queria conter-se, mas ao invés ganhava, zurrava, soltava soluços que lhe passavam rasgando a garganta. “Donana! Donana! **Mãe! Minha mãe!**” (p. 131) [grifos nossos]

Em seguida, Camilo expressa toda sua ira, diante da aparição indefinida, que o faz lembrar a “quenga” ausente, que poderia estar ali, a contemplar sua agonia. É tão somente por não saber quem o vira que ele explode, após o momento de choro.

E ficou a ouvir os próprios vagidos. Mesmo ao calar-se ainda os ouvia. Tornou ao tamborete, sentou-se, limpou os olhos. E o silêncio cresceu mil vezes mais. Debruçou-se à mesa. Ela podia ter vindo. Se ela tivesse vindo... subitamente algo pressentia. Voltara comadre Raimunda? Não, não era a comadre. Quem? Quem estava ali? Pressentimento em forma de arrepio. Alterava-se, incompreendido. Acontecimento estranho ele aguardava. Voltou-se e deu com o rosto na janela. Mal divisado, porque imediatamente se retirara. Camilo correu na sua direção. Não havia ninguém. Pôde escutar entretanto pisadas rápidas se afastando, em seguida um como tropel de cavalo. “**Seiscentos diabos!** [grifos nossos] Apareçam! Venham me buscar!” E em resposta só obteve o silêncio. Aquele mesmo silêncio. (p. 131-132)

Pusemos em destaque a lexia que Camilo usa como gatilho para dar vazão a sua raiva. Raiva de Ercília, que não o veio ver no momento mais triste da vida; raiva da vida, por estar só, após anos de dedicação à mãe; e do Diabo, que parecia zombar de seu momento de

tristeza, em vez de carregá-lo de uma só vez. Os mesmos “seiscentos” que pareciam possuir seu corpo no momento em que decidiu enterrar o cadáver da mãe sem que os familiares vissem, para que ela nunca mais sáísse do Degredo, contrariando o que ele cria que queria o “Major-de-merda-Germano”.

A propósito, essa particularidade de parecer estar possuído é percebida por mais de um personagem na obra. O segundo a acreditar que ele “*estava com o diabo no couro*” é Zeca, um dos empregados de Germano flagrados por Camilo na tentativa de tanger as vacas alheias que entraram no Degredo para pastar. Zeca e Josias tentavam convencer Camilo de que não arrebentaram a cerca, de que as vacas entraram porque a divisa entre o Degredo e a fazenda Condado já estava arrebentada; contudo, a percepção de Camilo era de que as vacas costumavam ser tangidas para lá pastar e depois eram retiradas pelos empregados do Major. Diante do impasse e das ofensas que lhe foram dirigidas, Camilo partiu para cima de um deles, Josias, que o via por cima, a bater nele sem parar, sem deixar chance para defesa, apenas uma pequena paulada frente a socos que o fazia verter sangue pela boca e nariz. Depois foi para o outro, Zeca, que lhe pedia calma, acreditando ver Camilo “*possuído do demônio*”, a correr atrás de ambos. Escaparam, mas, como emissários, levaram o recado ao Major, relatando o momento de fúria (ou possessão demoníaca) do sobrinho. Nisso, o próprio Camilo passou a acreditar que ficava possuído, pois cria já ter visto o demônio na noite em que enterrou o corpo da mãe. Mas quem achou que viu não foi só ele.

Na verdade, a primeira personagem a ver Camilo em condições de desequilíbrio emocional, em fúria, aparentando estar fora de si, é D. Raimunda, a esposa de João Evaristo. É ela quem admite ter visto a cena do enterro no fundo do quintal, quando o compadre dava “a crer que estava *possuído do demônio*” (p. 132). Esse é um fato detalhado e narrado dentre as lembranças de Camilo no caminho de volta ao Degredo, após o encontro com o irmão Armando, a quem tinha ido “*a cobra*” de um trato. Embora a narrativa deixe claro que D. Raimunda não voltara para ajudar Camilo naquela noite, por ter visto a cena do enterro, não entrega quem o viu pela janela. Poderia ser a mesma ou Guiomar, uma das filhas de João Evaristo a qual voltaria outras vezes para lhe preparar comida. E voltava todo dia, sem que Camilo tivesse certeza de quem ela era. Cria mesmo era que, na janela, quem o observara havia sido o “*maligno*”.

Um terceiro personagem a reconhecer um comportamento descomunal em Camilo, ou sobrenatural, como se “possuído” estivesse, é o cangaceiro Paizinho Bala, que surge na narrativa, após enviar um emissário, seu capanga Cobra, para oferecer “*garantia*” a Camilo,

contra um hipotético ataque do Major ao Degredo. O emissário cangaceiro prevê dificuldades nos planos do chefe, ao perceber que o dono das terras em que pisava era “*disposto*”. Pouco tempo depois, ao voltar já com o chefe, outro “*cabra*” (Tonhão) e, para a surpresa de Camilo, na companhia do desaparecido Manoel Martins, Cobra se une a Paizinho Bala numa luta corporal contra Camilo e assassinam seu pai mentiroso. Baleado ao menos três vezes, Camilo encontra forças ninguém sabe de onde (segundo eles, os cangaceiros, no demônio) para revidar os ataques que sofrera e conseguir eliminar seus algozes. Após o último disparo, quando Paizinho Bala já não tem certeza da pontaria e, sem sucesso, tenta fugir, chega a proferir: “Esse excomungado *tem mesmo parte com o demo*” (p. 153). Ou seja, também entre os cangaceiros era conhecida a fama de Camilo não só de ser “disposto” ou “metido a arrochado”, mas também de “ter parte com o demo”, de por ele “ser possuído”, de tê-lo “no couro”. Do ponto de vista linguístico, sustentamos essa interpretação com base no sentido do advérbio “mesmo”, que denota uma reiteração, reafirmação, ou uma confirmação de que, de fato, essa particularidade de “ter parte com o demo” pertencia a Camilo.

Ao todo, contamos 21 unidades léxicas que constam como entradas no glossário, onde utilizamos abonações com trechos de falas de Camilo. De Donana, por sua vez, destacamos 28; do cangaceiro Paizinho Bala, retiramos apenas 6 lexias, devido à quantidade pequena de falas do personagem na obra; do compadre João Evaristo, 13. No entanto, está nas falas do empregado Sebastião, ou Bastião, o maior número de lexias de cunho regional-popular que apresentamos em nosso glossário: 43.

Insistente, mas simpático, Bastião chega ao Degredo logo no início da narrativa, oferecendo-se para trabalhar, sem receber, de pronto, consentimento de Camilo. O “*chaleira*” que saíra das terras do Major Germano buscava de diversas formas agradar ao novo patrão, seja com cambalhotas ou com cantorias que pretendia proferir com o auxílio de um “*realejo*”. Afirmava não vir “fugido do Condado”, como desconfiava Camilo, mas vinha das terras do Major, certamente; não negara. Dizia que ficava no Degredo até pela “*boia*”, diante da afirmativa do novo patrão de que não estava em condições de pagar a empregado. E ficou.

Mas Bastião é também um dos emissários que inflamavam as pessoas contra Camilo. Não por interesse de prejudicá-lo, pois o empregado era apenas um “*chaleira*”, mas pelos excessos. Esse “*chaleirismo*” todo ia dos elogios diretos: “Parece que quando seu Camilo tira a camisa fica *mais maior*. Isso é que é uma *estampa* de homem. Nem *calunga de caminhão*” (p. 36); até as “*pabulagens*” que contava do patrão nas bebedeiras. É aí que reside seu mal. Numa de suas idas às compras, quando costumava contar pabulagens de Camilo, foi detido

por soldados da polícia, sob alegação de carregar uma pseudo peixeira. Levado ao delegado, foi torturado para confessar quantos “*cabras*” Camilo tinha nas suas terras; *cabras* aqui no sentido de *capangas*, devido à boataria que o comerciante Chico Queijeiro espalhara na localidade, após chegar às terras de Camilo e encontrá-las sob “uma *limpa*”, desconfiando que a casa “*acoitava*” um bando. Bastião só foi solto um dia depois, quando chegou às terras do patrão para contar sua versão dos fatos. E assim estava armado mais um leva-e-traz, pois o empregado emissário também levou ao conhecimento de Camilo as palavras do delegado: “Olhe, diga a seu patrão que eu acabo a *valentia* dele. Já sei de tudo.” (p. 86)

A propósito de Chico Queijeiro (7 *lexias*), o comerciante que passava nas terras de Camilo para lhe comprar queijo e depois nas do Major, levando informações de um lado a outro, sua importância do ponto de vista da narrativa está, sem dúvida, nas suas “*parolices*” de lado a lado. É um verdadeiro emissário do Diabo, que vai a Camilo alertá-lo de que o Major está se armando, preparando para tomar mais uma fazenda, por um lado; mas, por outro, vai ao Major, falar da “*limpa*” que Camilo veio a providenciar, ao redor da casa, a fim de retirar obstáculos a sua visão e, assim, proteger-se. Para Chico Queijeiro (e o Major), contudo, tratava-se de uma preparação para o conflito, uma vez que Camilo devia estar abrigoando “*cabras*” em suas terras. Armada a confusão, só a presença de Paizinho Bala, no fim da narrativa, na companhia apenas de dois *capangas* e de Manoel Martins, é capaz de esclarecer que tudo não passava de boataria, que levou a um conflito armado cujo resultado foi a morte de Guiomar e Bastião, de início, e depois dos cangaceiros, junto com Manoel Martins, pai sumido de Camilo, que havia conduzido Paizinho Bala e seus *capangas* Cobra e Tonhão para as terras do filho, a fim de que conseguissem se apossar de caixas de balas que haviam supostamente sido compradas por Camilo e escondidas na casa²².

Por fim, destacamos o Major Germano Rodrigues, o fazendeiro do Condado, que anexava fazendas alheias, ou “*sitiozinhos mambembes*”, como dizia Feitosa, mais um emissário que alertava Camilo sobre os planos do tio. Irmão de Donana, Germano é o mais bem sucedido dos quatro irmãos Rodrigues, os descendentes de portugueses que vieram para

²² Na verdade, a estória das balas era mais uma “*parolice*” que Chico Queijeiro levava a conhecimento das pessoas, após passar no Degredo. Desta vez, a conversa partiu do próprio Camilo, que, gostando da ideia de que as pessoas acreditavam que ele mantinha os cangaceiros em suas terras, pergunta ao “*enredeiro*” comprador de queijos onde poderia comprar umas balas. Diante da resposta “Na rua tem. É só mandar buscar. Não me ofereço porque...”, agradece e mente: “Muito obrigado, tenho portador. Outro dia recebi umas caixas, mas não foram compradas aqui”. (p. 90) Estava montada a história de que Camilo possuía caixas de balas de rifle, guardadas em sua casa, para enfrentar um exército. Só que dessa vez a “*pabulagem*” partira dele próprio, com a ajuda do empregado Bastião, que sustentara a estória frente a Chico Queijeiro.

aquela localidade e rivalizaram com Monteirão, bisavô de Camilo e antigo maior dono de terras do lugar. Descrito como baixinho, grosso, vermelho (*lagarta-de-fogo*), o Major Germano tramou por anos, ao menos do ponto de vista de Donana e Camilo, apossar-se das terras em que vivia a irmã com seu filho caçula, o mais avesso sobrinho. Conta ela que, ao herdar de Monteirão diversas terras, os familiares de Manoel Martins, pai de Camilo, não cuidaram dos bens e foram, aos poucos, perdendo o patrimônio. Os Rodrigues, percebendo tal falta de zelo, aproximaram-se, por interesse em participar das “*gandaias*” que Manoel promovia (caso de Sinhô, irmão de Donana) ou por perceber a possibilidade de adquirir seus bens a baixo custo (Germano). Em relato a Camilo, Donana narra como o irmão tornou-se dono das terras que pertenciam a Manoel Martins, de que recursos lançou mão e como ela e o filho foram parar no sítio Degredo.

Dizem que Manoel quando entrava numa mesa de jogo Germano ia logo encostando, para **aperurar**. E ali se plantava, comprando os bens de Manoel. Manoel perdendo e ele comprando **a preço de enforcado**. Assim se apoderou de tudo que Manoel possuía. Sei que da Serra da onça saímos para a Serra Verde, desta para a Lagoa da Pedra, da Lagoa da Pedra para o Riachão e assim, até baixarmos aqui no Degredo, justamente o pior e menor sítio de Manoel. Não sei até onde vai a verdade, mas quando Germano se aproximou de Manoel, ele, Manoel, começou a ir para trás. E a prova está aí: Germano dono de todas as terras que pertenceram a Manoel Martins. Ficamos na miséria, meu filho. (p.54-55) [grifos nossos]

Vemos, em tal relato, que a aproximação dos Rodrigues com o pai de Camilo visava conseguir alguma vantagem. Enquanto Sinhô se preocupava com as farras e bebedeiras bancadas pelo cunhado, Germano visava às terras, adquirindo-as “a preço de enforcado”, ao se aproveitar dos descuidos do cunhado em mesa de jogos para arrematar suas terras em troca das dívidas que não conseguia pagar no jogo. E foi “aperurando” o jogo de Manoel que Germano prosseguiu, retirando os bens do cunhado e, posteriormente, tramando uma forma de se apoderar do último pedaço de chão que restava à irmã.

Dos diálogos com os filhos, sobrinhos, capangas e com o emissário Chico Queijeiro retiramos 12 unidades léxicas para compor o glossário. Nelas o Major Germano denota a identidade sociocultural que Gilvan Lemos lhe quis atribuir, como um senhor de terras, poderoso proprietário do meio rural, que reconhecia no sobrinho o único “*cabra*” capaz, dentre os filhos de Donana; nos demais, só via “*chaleirismo*”. É dele também o uso de lexias bem populares e próprias da linguagem regional, quando busca apaziguar a confusão formada com briga de Camilo com seus empregados, no episódio das vacas intrusas. Germano, aparentemente, manda-os embora, dizendo que “*ganhem o mundo*”, a fim de evitar acusações

de que “acoitava” empregados como Zeca e Josias, “desfeiteados” por um “possuído do demônio”; e diminuir a curiosidade de quem quisesse saber detalhes da briga que eles travaram com o sobrinho, sem precisar tecer reclamações como a proferida na primeira aglomeração de curiosos: “E esse povo todo aí, que estão esperando? *Morreu galego?*” (p.65)

Além desses personagens de maior destaque para o enredo da obra, *Emissários do diabo* ainda apresenta outros dos quais retiramos falas para compor o glossário. No total são 25 personagens com nomes ou alcunhas, exceto 2 denominados apenas pela circunstância, como um certo *companheiro de limpa*, que trabalha com Camilo numa época em que este ainda era um jovem buscando se afirmar, mas já não suportava o tio. Ao avistá-lo, esconde-se numa moita, ao que o companheiro pergunta: “Vai dar de corpo?”; o outro é um *comprador de gado* que, devido aos boatos de que Camilo estaria deixando suas terras, vem saber dos animais: “*Apois eu estava crente que seu Camilo ia desfazer-se dos bichos*” (p. 57). Dos 25 restantes, só o Delegado não possui uma denominação própria, mas todos possuem ao menos uma fala aproveitada no glossário. Juntamos às informações desta natureza, outras que pusemos na ficha de personagens (em apêndice), completando seus perfis de acordo com os dados que a narrativa revela e construímos, assim como fizemos com *O anjo do quarto dia*, um quadro geral de personagens para o romance *Emissários do diabo*.

Personagem	Informações relevantes à trama	Nº de lexias no glossário
Camilo	Personagem central, cuida de um sítio (Degredo) cuja posse é motivo de discordância entre sua mãe, Donana, e seu tio, o Major Germano Rodrigues.	22
Germano	Conhecido como Major, o irmão de Donana é rival de Camilo, seu sobrinho. Dono de diversas propriedades, sustenta documentalmente que tem a posse do sítio Degredo e busca convencer filhos e irmãos de Camilo de que tem razão.	12
Manoel Martins	Manoel Martins, pai de Camilo. Bisneto do grande proprietário de terras de outrora na localidade (Monteirão), é conhecido pela bebedeira e pela ganância que o fez perder seus bens. Passa a maior parte da narrativa escondido, só aparecendo no fim, para sua desgraça e do filho.	5
Monteirão	Antigo dono de terras da localidade, que fugiu para a Bahia após entrar em conflito com os Rodrigues e ser processado	1

	por agredir um padre local.	
Donana	Mãe de Camilo, narra boa parte da história. Suas falas a Camilo entram em contradição com as de Germano aos filhos e sobrinhos.	28
Tio Dão	Irmão do pai de Donana. Tinha aversão a negros aos quais se dirigia como “cabras”.	1
Bastião	Ex-empregado das terras do Major Germano, passa a trabalhar para Camilo. Responsável por espalhar boatos do patrão, torna-se um dos emissários que corroboram para o conflito que se estabelece entre as famílias.	43
Chico Queijeiro	Comerciante local, que faz negócios com Camilo e com o Major, levando boatos de um para o outro, tornando-se também um dos emissários pelo leva-e-traz que proporciona.	7
João Evaristo	Compadre e conselheiro de Camilo. Pequeno proprietário de terra, ameaçado pelo poderio do Major.	13
Guiomar	Filha de João Evaristo, passa a viver com Camilo até morrer, sem ter casamento formal ou filhos.	5
Armando	Irmão mais velho de Camilo, primeiro a envolver-se com a família de Germano, ao se casar com Deolinda, filha do Major.	2
João Batista	Segundo filho de Donana, segue o mesmo caminho de Armando, casando-se com uma prima, a filha de Sinhô, irmão de Germano.	6
Maria Clara	Irmã de Camilo, casa-se com Robério, filho de Germano.	1
Ercília	Filha de Germano, envolve-se com Camilo, que a pede em casamento, mas sem dirigir-se ao pai. Após recusar o pedido, vive com o pai, a quem culpa pela desistência do amante, que não mais a procura.	2
Robério	Advogado, filho de Germano e esposo de Maria Clara. É quem providencia os papéis que o pai precisa para provar a posse do sítio em que Camilo vive.	1
Zeca	Boiadeiro, empregado do Major Germano.	5
Josias	Boiadeiro, também empregado de Germano.	1
Feitosa	Pequeno proprietário de terra que oferece serviço a Camilo, em caso de ele se desfazer do Degredo.	3

João Firmino	Amigo de Camilo, que se oferece para defender o Degredo, diante do boato de que o major pretendia invadi-lo.	3
Maria Rosa	Empregada da casa de Germano, espécie de ama para Ercília.	1
Paizinho Bala	Cangaceiro que atormentava as fazendas da localidade. Foge após trama armada pelo Major Germano com a polícia e volta anos depois em busca de vingança, esbarrando nas terras de Camilo, por causa de um boato de que ele possuía caixas de bala escondidas em casa.	9
Cobra	Capanga de Paizinho Bala. Emissário que propõe a Camilo proteção contra o Major e que, depois, volta a sua casa com o chefe, outro capanga (Tonhão) e Manoel Martins.	3
Delegado	Autoridade policial que detém Bastião e tenta forçá-lo a passar informações sobre supostos capangas aos quais Camilo dava guarida.	1
Companheiro de limpa	Trabalhador rural que avista Camilo se escondendo numa moita sem saber que sua intenção era não ser visto pelo tio Germano, para quem ele estava trabalhando sem saber.	1
Comprador de gado	Homem que vem a Camilo após saber do boato de que este estaria deixando suas terras	2

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA E DO GLOSSÁRIO

A pesquisa e a construção do glossário seguiram, em parte, os princípios metodológicos da Lexicologia, Dialetoлогия e da Sociolinguística, quando identificamos lexis regionais-populares em falas de informantes-personagens, para os quais compomos fichas, e registramos suas falas como atos discursivos, ainda que sejam criação do autor; e da Lexicografia, ao construirmos fichas lexicográficas, com o auxílio do programa *Lexique Pró*®. Como não tratamos de falantes reais, procedimentos como gravações de áudio e registro de imagens foram dispensados. Isso fez com que optássemos pelo uso do programa não para a construção de um glossário digital, mas apenas para compor as fixas lexicográficas e proceder o ordenamento alfabético. Não havendo pesquisa *in loco*, detivemo-nos apenas nas informações fornecidas pelos dois romances escolhidos para a pesquisa, sendo as narrações do autor e de seus personagens as únicas fontes para coletarmos informações sobre as obras: o enredo, os personagens, os lugares e a cultura deles.

Com relação à escolha das obras de Gilvan Lemos, destacamos o fato de o romance *O Anjo do Quarto Dia* nos ter sido apresentado por um colega de trabalho em Pernambuco: um jovem professor, Francisco Aguiar (Chico), formado em Letras pela Faculdade Frassinette do Recife – Fafire, instituição privada ligada à Igreja Católica. Durante as leituras de piadas que fazíamos na construção da dissertação de mestrado, em 2008, o comentário do colega sobre esse romance de Gilvan Lemos nos causou curiosidade, e sua leitura tornou-se alívio cômico para os momentos de repouso após os exaustivos estudos da teoria semiótica greimasiana que fundamentou nossa dissertação sobre piadas religiosas. Apesar de termos sugerido para ele que procedesse uma investigação científica sobre a obra, o mesmo não seguiu nosso conselho. Assim, o primeiro romance de Gilvan Lemos que conhecemos tornou-se apenas a lembrança de uma leitura cuja linguagem regional-popular nos remetia ao povo mais simples de nosso estado, mas nos seduzia pelas ironias, humor nas falas dos personagens e identificação que tínhamos com a linguagem coloquial.

Por volta de 2011, essa obra reaparece aos nossos olhos em uma escola pequena de São Lourenço da Mata, cidade da região metropolitana de Recife. Tomada de empréstimo, ela nos serviu para a formulação de uma teoria inicial de que o romance gilvaniano causa identificação linguístico-cultural ao leitor. Mas não sabíamos como sustentá-la. Quando veio o desafio de cursar, como aluno em regime especial, a disciplina *Linguagem, Sociedade e Cultura*, ministrada em 2013 pela Prof.^a Dr.^a Socorro Aragão, do Programa de Pós Graduação em Letras da UFPB, as ideias sobre o romance gilvaniano tornaram-se mais claras e os

primeiros estudos sobre o autor tiveram início. Formulado para a seleção de doutorado, nosso primeiro projeto versava apenas sobre *O Anjo do Quarto Dia* e sobre ele começamos a compor as primeiras fichas de personagens e lexicográficas ainda em papel. Com a ampliação das leituras sobre o autor, a descoberta da tese de Jamir e Silva (2006) e da dissertação de Oliveira (2011), não só esse, mas outros romances gilvanianos foram adquiridos, lidos e comparações entre seus personagens e sua linguagem foram realizadas. Quando os estudos sobre Gilvan demonstraram que esse romance e *Emissários do Diabo* eram as obras de maior relevância do autor, decidimos pela escolha de um glossário que abarcasse ambas. Assim, a importância de *O Anjo do Quarto Dia* reside no fato de ele ser o livro do autor mais aclamado pela crítica e, por isso, ter-lhe rendido prêmios e estudos científicos; já *Emissários do Diabo* consiste num romance que, por muitos anos, foi considerado o mais vendido do autor e desperta, nos estudiosos de sua obra bem como admiradores, amigos e familiares, reconhecimento igual ou maior que o primeiro. São, assim, as obras mais difundidas no meio acadêmico e no público em geral, e ambas ganharam nova edição em 2013, pela Companhia Editora de Pernambuco – Cepe. Por essas razões, decidimos pela elaboração de um glossário com esses dois romances, pois entendemos que um trabalho dessa natureza sirva aos novos leitores que queiram se debruçar sobre essas obras que datam das décadas de 1960/70 e ressurgem na atualidade.

3.1 Pesquisa Bibliográfica

Iniciamos com a leitura dos romances escolhidos em comparação com outras obras do autor. Tais comparações permitiram compreender o romance gilvaniano dentro de uma linha de pensamento teórico literário que o enquadra como neorregionalista. Ou seja, um estilo que prima pela identidade regional, mas sem necessariamente retomar todas as características que marcaram os romances de 1930. Nesse sentido, dividimos a obra do autor entre os romances cujas histórias se passam em cidades do interior e aqueles ambientados em Recife. Seguimos o conceito de rurbanização de Gilberto Freyre para enquadrar os 12 romances do autor e, por conseguinte, escolher um representante de cada grupo, com exceção dos romances *urbanos*, visto que o glossário visa compilar as lexias usadas por personagens interioranos, residentes em localidades assumidas como rurbanas ou rurais (ou de fazenda, segundo o próprio Gilvan Lemos). Assim, elegemos os livros mais representativos do ponto de vista da notoriedade que possuem frente à comunidade acadêmica e aos leitores de Gilvan Lemos, dentre os romances rurais (*Emissários do Diabo*) e os rurbanos (*O Anjo do Quarto Dia*).

Paralelamente às leituras dos romances, realizamos estudos sobre Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Dialetoлогия, Sociolinguística e Etnolinguística, a fim de compor o referencial teórico que embasa a seleção das lexias que compõem o glossário dos romances, as discussões sobre seus significados na obra e a compreensão delas no contexto de fala dos personagens, considerando-os como falantes da língua portuguesa no nordeste brasileiro.

Uniram-se aos estudos supracitados, pesquisas já publicadas sobre o autor, nas quais buscamos compreender a visão que a comunidade acadêmica nutre a respeito dele. Compõem também a base de dados sobre Gilvan vídeos publicados no YouTube com entrevistas em que ele faz revelações sobre sua vida e suas obras. Além disso, foi de grande relevância para entender mais sobre Gilvan Lemos a leitura de sua biografia, de autoria do jornalista Thiago Corrêa e publicada em 2017 também pela Cepe. Nela encontramos depoimentos do autor, de familiares e amigos seus, os quais, junto com suas entrevistas, cujos áudios são públicos, ampliaram a compreensão de sua trajetória de vida e inspirações para suas obras.

3.2 Universo da Pesquisa

O universo da pesquisa constitui os 12 romances de Gilvan Lemos, dentre os quais temos aqueles que se situam no interior e outros cujas histórias se passam em Recife. Entre os romances interioranos, podemos separar aqueles que se desenvolvem mais precisamente em ambientes *rurais* cujos conflitos se dão por questões ligadas à posse da terra; e os romances *rurbanos*, uma vez que seu enredo se dá em cidades rurbanas. Contudo, em ambos os tipos, os conflitos giram em torno de particularidades dos personagens, que são diversos com relação aos níveis socioculturais: sexo, idade ou faixa etária, estado civil, naturalidade, escolaridade e profissão.

Dessa forma, *O Anjo do Quarto Dia* é representativo dos romances *rurbanos* e *Emissários do Diabo* é um exemplo de romance *rural*, mas ambos convergem na linguagem regional-popular, quando Gilvan Lemos aciona os personagens para falar em suas obras. Delas interessou-nos exatamente essas falas, pois são representativas do povo que o autor conheceu e, com elas, teceu o desenho de sua realidade, que aqui entendemos como o modo com que o autor espelhou e refratou, pela linguagem, as pessoas e as coisas com que convivia, sobre as quais sabia, ao dizer que vivia o que escrevia.

3.3 Seleção do Corpus

O *corpus* foi constituído a partir das falas dos personagens presentes nos dois romances em tela, cujas histórias se situam no interior de Pernambuco. É deles que extraímos as falas dos personagens com lexias de cunho regional-popular. Cada fala foi avaliada e, diante da ocorrência de algum lexia que suspeitamos enquadrar-se dentre aquelas que buscamos, com base nos estudos léxico e dialetológicos, sócio e etnolinguísticos, anotamos em ficha lexicográfica, com abonação. A confirmação desse enquadramento regional-popular se deu através da pesquisa em dois dicionários de língua: *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, impresso, e *Dicionário Aulete Digital*, online; e dois dicionários regionais: *Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de Tomé Cabral, e o *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro.

Fazem parte deste trabalho, então, palavras e expressões (lexias simples, compostas, complexas e textuais) proferidas pelos personagens cuja dicionarização apresenta sentido equivalente ou diferente em dicionários regionais e sentido diferente ou equivalente em dicionários de língua, mas com algum indicativo que as distinga da norma padrão. Além disso, entram para o glossário as lexias não registradas nos dicionários consultados, a fim de que, nas considerações, possamos discorrer sobre a possibilidade de serem neologismo do autor ou não.

Com relação à distinção entre as palavras que não pertencem à norma padrão, variedade de prestígio prescrita pelos dicionários de língua, destacamos que no Dicionário Houaiss, por exemplo, há entradas que apresentam abreviações para as seguintes denominações: *arcaísmo*, *antigo*, *informal*, *popular*, *Nordeste*, *brasileirismo*, *gíria*, *tabuísmo*, *pejorativo*, *vulgar* e *figurado*. Desse modo, consideramos para este trabalho, exceto *Nordeste* e *brasileirismo*, que são indicativo de classificações diatópicas, todas as demais citadas como indicativo de linguagem popular, pois as palavras que receberam tal classificação não são consideradas pertencentes à variedade de prestígio, prescrita pelos dicionários de língua, uma vez que recebem uma distinção com abreviatura que as discrimina de um suposto vocabulário geral, padrão. No caso dos dicionários regionais consultados, por sua vez, a não dicionarização ou a ocorrência em sentido diferente não excluem a lexia da classificação regional, visto que a metodologia do dicionarista pode divergir da nossa. Ou seja, algumas palavras entraram no nosso glossário independente do registro em dicionários regionais.

Contudo, ainda figuram no nosso glossário algumas unidades léxicas que, nos dicionários de língua, são registradas com sentido equivalente aos da obra, mas sem apresentar abreviação alguma que as distinga como nas denominações acima e que também não se encontram registradas nos dicionários regionais. Nesse caso, consideramos que, embora a lexia esteja registrada sem distinção diatópica, diastrática ou diafásica que a enquadre em alguma norma específica que não a padrão, preconizada pelos dicionários de língua, estava em uso pelo autor como pertencente à norma regional.

3.4 Fichamento do Corpus

Compusemos fichas lexicográficas com auxílio do programa *Lexique Pró*®, um software que ordena as lexias em ordem alfabética e possui a vantagem de organizá-las de acordo com diversas categorias de enquadramento. Com esse software procedemos a ordenação alfabética das lexias extraídas dos romances gilvanianos e compusemos as fichas com indicação de categoria gramatical e/ou tipo de lexia, definição, abonação e indicação de personagem, obra e página da qual o trecho foi extraído. Esgotada essa etapa, partimos para digitação e formatação do glossário em *Word*, exportando para este os dados do *Lexique Pró*®. A propósito, nesse programa, cada arquivo de compêndio lexical criado é denominado de ficheiro. Compusemos, então, dois ficheiros, sendo um para cada romance, durante as leituras e coletas de dados em ambos. Posteriormente, construímos um único ficheiro com os dados dos dois romances e os exportamos para o *Microsoft Word*®, a fim de apresentá-los nesta tese. Nesse sentido, as fichas das lexias contêm entrada, categoria gramatical ou tipo de lexia, definição e abonação, com referência a personagem, número da página e obra literária.

Partimos de *O Anjo do Quarto Dia*, obra sobre a qual já tínhamos um fichamento em papel e a respeito da qual já apresentamos algumas impressões em eventos ao longo do curso de doutorado. Ao passo que verificamos a ocorrência da mesma lexia na outra obra, incorporamos nova abonação com indicativo de personagem, número de página e obra, separando as duas abonações por duas barras (//). Quando a lexia não estava presente na primeira obra, compusemos nova ficha, no programa, que a pôs em ordem alfabética automaticamente.

Por fim, para subsidiar as discussões em nossas considerações após a construção do glossário, compusemos fichas de personagens, com nome, idade ou faixa etária, estado civil,

naturalidade, escolaridade, profissão e quantidade de lexias no glossário. Observamos, porém, que dependemos das informações que a obra apresenta para reunir os dados sobre os personagens, informações essas contidas tanto nas palavras do narrador quanto nas dos personagens. Além disso, observamos que a naturalidade dos personagens é considerada em relação à região em que se situa a cidade citada pelo autor, na qual se passa a história. Se nasceu nessa cidade, é *nativo*; se a narrativa aponta que veio de outra, ainda que indefinida, consideramos *estrangeiro*. Não havendo nenhum indicativo de que veio de outro lugar, e o enredo demonstre que sua história é ligada apenas à cidade ou região onde ocorrem os fatos nele narrados, o personagem é considerado *nativo*. Isso fizemos questão de delinear porque o corte das obras é de cunho diatópico, ou seja, escolhemos uma obra rural e outra urbana na perspectiva de verificar como (e se) a linguagem dos personagens acompanha esse enquadramento, do ponto de vista do léxico. Apresentamos, por fim, tais fichas como apêndice de nossa tese.

3.5 Análise do Corpus

Realizamos uma leitura investigativa, crítica e analítica dos romances *O Anjo do Quarto Dia* e *Emissários do Diabo* não só a fim de identificar as lexias e os personagens, para compor o glossário, mas também para compreender o contexto de cada fala, na trama, bem como subsidiar o próprio entendimento das obras em si, do ponto de vista do contexto sociocultural. A compreensão da estrutura social dos lugares, de suas divisões de classe, de seus problemas político-sociais bem como da posição que cada personagem ocupa na sociedade estratificada que a obra apresenta foi possível também após assistirmos e ouvirmos diversas entrevistas concedidas pelo autor, disponíveis na internet, e leituras de reportagens e entrevistas escritas, publicadas em jornais e revistas pernambucanos. É devido a essa base e ao arcabouço teórico da Sócio e da Etnolinguística que argumentamos sobre a língua atribuída aos personagens da obra, do ponto de vista da sociedade e da cultura pernambucana, especialmente das cidades de interior, como é São Bento do Una e seus arredores, que inspiram esses romances. Além disso, o trabalho exaustivo de verificação de dicionarização das lexias se fez seguindo os pressupostos da Dialetoлогия, da Lexicologia e da Lexicografia. Com base nessas ciências e em nossas interpretações, construímos definições próprias para os verbetes, com paráfrases, na maioria das vezes, mas também com variantes e remissivas para outras entradas dentro do glossário. Nesse caso, o trabalho analítico se dá em relação ao modo

mais eficiente de apresentar o significado dessas lexias em suas definições. Ainda assim, reservamos um último capítulo desta tese para discussões quanto aos números, quantitativos e percentuais, de lexias dicionarizadas em compêndios lexicográficos que adotamos para consulta.

3.6 Estruturação do Glossário

A respeito da organização macro, médio e microestrutural, buscamos seguir os princípios teóricos da Lexicografia segundo Haensch et alii (1982), Biderman (2001b), Faustich (2010) e Pontes e Duarte (2011). A partir desses autores, compusemos o glossário dos romances gilvanianos, estruturando-o de modo coeso e padronizado de acordo com os preceitos lexicográficos vigentes.

3.6.1 Da macroestrutura

O conceito de macroestrutura nos é apresentado por Biderman (2001b), que trata como nomenclatura o conjunto de entradas lexicais que figuram no compêndio lexicográfico. Essas entradas são apresentadas em ordem alfabética, segundo o que Haensch et alii (1982) chama de ordenamento semasiológico. Nesse sentido, o texto composto a partir do termo-entrada, como cita Haensch, apresenta ainda a definição e o contexto de uso. Esse é o verbete em si, que, em nosso glossário, estão em número de 361, sendo que, devido ao tratamento dos fenômenos de homonímia e polissemia que adotamos, sem nos preocuparmos em realizar distinções precisas dos dois fenômenos, os verbetes podem conter subentradas quando outros contextos acarretam significados diferentes. Por esse motivo, a nomenclatura, embora contenha 361 verbetes, somadas entradas e subentradas, apresenta 377 unidades léxicas definidas, postas em discurso em abonações de personagens pertencentes a um ou a outro romance, ou aos dois.

Além disso, destacamos outros componentes macroestruturais, como a *ordenação alfabética*, seguindo o padrão do *Lexique Pro*®; *notação do corpus*, que segue as siglas AQD para o romance *O Anjo do Quarto Dia*, e ED, para *Emissários do Diabo*, com suas respectivas indicações de personagens e páginas das quais foram extraídas as falas que figuram em abonação; bem como a *seleção das entradas*, que ocorreu mediante confirmação nos dicionários de língua e regionais supracitados no subitem 3.3.

Por fim, optamos por apresentar, antes elenco de verbetes do glossário, uma lista de abreviaturas para as categorias gramaticais e lexicais; e de siglas, para o indicativo de dicionarização, como forma de auxiliar o consulente na leitura dos verbetes. Em seguida, passamos a listá-los, segundo o ordenamento semasiológico.

3.6.2 Da medioestrutura

Do ponto de vista medioestrutural, que Pontes e Duarte (2011, p. 49-50) conceituam como “um sistema de ligação entre os diferentes elementos que formam um dicionário”, ou seja, “as referências cruzadas” que interligam a macro e a microestrutura, nosso glossário apresenta remissivas *verticais*, quando remetem a definição de uma lexia a outra, de outro verbete; *transversais*, quando dispõem de variantes que não se encontram na macroestrutura, mas dentro do corpus pesquisado, por estarem em falas que não entraram no glossário como abonação, mas figuram nos romances investigados; e *explícitas*, porquanto sejam indicadas pela abreviação VAR., de variante, e pela palavra VER, como remissiva vertical.

Além disso, faz parte desse sistema medioestrutural as notas que levam o consulente a um esclarecimento mais eficaz, em caso de não se sentir satisfeito com a definição ou ter curiosidade sobre aspectos linguísticos que compõem a palavra-entrada. São basicamente notas enciclopédico-culturais e linguísticas, que usamos em caso de necessidade do leitor em conhecer aspectos que motivam semanticamente as palavras definidas, como informações culturais peculiares ao interior pernambucano, como nos verbetes de *bode* e *bloco de papangus*, ou quando cremos ser necessário esclarecer alguma variação fonético-fonológica ocorrida na lexia, como em *alevantado* e *amolestado*, ou curiosidades sobre a dicionarização nos compêndios lexicográficos consultados, como em *areado*.

3.6.3 Da microestrutura

A noção de microestrutura com a qual trabalhamos já fora apresentada no item 1.2, quando tratamos da Lexicografia. Naquela seção, apresentamos um conceito de glossário ligado à Terminologia e à Socioterminologia, cunhado por Faustich (2010). Em sua definição, a autora já adiantava os componentes microestruturais, ao tratar glossário como “conjunto de termos, em ordem sistêmica ou alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar contexto de ocorrência” (FAUSTICH, 2010, p. 178).

Nesse sentido, a microestrutura se refere aos elementos que se apresentam horizontalmente no glossário. É o verbete em si; ou seja, os elementos que o compõem. O glossário que construímos sobre os romances gilvanianos apresenta, então, a seguinte fórmula, denominada de microestrutura abstrata:

ENTRADA + categoria gramatical ou tipo de lexia em abreviatura + dicionarização + definição +/- remissiva +/- variante + abonação + indicativo de obra, personagem e página +/- nota.

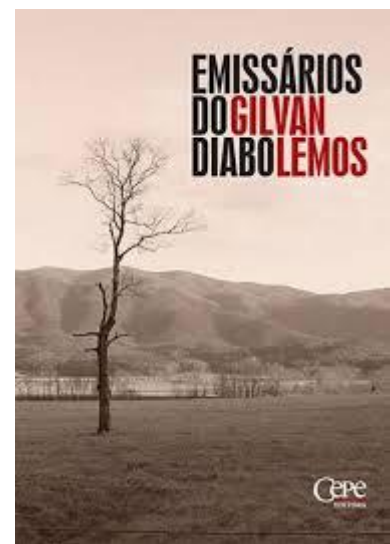
A respeito dela, esclarecemos como o verbete será apresentado no glossário, com digitação padronizada no Word:

- 1) Entradas em caixa alta, negrito;
- 2) Fonte *times new roman*, tamanho 12, na entrada e no restante do verbete, exceto para as notas;
- 3) Informação gramatical ou tipo de lexia ao lado da entrada, em abreviatura, conforme lista apresentada antes do glossário;
- 4) Indicativo de dicionarização em sigla para os dicionários consultados, também conforme a lista que antecede o glossário;
- 5) Distinção com asterisco (*) para a sigla do dicionário de língua que apresente alguma abreviatura para diferenciar as unidades léxicas consideradas não pertencentes à variedade de prestígio, conforme as denominações da seção 3.3 *seleção do corpus*;
- 6) Definição conforme interpretação do significado na obra;
- 7) Registro de remissiva através da indicação VER;
- 8) Registro de variante lexical, como sinônimo após a definição, quando houver na obra, e sob a indicação VAR.;
- 9) Abonação em itálico, seguida de indicação de obra em sigla, entre parênteses, com nome de personagem e número da página.
- 10) Notas enciclopédico-culturais, linguísticas ou de natureza semântica (motivação), quando necessário, iniciadas pela palavra NOTA, em mesma fonte da definição e abonação, mas em tamanho de letra menor (11) e espaçamento simples, diferente do restante do verbete, que estará em espaçamento 1,5.

4. GLOSSÁRIO DE O ANJO DO QUARTO DIA E EMISSÁRIOS DO DIABO



Recife: Cepe, 2013.



Recife: Cepe, 2013.

4.1 Lista de abreviações de categorias gramaticais e lexicais

adj.	adjetivo
adv.	advérbio
interj.	interjeição
lex. comp.	lexia composta
lex. compl.	lexia complexa
lex. tex.	lexia textual
loc. adj.	locução adjetiva
loc. adv.	locução adverbial
loc. pron.	locução pronominal
s.2g.	substantivo de dois gêneros
s. e adj.	substantivo e adjetivo
s.f.	substantivo feminino
s.m.	substantivo masculino
v.	verbo
v. pron.	verbo pronominal

4.2 Lista de siglas para os romances investigados

AQD – O Anjo do Quarto Dia

ED – Emissários do Diabo

4.3 Lista de siglas para dicionarização em obras consultadas

DSECA – Dicionarizado em sentido equivalente por Caldas Aulete (Aulete Digital)

DSDCA – Dicionarizado em sentido diferente por Caldas Aulete (Aulete Digital)

NDCA – Não dicionarizado por Caldas Aulete (Aulete Digital)

DSEAH – Dicionarizado em sentido equivalente por Antônio Houaiss (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

DSDAH – Dicionarizado em sentido diferente por Antônio Houaiss (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

NDAH – Não dicionarizado por Antônio Houaiss (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa)

DSEFN – Dicionarizado em sentido equivalente por Fred Navarro (Dicionário do Nordeste)

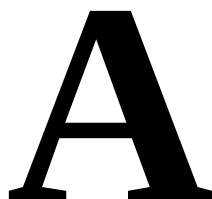
DSDFN – Dicionarizado em sentido diferente por Fred Navarro (Dicionário do Nordeste)

NDFN – Não dicionarizado por Fred Navarro (Dicionário do Nordeste)

DSETC – Dicionarizado em sentido equivalente por Tomé Cabral (Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares)

DSDTC – Dicionarizado em sentido equivalente por Tomé Cabral (Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares)

NDTC – Não dicionarizado por Tomé Cabral (Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares)



COBRO loc. adv.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Aponta circunstância no sentido de algo a se cobrar. *Vim a cobro de um trato.*
(ED - Camilo, p.110)

ACOITAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Esconder ou ajudar alguém a se esconder em suas dependências. VAR. *DAR GUARIDA.*
Queriam que eu dissesse quantos homens o senhor acoitava no Degredo, quantas armas de fogo... (ED - Bastião, p.85)

ADERENTE s.2g.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Pessoa que se junta à família, como empregado e/ou amigo de longa data. VAR. *AGREGADO.* *Nós duas aqui, duas senhorinhas desprotegidas [...] sem parentes e aderentes neste mundo tão cheio de maldades.* (AQD - Tia Zu, p.193) // *Foi assim, Camilo. Meus bisavós chegaram aqui com não sei quantos irmãos casados, parentes e aderentes.* (ED - Guiomar, p. 27)

NOTA. É mais comum o uso da lexia no plural, geralmente em adição a *PARENTES*, conforme abonação acima.

ADONDE adv.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Sinônimo de *AONDE*. *Queria voltar nem que fosse para se enterrar ali, adonde viu nascer seus filhos.* (ED - João Evaristo, p.75)

NOTA. Por prótese do fonema /a/ e/ou epêntese do fonema /d/, na língua do povo, a palavra *ONDE* é usada na forma arcaica *ADONDE* de maneira indiscriminada, sem atentar para a regência dos verbos que ela completa. No verbete em questão, a variedade de prestígio prescreve o uso de *ONDE*, pois o verbo *VER* não requer a presosição (a); se o verbo denotasse deslocamento, como *IR (a)*, o uso prescrito seria *AONDE*. Contudo, na linguagem popular, isso não é observado, e o uso do *ADONDE* recobre os dois casos.

ADULAR v.

DSEAH; DSECA; DSEFN; NDTC.

Agradar ou bajular alguém por grande admiração ou em troca de favores. VAR. *CHALEIRAR*. *Essa sua teimosia já está me encabulando. Olhe que eu nunca adulei ninguém. O moço parece que não quer tirar vingança...* (ED - Paizinho Bala, p. 149)

AFOITEZA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Qualidade do afoito, ousado; coragem descabida, atrevimento. *Euclides Farias tem a afoiteza de duvidar dum papel oficial, garantido pelo governo? Bote Euclides Farias para brigar com o governo. (AQD - Oricão, p.111) // Agora, ao surgir o boato do reaparecimento de Paizinho Bala e diante das afoitezas de Camilo, a gente junta uma coisa a outra [...] (ED - Germano, p.103)*

AGASTAR-SE v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Ficar zangado, aborrecido. *Que é isso, seu Camilo? Precisa se agastar?* (ED - Chico Queijeiro, p.89)

AGARRAMENTO s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Comportamento libidinoso de um casal, namoro com intimidades. [...] *porque naquele tempo não se usava o agarramento de hoje [...]* (AQD - Tia Zu, p.42)

A GENTE TUDO loc. pron.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Lexia complexa usada para apontar grupo no qual se inclui o falante. VAR. *TODOS NÓS, NÓS TUDO. A gente tudo é assim, não é, Ana?* (AQD - Mira, p. 09)

AGUENTAR PAU NO OUVIDO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Aceitar crítica calado, ouvir desaforos sem reagir. *Tu sabes que nunca aguentei pau no ouvido. Disse-me uma, ouve três. (ED - Donana, p.69)*

AJEGADO adj.

NDAH; NDCA; DSDFN; NDTC.

Diz-se de algo extravagante ou exótico. *Pois o referido Gonçalo estava hoje passeando pela feira, apreciando a paisagem ao lado da sua camarilha internacional, uns galegos de roupa ajegada, ingleses, espanhóis [...] (AQD - Codó, p.163)*

AJUDAR-SE COM MULHER lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ter relações sexuais. [...] *Diziam aquelas tretas dele não se ajudar com mulher. (AQD - Piranha, p.87)*

AJUNTAR

1. v. DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Reunir coisas. *Vamos ajuntar as vacas. Pelo menos a gente não vai sair daqui de bisaco vazio. (ED - Paizinho Bala, p.152)*

2. v. pron. DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Acompanhar, aderir a uma causa. [...] *só não fomos atrás de João Evaristo para que ele se ajuntasse a nós, porque pensamos que ele aqui já estivesse. (ED - João Firmino, p.66)*

NOTA. Prótese do fonema /A/ em JUNTAR.

ALESADO adj.

NDAH; DSDCA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de pessoa que apresenta pouco controle sobre os sentidos. [...] *aí perdi os sentidos, só acordei no outro dia, meio alesada, querendo esquecer tudo mas sem poder, porque aquilo não me saía do pensamento [...]* (AQD - Tininha, p.137) // *Acho que ainda estou dormindo. O nascimento desse menino me deixou meio alesado. Dinda não tem mais idade pra estar tendo menino assim, um atrás do outro.* (ED - João Batista, p.124)

NOTA. Prótese do fonema /a/ em LESADO.

ALEVANTADO adj.

NDAH; DSECA*; NDFN; NDTC.

Diz-se daquilo que foi erguido, levantado. *Aí ataquei de frente já de saia alevantada [...]* (AQD - Piranha, 87)

NOTA. Prótese do fonema /a/ em LEVANTADO.

ALEVANTAR v.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Levantar algo. *Vão alevantar a saia da mãe, vão apreciar o...* (AQD - Piranha, p.71)

NOTA. Prótese do fonema /a/ em LEVANTAR.

A LOCÉ loc. adv.

NDAH; DSECA; DSEFN; NDTC.

Indica um modo a gosto próprio, no sentido da despreocupação. *Quero viver a locé* (ED - Bastião, p. 56)

NOTA. Em Pereira da Costa (1976), existe o registro da palavra LÓCEL, no sentido da *ociosidade*, admitindo também variantes como *ESTAR A LÓCEL*, *DE LÓCEL* e *NO SEU LÓCEL* para *descanso*, *folga* ou *repouso*.

AMOLESTADO adj.

NDAH; NDCA; DSDFN; NDTC.

Diz-se daquele por quem não se tem respeito, em xingamento de desprezo. VAR. *PESTE*. *Seus amolestados! Cambada de filho da égua.* (AQD - Piranha, p.71)

AMOSTRAR v.

1. v. DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Deixar transparecer. *Que é que vê numa rês que já recebeu todos os tratamentos, e não amostra melhora?* (ED - João Evaristo, p.128)

2. v. pron. DSEAH*; NDCA; DSDFN; NDTC.

Aparecer, surgir. *Quando estou com a espingarda essas pestes não se amostram.* (ED - Camilo, p.61)

NOTA. Prótese do fonema /a/ em MOSTRAR.

AMUO s.m.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Indisposição, desânimo, má vontade ou mal humor. *Vamos lá pra casa, deixe de amu.* (ED - João Batista, p.122)

APAGAR O FACHO lex. compl.

NDAH; DSECA*; NDFN; NDTC.

Recomendar que alguém se aquiete. *Baixem o fogo, aves prostitutas, apaquem o facho, doidivinas levianas sacanas.* (AQD - Tia Mé, p.199)

APANHAR CAVACO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ficar em posição sexual passiva, curvado para frente. VAR. FAZER CUMEEIRA. *O que me enjica é uma autoridade fazer cumeeira, apanhar cavaco pra um subalterno que nem eu, eu, que nem fita tenho.* (AQD - Soldado, p.228)

APARENTADO adj.

DSDAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem é parente, da família. *Sendo aparentado, tinha vindo na nossa frente.* (ED - João Firmino, p.67)

APARTAR-SE v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Afastar-se de alguém. *De mim nenhum se apartava. Mal sabia eu que um dia eu teria de me apartar de todos eles...* (ED - Donana, p.68)

APEAR-SE v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Descer de montaria. *Está falando com ele, mas se apeie, não falo de baixo pra cima com seu ninguém.* (ED - Camilo, p.92)

APERREIO s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Conjunto de empecilhos que causam aborrecimento. *Ah, seu Camilo, quanto aperreio.* (ED - Bastião, p.85)

APERUAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Oservar um jogo curiosamente, dando palpites. *Dizem que Manoel quando entrava numa mesa de jogo Germano ia logo encostando, para aperuar.* (ED - Donana, p.54)

APOIS conj.

DSEAH*; NDCA; NDFN; DSETC.

Indica conclusão. *Apois o danado do instrumento desapareceu!* (ED - Bastião, p.19)

NOTA. Com prótese do fonema /a/ em POIS, equivale a esta e outras conjunções conclusivas.

APORRINHAÇÃO s.f.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Incômodo insuportável. *Isso é mesmo uma aporrinhação! A gente precisa tomar uma atitude contra esses Rezende de meia-tigela.* (AQD - Anônimo-4, p.69)

A PREÇO DE ENFORCADO loc. adv.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Lexia complexa que indica modo de comprar em que o negócio é feito com quem está desesperado para vender, a qualquer preço; ao mais baixo preço. VAR. *DE GRAÇA, A PREÇO DE BANANA. Manoel perdendo e ele comprando a preço de enforcado. (ED - Donana, p.54)*

AQUELE MENINO lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Refere-se a um menino qualquer, a quem alguém se dirige sem tratá-lo pelo nome. VAR. *ESSE MENINO. Deixa de besteira, aquele menino. (ED – Zeca, p. 65)*

AQUELE UM DE FARINHEIRO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Refere-se ao ânus. *Bota-se aquele um de farinha pra cima e toca a futucar com um grampo a fim de tirar o tampão, e lá vai tiro no espaço: tibum! (AQD - Ana, p.8)*

NOTA. A lexia em questão foi utilizada no contexto de ajudar a desentupir uma pessoa que comeu muito *PIRIM*, espécie de fruta típica da região cuja consistência e efeitos da ingestão se assemelham ao da jabuticaba, que ocasiona sensação de entupimento quando ingerida em demasia. Na abonação do verbete, a personagem Ana está instruindo as crianças sobre o modo como se faz para desentupi-las, em caso de não conseguirem defecar. Pretende causar medo nas crianças, pois indica que a forma de tratá-las é colocá-las de cabeça para baixo, com **AQUELE UM** (ânus) do **FARINHEIRO** (*ver este verbete adiante*) para cima, a fim de “futucá-las” e desentupi-las. Na composição da lexia, portanto, **AQUELE UM** representa algo que não se quer dizer, como um tabu linguístico.

AREADO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem fica desnorteadado, sem saber o que fazer. *Major começou a me apertar. Na época da seca fechava o riacho. Podia fazer isso? E ele fazia? Fossem ver. Era obra da natureza. Me enredou com a justiça, com os vizinhos. Tive de lhe vender o sítio. Vendi e fiquei areado. Fui para a rua. Comi o dinheirinho. (ED - João Evaristo, p.75)*

NOTA. Em Tomé Cabral, existe outra acepção para **AREADO**, que se refere à limpeza de objeto metálico, com ou sem areia. É comum também, na língua do povo, a lexia **AREAR PANELA**, para deixá-la limpa e lisa, sem detritos. Daí pode derivar outro sentido do adjetivo em questão, numa acepção de que o personagem teria ficado liso, ou seja, sem dinheiro.

A RODO loc. adv.

NDAH; NADCA; NDFN; NDTC.

Indica circunstância de intesidade, modo demasiado, exagerado. *Manoel Martins então soltou-se. Era metido nas festas, em jogatina, em bebedeira. Vivia cercado de chaleiras, exploradores, a quem ele enchia as mãos de dinheiro. Não tinha pena de nada, gastava a rodo.* (ED – Donana, p. 52-53)

ARRELIADO adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem está ou fica aperriado. [...] *Não sufraga nem bambeia / E nem fica arreliado.* (ED - Bastião, p.42)

ARRELIAR-SE v.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Aperriar-se, arretar-se; incomodar-se com algo ou alguém. *Não é nada, homem. Pra que se arreliar?* (ED - Chico Queijeiro, p.40)

ARRIBAR v.

DSEAH; DSECA; DSEFN; DSETC.

Partir para outro lugar. *E quem nos garante que não havia mais gente no bando? Depois do tiroteio os restantes arribaram.* (ED - Robério, p.160)

ARRUPIADO adj.

NDAH; NDCA; DSEFN; DSETC.

Diz-se de quem fica arrepiado. *Ai, seu-Orico, que tou toda arrupiada.* (AQD - Tininha, p.74)

NOTA. Mudança fonética do /e/ para /u/.

ASSENTAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Combinar ou ser conveniente para a situação. *Assentou este vestido?* (AQD - Mira, p.9)

ATANAZAR v.

DSEAH*; NDCA; NDFN; DSETC.

Perturbar os pensamentos alheios. *Eu aqui me acabando na velhice, e esses pulhas me atanazando o juízo com o merdume em fatias desses pasquins. (AQD - Oricão, p.108) // [...] mas o diabo do menino aparecia não sei de onde e vinha me atanazar o juízo. (ED - Bastião, p.19)*

AUSENCIDADE s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ausência de iniciativa. *Pois afirmo que nem Josias, o de Sara, o que herdou a ausencidade de Sara, o que só faz o vantajoso quando soprado no ouvido [...] (AQD - Oricão, p.123)*

AVICIAR-SE v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Desenvolver vício por algo. *Gente que se avicia no banho é porque limpa não está. (AQD - Piranha, p.68)*

NOTA. Prótese do fonema /a/ em VICIAR-SE.

AVIR-SE v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Resolver, acertar as contas. *Porque esse um, aqui ou na América do Norte, tem de se avir comigo, isso nem se discute. (AQD - Oricão, p.202) // Não, compadre. Tenho de me avir com minhas forças. (ED - João Evaristo, p.74)*

AVOADA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ato de fugir de responsabilidades através de relacionamento extra-conjugal. *Eu era sozinho, lutei sozinho, sem meios, habitante de pocilga, limpador de fossa [...] Agora, só porque estou velho, nem uma avoada consigo dar, esses leseiras vêm enxamear em torno de mim, em volta de minhas forças combalidas. Danem-se, troco tudo que tenho por um momento de competência junto a Tininha. (AQD - Oricão, p.77)*

NOTA. Prótese do fonema /a/ em VOADA.

AZOUGADO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem fica em estado de grande agitação. *Aí, seu-Jesonias, foi uma coisa nunca vista. De repente, sem provocação, o Raio da Silibrina arrancou da mão da gente, ficou escoiceando o ar, azougado.* (AQD - Administrador da fazenda de Jesonias, p.179)

AZUCRINAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Incomodar com palavras. *Ah, meu Deus! Esse velho agora vai passar o resto da noite me azucrinando os ouvidos.* (ED - João Batista, p.124)

B

ABAU interj.

DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSETC.

Expressão pejorativa usada para dar ideia de conclusão. VAR. *ACABOU-SE, DANOU-SE, FUDEU. Sem ler e escrever pra poder votar, babau!* (AQD - Oricão, p.117)

BAETA s.f.

DSEAH; DSDCA; DSEFN, DSDTC.

Tecido rústico, avermelhado. *Manoel ficou da cor de uma baeta.* (ED - Donana, p.54)

BALANCÊS s.m.

DSDAH; DSDCA; DSEFN; DSDTC.

Carícias e posições na relação sexual. *Pois sou obrigado a dizer, e reconheço, Nina, nas idades, topava, ia até o fim, mas só por obrigação, sem os requintes, os balancês [...]* (AQD - Oricão, p.124)

BARROA s.f.

NDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Fêmea do barrão, o porco reprodutor. *O que desmoraliza é provar que ele foi moleque de mandado, limpador de fossa, inquilino de pocilgas, amante de barroas.* (AQD - Amísio, p.62)

BATOTAR v.

DSEAH; DSECA*; NDFN; NDTC.

Trapacear. *Batotava no jogo. Vi quando ele escondeu uma carta.* (ED - Manoel Martins, p.143)

BEM DIZER lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Indica circunstância comparativa de igualdade, em sinônimo a *PRATICAMENTE*. *Eu sair assim, deixar a casa bem dizer sozinha... (ED - Camilo, p.95)*

BESOURA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Princípio de desmaio; vertigem. *Que foi, Ana? Está se sentindo mal? Acode, Alfredo, Ana quer ter uma besoura, vai lá dentro, traz um caneco água. (AQD - Mira, p.243)*

BICADA s.f.

DSEAH*; DSEAD*; NDFN; DSETC.

Pequena quantidade de bebida; gole de cachaça. *Um bosta desse, que encontrei pelas bodegas pedindo bicada a um e a outro [...] (ED - Paizinho Bala, p.151)*

BICHEIRA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Ferida com secreção. *O garrote já ficou bom da bicheira? (ED - Bastião, p.17)*

BIRRO s.m.

DSDAH; DSDCA; DSEFN; DSETC.

Peça roliça de madeira usada na confecção de renda para almofadas. *Ah, olhe a almofada, me dê de presente uns birros desses pra eu brincar, me ensine a fazer renda. (AQD - Lucíola, p.12)*

NOTA. Tomé Cabral trata como corruetela de *BILRO*. Nesse caso, há uma mudança fonética do /l/ para o /r/.

BISACO s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Saco de couro ou tecido rústico, usado por caçadores de aves para recolher a caça. *Vamos ajuntar as vacas. Pelo menos a gente não vai sair daqui de bisaco vazio. (ED - Paizinho Bala, p.152)*

BISPAR v.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Ato de compreender, perceber, deduzir algo, intuitivamente. *Seu Camilo, bispei tudo. Seu Chico perdeu as estribeiras. (ED - Bastião, p.90)*

BLOCO DE PAPANGUS lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Grupo de pessoas desocupadas, sem ter o que fazer. *Que bloco de papangus é esse em minha porta? É tempo de carnaval? (AQD - Oricão, p.115)*

NOTA. Em diversas cidades do interior pernambucano, pessoas saem às ruas, no período de carnaval, mascaradas, fantasiadas, passando de porta em porta, sem se identificar. Essa é uma tradição forte no município de Bezerros, mas também presente em outras cidades do agreste. Historiadores locais contam que a tradição começou com os senhores de engenho, que punham máscaras e se cobriam com túnicas para visitar conhecidos nas festas de entrudo. Antes das visitas, porém, comiam angu, comida de milho, típica no Nordeste. Isso lhes garantiu a alcunha de *PAPA-ANGU*, criada pelas crianças, que se assustavam com os fantasiados. Até hoje a brincadeira perdura e o objetivo é não ser identificado.

BODE s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Pessoa evangélica. *E bode bebe? (AQD - Anônimo-7, p.173)*

NOTA. No interior de Pernambuco, os evangélicos sofriam preconceito e eram associados à maçonaria. Como o bode era associado a esta, aqueles eram também chamados de bode. Essa passou a ser, então, uma denominação para as pessoas de religião protestante, evangélica, atribuída pelos católicos locais.

BOIA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Refeição qualquer. *E eu estou perguntando por isso? Com o senhor fico até pela boia. (ED - Bastião, p.34)*

BOLAR v.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSETC.

Andar sem destino. *Conheci há muito tempo, bolando por esse mundo, homens de fama ruim mas de coração primeiro. (ED - Manoel Martins, p.141)*

BOLINAGEM s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Acariciar alguém na relação sexual. *Tem o bico do peito tão manteúdo. É da bolinagem, da ligação, a gente ligando a rádio nele.* (AQD - Tininha, p.233)

BOTAR REPARO

NDAH; NDCA; NDFN; DSDTC.

Prestar atenção. *Seu Chico, agora sou eu que boto reparo. O senhor é quem dá mostra de calado.* (ED - Camilo, p.89)

BRECA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Na locução *DA BRECA* refere-se a algo em demasia, demais. VER *DANADA*. *Onde se socou Lucíola? Ah, menina levada da breca!* (AQD - Alfredo, p.244)

BRECHAR v.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Observar escondido. *Seus trouxas! Quem é que vive de lápis e papel na mão, bisbilhotando, brechando em casa alheia?* (AQD - Oricão, p.78)

BREADO adj.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Diz-se de quem está cagado. *Quis mentir não deu um pio / E saiu todo breado.* (ED - Bastião, p.90)

BRENHAS s.f.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSETC.

Localidade distante, em geral nas terras rurais. [...] *pois as nossas gerações desconhecem-no por inteiro, mal sabendo que foi em nossas brenhas que ele nasceu [...]* (AQD - Codó, p.164)

BRONHA s.f.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Masturbação masculina. [...] *Aquilo é desocupação, é bronha, morre na bronha [...]* (AQD - Anônimo-2, p.35)

BRUACA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Xingamento para desqualificar a aparência de uma mulher. *Ah, é essa bruaca! Que quer?* (AQD - Oricão, p.113)

NOTA. É também uma bolsa velha, que se carrega junto a montarias; daí deriva o sentido do verbete, cuja lexia foi usada em metáfora para mulher que se quer desqualificar.

BULIR v.

1. DSEAH; DSECA; DSDFN; DSDTC.

Tirar algo do lugar, mexer. *Me dê, Ana, a chave, não vou bulir em nada, juro por Deus.* (AQD - Lucíola, p.12)

2. DSEAH; DSDCA; DSDFN; DSDTC.

Prejudicar alguém. *Que estão tramando desta vez? Robério, Robério, eu aviso: não bulam com meu irmão!* (ED - Maria Clara, p.46)

C

ABAÇO s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

O hímen ou a virgindade propriamente dita. *Não tinha cabaço que aguentasse a arremetida do cão de Orico [...]* (AQD - Oricão, p.109)

CABELUDO adj.

DSDAH; DSDCA; DSDFN; DSDTC.

Diz-se de algo cheio, repleto de. *Da casa que mãe tinha na rua, tu te lembrás, ganhei uma vaca doente, cabeluda de aftosa.* (ED - Donana, p.113)

CABRA s.m.

1. NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Forma depreciativa de tratamento. VAR. **CABRA SAFADO**. *Cabra, você sustenta que viu minha filha de camisola?* (ED - Monteiro, p.30)

2. DSEAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Referência a determinada pessoa. *Apesar de tudo, homem mesmo ali naquela casa só nasceu o cabra.* (ED - Germano, p.47)

3. DSEAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Empregado contratado para serviços de segurança. *Eles pensam que tenho mesmo a casa cheia de cabras. Estão com medo.* (ED – Camilo, p. 57)

4. DSEAH*; NDCA; DSEFN; DSETC.

Negro ou qualquer pessoa mestiça, de pele escura. *Pai tinha um irmão, tio Dão, que odiava quem não era branco. Uma vez, na cidade, ia saindo de casa com a mulher e ao ver um magote de negros e mulatos conversando na outra esquina, puxou-a pelo braço: “Por aí não, minha filha. Acolá tem cabra.”* (ED – Narrativa de Donana com fala de Tio Dão entre aspas, p.53)

CABRA DE PEIA lex. comp.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Gente frouxa. *Aqueles, filhos seus? Trocados no ninho. Magote de cabra de peia, merda serenada.* (AQD - Oricão, p.108)

CAÇUÁ s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Cesto artesanal grande, usado para juntar e carregar alimentos em montaria. *Logo que as criancinhas encheram as respectivas cuias, na boca do formigueiro, e assim teriam feito igualmente com caçuás, se estes fossem seus vasilhames [...]* (AQD – Codó, p.56)

CAFUÇU-DE-AGRESTE lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Xingamento racista. *Esse negro agora está tão opinativo! Conhece teu lugar, cafuçu-de-agreste.* (ED - Chico Queijeiro, p. 39)

NOTA. Em Antônio Houaiss, a origem da palavra **CAFUÇU** é atribuída à língua dos bantos, um dos povos africanos que vieram para o Brasil como escravos. Daí considerarmos racista o xingamento da personagem. Além disso, nos quatro dicionários consultados, **CAFUÇU** é associado a “diabo” ou “pessoa desqualificada”.

CAGAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Desprezar o que alguém pensa. *E eu dou bola pra isso? Cago pra eles todos. Pretendo, quando me formar, sair daqui.* (AQD - João Carlos, 38)

CAGAR-SE DE MEDO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Temer ao extremo, acovardar-se. *Pois escute, Josias, vi esse menino e nem estou me cagando de medo. (AQD - Oricão, p.212)*

CAIR DOS QUARTOS lex. compl.

NDAH; NDCA; DSEFN; DSDTC.

Andar de modo extravagante. *Tem uma coisa, quando tudo isso passar, vou pedir sua transferência, você vai cair dos quartos noutra distrito. (AQD - Tenente, p.251)*

NOTA. A lexia tem conotação homofóbica, pois é empregada para xingar homossexual masculino, ao comparar seu modo de andar ao rebolado das mulheres.

CALUNGA DE CAMINHÃO lex. comp.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Trabalhador que viaja com motorista de caminhão para fazer o serviço pesado, como carregar e descarregar material. *Isso é que é uma estampa de homem. Nem calunga de caminhão. (ED - Bastião, p.36)*

NOTA. A palavra *CALUNGA* tem origem africana e, na acepção deste verbete, remonta ao preconceito e ao racismo que se enraizou na língua, devido aos resquícios da escravidão. Como a maioria dos trabalhadores braçais de regiões interioranas, empregados em serviços grosseiros, era oriunda da população negra, fez-se a associação.

CAMISÃO s.m.

DSEAH; DSECA; DSDFN; NDTC.

Camisa longa, usada por mulheres para dormir, como uma camisola rústica. *Uma vez vieram lhe dizer que o mulato estava se gabando de ter visto sua única filha de camisão no quarto, na hora que ela se preparava para dormir. (ED - Guiomar, p.30)*

CAMUMBEMBE s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDSF; NDTC.

Pessoa qualquer, de condição financeira miserável. VAR. VAGABUNDO, ESMOLÉU. *Boa, seu Camilo! Compre um cavalo. Não gosto de ver o senhor andando a pé, feito qualquer camumbembe. (ED - Bastião, p.39)*

CANA-DE-CABEÇA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Cachaça artesanal. *Calma, amigo. Tome um negócio pra animar. Uma lapada. Tem cana-de-cabeça, vinho do Porto. (AQD - Amísio, p.48)*

NOTA: Esta é um tipo de cachaça bruta, concebida a partir da primeira moenda da cana. Artesanal, não é comercializada normalmente; apenas dentro dos engenhos se retira uma porção para replicar.

CANALHA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Grupo de pessoas mal vistas numa dada localidade. VAR. CORJA. *E ainda tem a audácia de falar no nome de Jesus! Fora, anticristo, ninguém quer você e sua canalha aqui. (AQD - Anônimo-1, p.20)*

CAPAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Cortar os órgãos sexuais. *Ninguém vai capar vocês não, excomungados. (AQD - Anônimo-10, p.216)*

CARECER v.

DSEAH; DSECA*; NDFN; DSETC.

Necessitar de algo. Não carece se incomodar comigo. Já tenho para onde ir. (ED - João Evaristo, p. 74)

CARRANCISMO s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Atitude rígida, punitiva e revanchista de alguém que preza pelas tradições, que se prende a regras. *Pra cima de mim é que Ele vem com esse carrancismo todo?* (AQD - Oricão, p.204)

CARREGO s.m.

DSEAH; DSDCA; DSDFN; DSETC.

Ato de carregar. *Ajudava mestre Antônio no roçado, no carrego d'água e noutros servicinhos à-toa.* (ED - Bastião, p.33)

CASSACO s.m.

DSEAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Trabalhador rural contratado por fazendeiros ou pelo governo para serviços de capinação e obras em geral. *É verdade que o roçado já estava começado pelo cassaco de Germano e as cabras tinham aumentado com as que Germano trouxera.* (ED - Donana, p.71)

CATINGAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Exalar mal cheiro. VAR. *INHACAR*. *Amísio fez sinal para eu me esconder, me escondi dentro dum baú velho catingando a mofo e barata, por onde vi tudo [...]* (AQD - Tininha, p.136) // *Catingava a mijo o desgraçado!* (ED - Bastião, p.85)

CAVILOSO adj.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSDTC.

Diz-se da pessoa fingida. *Estás rindo feito tonta? De quê? Mangando do meu vestido novo, será? Cavilosa?* (AQD - Mira, p.10)

CHALEIRA adj.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Diz-se de pessoa bajuladora. *Moleque chaleira!* (ED - Camilo, p.17)

CHALEIRISMO s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Atitude de bajular, agradar em demasia com vistas à obtenção de alguma vantagem; bajulação. *A bondade deles é chaleirismo, interesse.* (ED - Germano, p.47)

CHEGAR PARA O GASTO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ser o suficiente. *Lá no Condado se planta muita palma, mas o major tem gado em demasia. Mesmo assim não chega para o gasto.* (ED - Bastião, p.35)

CHINICA s.f.

NDAH; NDCA; DSEFN; DSETC.

Excremento, dejetos de animais, como galinhas ou porcos. VAR. *XINICA*. *Ora, a chinica do porco é cinzenta e nunca seca, porque o animal, molhado sempre, se espoja nela, se mistura com ela, e ela é ele e ele é ela.* (AQD – Oricão, p.16)

CHOCO s.m.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSDTC.

Falta de iniciativa, de ânimo. *Tem vaga na boleia, dá-se um jeito, aperta-se, vamos, Ana, deixa esse choco.* (AQD - Mira, p.9)

NOTA. Como se refere à galinha que está a chocar os ovos (*CHOCA*), permanecendo muito tempo no mesmo lugar, a *lexia* tem essa motivação semântica.

CLAVIS s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

O mesmo que *CLAVÍCULA*. *Ossão é a clavis, mãe uma vez levou uma queda e quebrou a clavis lá dela [...]* (AQD - Tininha, p.226).

COBÓIS s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Homens que guerreiam a cavalo ou não, com armas de fogo. VAR. *COWBOYS*. *É no cinema aí junto. São os cobóis trocando tiros com índios do seriado.* (AQD - Josias, p.131)

NOTA. Trata-se de uma referência a personagens de filmes de faroeste ou seriado do gênero, como dito na abonação.

COITO s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Lugar de refúgio. *Paizinho fica com o coito, tira a vingança com a qual sempre sonhou, e ganha o que conseguir carregar consigo. (ED - Germano, p.103)*

COMANDITA s.f.

DSDAH; DSDCA; DSEFN; NDTC.

Grande grupo de pessoas. *Sou eu, a velha e uma comandita de filhos. (ED - João Evaristo, p.74)*

COMER A BOSTA QUE O DIABO CAGA lex. tex.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Passar por grandes dificuldades financeiras. *O velho Oricão comeu a bosta que o diabo cagou. (AQD - João Carlos, p.37)*

COMETA s.m.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSDTC.

Pessoa atrevida, que chega de repente nos lugares e já vai mexendo no que não deve. *Nunca mais esse inquilino / Vai se meter a cometa (ED - Bastião, p.91)*

NOTA. Nos dicionários de língua consultados e em Tomé Cabral, **COMETA** se refere a **CAIXEIRO-VIAJANTE**, mas apenas em Houaiss existe aceção ligada a comida, em sentido informal (**COMEDOR**, **COMILÃO**).

CONDUZIR-SE v.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Relacionar-se com algo ou alguém. *Ouvi ele dizer que morava com os porcos, se conduzia com as porcas, dormia misturado, um porcão ele virou [...] (AQD - Tininha, p.227)*

CONTAR FAROFA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Fazer auto propaganda de feitos, reais ou não. VAR. GABAR-SE. *Mas acho que Camilo nunca foi homem de andar se gabando, contando farofa. (ED - João Batista, p.159)*

NOTA. Ambos dicionários de língua consultados registram FOROFA na acepção deste verbete, mas não CONTAR FAROFA.

CORONÉ s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Título atribuído a pessoa poderosa de uma região, seja grande proprietário de terra ou político de grande influência. VAR. CORONEL. [...] *dançando coco e sambando / Com a filha do coroné (ED - Bastião, p.56)*

NOTA: Segundo Marroquim (1996), existe um traço distintivo na língua do povo: todas as palavras terminam em vogal. Neste sentido, palavras com final em /l /, como CORONEL, PAPEL, ALUGUEL, por exemplo, perdem o fonema final em prol do /e/.

CORRUPIAR v.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Realizar movimento em círculo. *Na escuridão da sala, minha maozona por dentro da blusa, corrupiando aquelas verruguinhas fibrosas [...] (AQD - Oricão, p.107)*

CORRUPPIO s.m.

DSEAH; DSECA; DSEFN; DSETC.

Espécie de brinquedo infantil, como peão ou cata-vento, que funciona girando. *A porta daquele quarto também estava aberta, Ana. Encontrei nele um corrupio feito de cabaça, um carrinho de boi, umas bolotinhas. (AQD - Lucíola, p.245)*

COSCA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Sensação irritante ou prazerosa, que provoca movimentos descontrolados, convulsivos ou risos. *O porcão barrão elefantão acorda, tem cosca.* (AQD - Tininha, p.233)

NOTA. Por síncope, alteração que consiste na eliminação de fonemas no interior de uma palavra, *CÓCEGAS* perde uma sílaba e por assimilação se torna *COSCA*.

CUIUDO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se do homem de apetite sexual invejado. *Quer um espelho pra ver? Faz tempo que não vê, velhão cuiudo, porcão macho?* (AQD - Tininha, p.227)

NOTA. Tomé Cabral registra *CULHUDO* no sentido de *CORAJOSO* ou *VALENTE*. Por iotização, fenômeno em que o fonema representado pelo LH é substituído pelo /i/, tem-se *CUIUDO*, que na ideologia machista se refere aos homens viris e valentes; macho, em suma.

CUNHÃO s.m.

NDAH; NDCA; DSEFN; NDTC.

Órgão genital masculino, responsável pela produção de espermatozoides. Var. *SACO*, *OVO*. *João Grosso, você ainda está com esse cunhão inchado? Arranque isso, homem, dê ao gato.* (AQD - Oricão, p.115)

DANADO adj.
DSEAH; DSECA; DSEFN; DSETC.

Diz-se daquilo que é exagerado. [...] *aí ouvi um barulho infernal no galinheiro, tudo quanto era galinha feito umas loucas danadas.* (AQD - Tia Mé, p.250)

DANADO(A) DE

1. Loc. adv. DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Quando antecede um adjetivo, equivale a MUITO. [...] *homem é assim, danado de maldoso, com os olhos na nudez das mulheres e aí pensam que as mulheres são como eles [...] Tomo um susto, dou-lhe as costas, procurando, danada de ocupada, a cueca pedida [...] Estiro a mão, de costas, atarefada, danada de atarefada noutra coisa.* (AQD - Mira, p.240)

2. Loc. adj. NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Quando é precedido por um artigo (A/O), tem valor expletivo e apenas realça o substantivo subsequente. *Apois o danado do instrumento desapareceu!* (ED - Bastião, p.19)

DANAÇÃO s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Agitação de pessoa extrovertida. [...] *Gente assim é tão amorosa. A danação é só dos dentes pra fora.* (AQD - Ana, p.11)

DANAR-SE v.

1. DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSDTC.

Encerrar. *Danou-se tudo, acabou-se tudo!* (AQD - Oricão, p.117).

2. DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Expressão pejorativa de baixo calão. VAR. *SE FERRAR, SE LASCAR. [...] a morte que se dane, quero meu filho vivo [...]* (AQD - Oricão, p.173)

3. DSEAH*; DSECA; DSEFN; DSETC.

Ir embora, partir. *Que se danasse pras profundas do inferno.* (ED - Donana, p.55)

DAR v.

DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSETC.

Ter relação sexual, em sentido passivo. *Pensa que não sei que você andou dando ao Soldado?* (AQD - Tenente, p.251)

DAR ÁGUA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Desistir de enfrentar algo, por medo ou covardia. VAR. *DAR PRA TRÁS. Agora eu digo uma coisa. Se ela gostava tanto de ti e sempre se mostrou tão independente, por que deu água quando Sinhô viu vocês conversando debaixo do pé de imbu e mandou chamá-la para dizer que aquilo não dava certo [...]* (ED - Donana, p.117)

DAR AO GATO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Desfazer-se do órgão genital. *Arranque isso, homem, dê ao gato.* (AQD - Oricão, p.115)

DAR ASA lex. compl.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Dar importância, atenção, relevar. *O senhor lhe deu muita asa. (ED - Ercília, p.44)*

DAR CABIMENTO lex. compl.

NDAH; NDCA; DSEFN; NDTC.

Agir de modo complacente, permissivo. VAR. **DAR OUSADIA**. *Por outro lado, minha família começou a se lembrar que Manoel pertencia à raça dos negros assassinos. Ele já estava na miséria, não tinha mais nada para os irmãos tomarem... E Manoel dava cabimento, fazia por onde. (ED - Donana, p.55)*

DAR CRENÇA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Valorizar o que é dito por outrem, aceitando como verdade. VAR. **DAR CRÉDITO**. *Mas sou positivo, nunca dei crença ao que dizem por aí [...] (ED - Bastião, p.36)*

DAR DE CORPO lex. compl.

NDAH; NDCA; DSEFN; DSETC.

Defecar. *Vai dar de corpo? (ED – companheiro de limpa, p.60)*

DAR NA VENETA lex. compl.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Sentir vontade repentina. *O que eu puder ter você terá. Também quando quiser ir embora não precisa cerimônia, o caminho está livre a hora que lhe der na veneta. (ED - Camilo, p.35)*

DAR O BOTE E ESCONDER A UNHA lex. tex.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Agir como se não tivesse feito nada, dissimular as intenções. *Pois é como lhe digo, meu compadre. Major dá o bote esconde a unha.* (ED - João Evaristo, p.73-74)

DAR OUSADIA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER *DAR CABIMENTO*. *É verdade, tentou várias vezes reconciliação, mas nunca lhe dei ousadia.* (ED - Donana, p.116)

DAR PARA ALGO lex. compl.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Passar a agir como tal, ter tendência para algo ou para agir com determinadas atitudes. *Deu então pra me tratar mal.* (ED - Donana, p.55)

DAR TRATO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Cuidar, tomar conta. *Deixe estar, bichinho, vou lhe dar trato.* (ED - Camilo, p.58)

DAR UMA TREPADA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ter relação sexual. *Dizem por aí que você nunca deu uma trepada, verdade, Codó?* (AQD - Amísio, p.31)

DE DETRÁS loc. adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Indicativo de posição contrária a *FRENTE*. VAR. *DE TRÁS*. A porta de detrás estava aberta, fui fechar. (AQD - Lucíola, p.245)

DE ENCHER CAÇUÁ lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Sinônimo de *DEMAIS*. O pessoal lá é todo galego, tem menino de encher caçuá. (AQD - Anônimo-11, p.218)

DEGENERADO adj.

DSDAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se da pessoa sem escrúpulos ou depravada. Desde menino era um degenerado e só desgosto nos deu. (AQD - Dr. Anísio, p.133)

DE MEIA-CUIA loc. adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de algo de pouco valor. VAR. *DE MEIA TIGELA*. [...] e esses rezéns de meia-cuia precisam é de um ensinamento, isso eu digo aqui e digo na baixa da égua [...] (AQD - Piranha, p.70)

DEPENADOR DE GAVIÃO lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Homem viciado em masturbação. *Codó loco-loco, Codó curre-curre, olhe a irmã da canhota, depenador de gavião, mestre das gloriosas, tu morre tísico, desgraçado.* (AQD - Anônimo-3, p.35)

NOTA. Há uma alusão ao modo como se depena a ave, pegando-a pelo pescoço e puxando as penas para baixo. Nesse caso, a comparação se dá entre a cabeça da ave e a glândula do pênis, as penas do animal e a pele do órgão.

DE REVESTRÉS loc. adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz de algo que fica atravessado em sentido perpendicular, contrário. *No fim do pescoço, pra baixo, afastando as pelancas, tem um ossão de revestrés, de cada lado um ossão [...]* (AQD - Tininha, p.226)

NOTA. Em Tomé Cabral, existe o registro para *DE REVESTREL*.

DERROTADO adj.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSDTC.

Diz de algo acabado, estragado. *Espere, deixe eu passar um pano nas cadeiras, estão derrotadas de poeira.* (AQD - Ana, p.242)

DESFEITEAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Ofender gravemente. *Seu Camilo, meu patrão, fui desfeiteado! Estou desmoralizado, seu Camilo.* (ED - Bastião, p.83)

DESMAZELADO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem se apresenta em vestes bagunçadas, sem asseio, aparentando desleixo. *Seu-Cabo, olhe a disciplina, veja como o Soldado está todo desmazelado. (AQD – Tenente, p.227)*

DESMIOLADO adj.

DSEAH; DESCA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem perde a noção, o juízo. *Seu Josias, não adianta apertar essas malucas, fazem uma confusão da peste, fico até meio desmiolado também. Doidice pega, sabia? (AQD - Tenente, p.94)*

DESPERTAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Provocar a libido. VAR. *EXCITAR*. *Já li numa revista que essa brincadeira não é aconselhável para as crianças, seu-Orico. Desperta, sabe? Não faz bem. (AQD - Diná, p.25)*

DESPLANTE s.m.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Atrevimento, descaramento. *E tinha o desplante de querer seu meu amigo. (ED - Paizinho Bala, p.151)*

DE UM MODO DEMAIS loc. adv.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Indicativo de intensidade. VAR. *DEMAIS*. [...] *corri pra me encontrar com Amísio porque a gente já tinha marcado, eu gostava de Amísio, juro por Deus que eu gostava dele de um modo demais [...] (AQD - Tininha, p.135)*

DIABO s.m.

1. DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Toda e qualquer coisa. *Daí passei a outras atividades. Oleiro, ajudante de pedreiro, varredor de rua, o diabo, a peste, eu fazia de tudo. (AQD - Oricão, p.18) // Joguei, bebi, fiz o diabo. Prejudicar a quem ia? (ED - Manoel Martins, p.140)*

2. DSEAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Palavra expletiva, usada para dar intensidade a perguntas. *Pois agora estou assim, à noite não consigo pegar no sono, de manhã fico na cama, nem dormindo nem acordado, que diabo é isso? (AQD - Oricão, p.201) // Que diabo é sulanda? (ED - Camilo, p.34)*

3. NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

VER O(A) DANADO(A) DE. *Eu nem queria passar no Degredo, mas o diabo dos burros, acostumados, tomaram o rumo por conta própria. (ED - Chico Queijeiro, p.154)*

DICIONÁRIO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se daquilo que se refere ao dicionário de língua, ao que consta nele ou por ele autorizado. *Isto é umbu, já podendo ser chamado de imbu, com autorização dicionária. (AQD - Codó, em discurso indireto livre por Gonçalo Guerreiro, p.166)*

DICOMEZIM s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Algo para comer. *Onte foi qui ranjei um dicomezim, qui foi uma rodela de pão duro [...]* (AQD - Maria Baixinha, p.54)

NOTA. Registrada em Tomé Cabral (DECOMER ou DICUMÊ) e no Aulete Digital (DE-COMER) na acepção deste verbete, a lexia foi posta em discurso pela personagem na forma de diminutivo. Neste sentido, soa como um apelo, por amenizar o incômodo do pedido realizado pela miserável ao diminuir suas pretensões alimentícias. Para ela, qualquer coisa para comer (de comer) serviria, o que não traria grande esforço a quem lhe quisesse ajudar.

DISPOSTO adj.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz-se da pessoa destemida, corajosa. *Já tinham me dito que o senhor era disposto.* (ED - Cobra, p. 92)

DO CU QUENTE loc. adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem é agitado. [...] *vou ver do que se trata afinal pra essas galinhas do cu quente estarem com o diabo no couro.* (AQD - Tia Mé, p. 199)

DORMIDA s.f.

DSEAH; DSECA; DSDFN; DSETC.

Local para dormir. *Bastião arranjou dormida no quarto do meio.* (ED - Guiomar, p.25)

DUMA FIGA loc. adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Diz-se daquilo que se acha detestável. *Ele, só ele é que conhece o tal menino duma figa [...]* (AQD - Tenente, p. 227)

E M AVANTE loc. adv.
NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Indicativo de posição a frente no tempo ou no espaço. VAR. *EM VANTE*. *Eu haverei de morrer feliz se no fim da minha vida desse um ensino ao major Germano do Condado. A traição que ele me fez há de pagar um dia. Foi dessa data em avante que eu comecei a ir pra trás.* (ED - Paizinho Bala, p. 146)

EMBOANÇA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Boataria, que causa confusão entre outras pessoas. *Eles, juntamente com João Evaristo, tiveram ordem de deixar suas terras antes mesmo do senhor saber das emboanças de Sebastião.* (ED - Ercília, p. 100)

EMPALHAR v.

DSEAH*; DSDCA*; NDFN; DSETC.

Atrasar alguém, fazendo-a perder tempo com conversa desnecessária. *Não quero mais lhe empalhar, seu Chico.* (ED - Camilo, p.40)

EMPATAR v.

DSEAH; DSDCA; NDFN; DSETC.

Impedir algo ou alguém de prosseguir, seguir seu rumo. *Não lhe boto pra fora nem empato de você procurar outro lugar.* (ED – Camilo, p.34)

EM VANTE

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

VER EM AVANTE. Daí em vante a gente vai tirando os versos. (ED - Bastião, p.34)

ENCABRESTADO adj.

NDAH; DSECA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de pessoa amarrada por razões passionais e/ou financeiras; posto no cabresto. *Quem casar com aquela vai viver encabrestado para o resto da vida.* (ED – Donana, p. 126)

ENCAGABELAR v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Adiar a morte. [...] Jeová, dá-me mais noventa anos de vida, porém vida para viver, vida para sentir prazer na vida, compreender que estou vivendo, não assim, a comida não tem gosto em minha boca, o cabelo me tapando as ouças, me prendendo a respiração, cabelo, cabelo e mais cabelo, que a vida agora só está me encagabelando. (AQD - Oricão, p.108)

NOTA. O verbo em questão se refere ao fato de o personagem não se conformar com a fase atual da vida, na qual se submetia a diversas restrições, devidas à idade adiantada. Dentre elas está a dependência para se higienizar, como cortar os cabelos do nariz e dos ouvidos. Nisso, a lexia é junção de *ENGABELAR*, que significa *ENROLAR*, com o *CA* de *CABELO*; daí surge o neologismo *ENCAGABELAR*.

ENCANTAR-SE v.

DSEAH; DSECA; DSDFN; DSETC.

Desaparecer subitamente, como num encanto. *Sei que os Rezende estão virando o município pra descobrirem esse menino, dizem que se o descobrirem estarão salvos. Mas o menino encantou-se.* (AQD - Mira, p.243)

ENCHER O PEMBA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Lucrar muito. [...] *O dono da loja, olhe, enche o pamba, cobrando pelo dobro, triplo. (AQD - Mira, p.11)*

ENDIREITAR v.

DSDAH; DSECA*; DSEFN; DSDTC.

Consertar algo. *O gado ia entrando, a gente tirando. A gente ia endireitar cerca alheia? (ED - Zeca, p.66)*

ENFADADO adj.

NDAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem se encontra com fadiga, cansado. *Agora vou dormir, estou muito enfadado. (ED - Germano, p.162)*

ENGROSSAR O CABELOURO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Passar da adolescência para a fase adulta; crescer, amadurecer. *Logo que o Camilo engrossou o cabelouro, não lhe faltou mais nada a ela, sua mãe. (ED - Germano, p.47)*

ENJICAR v.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Aborrecer alguém. *O que me enjica é uma autoridade fazer cumeeira, apanhar cavaco pra um subalterno que nem eu, eu, que nem fita tenho. (AQD - Soldado, p.228)*

ENLUNDECER v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ficar de mal humor. *Eu agora tenho lundum, enlundecei, fizeram com que eu enlundece, mas meu temperamento no íntimo é outro, sempre foi outro.* (AQD - Ana, p.11)

NOTA. Trata-se de neologismo usado pelo autor, vez que não há registro de dicionarização ou da existência da lexia no uso corrente. O que há é o registro de *LUNDUM* como variante de *LUNDU*, no sentido de *mal humor*, *amuo* ou *zanga* (AH, FN) e de *melindre exagerado* (TC). Para o sentido dessa abonação, portanto, cabe os equivalentes em AH e FN para *LUNDU*, que Gilvan apresenta como *LUNDUM* e dele deriva o verbo *ENLUNDECER*, no mesmo processo de formação de *ENLOUQUECER*, por exemplo, derivado de *LOUCO*.

ENREDADO adj.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem fica intrigado, com desconfiança. *Chico Queijeiro pensava / Que a nós deixava enredado.* (ED - Bastião, p.90)

ENREDAR v.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Gerar problemas. *Me enredou com a justiça, com os vizinhos. Tive que vender o sítio.* (ED - João Evaristo, p.75)

ENREDEIRO s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem leva boatos de umas pessoas para outras. VAR. *FUXIQUEIRO*. *Seu Chico é enredeiro, um leva-e-traz. Mente que nem cachorro de preá.* (ED - Bastião, p.77)

ENTRAR EM QUESTÃO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Brigar por algo na justiça. *Como eu também não estou querendo entrar em questão com vocês. (ED - Germano, p.98)*

ESCOLADO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Diz-se da pessoa que conhece bem de um assunto; esperto. *Você está bem escolado. Aprendeu depressa com o bestinha de seu tio. (ED - Camilo, p.111)*

ESCORNADO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem se encontra em estado de exaustão, jogado, após árduo trabalho. *Veja seu-Josias como está escornado ali naquele canto. Já veio outra turma para a identificação do sexo, lavagem do cabelo, mas seu-Josias não pode ser substituído. (AQD – Tenente, p.227)*

ESPANTA-BOIADA lex. comp.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Ave que vive em regiões campestres e alagadas, acompanhando o gado na pastagem. *Uma espanta-boiada! Quando estou com a espingarda essas pestes não se amostram. (ED - Camilo, p.61)*

ESPIAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Olhar com atenção. *Nem levantou a cabeça mode espiar pra mim, mandou logo me botar na chave. (ED - Bastião, p.85)*

ESTABANADO adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de pessoa que fica irrequieta, que mexe nas coisas alheias; buliçosa. *Olha, Ana, Lucíola é assim, estabanada, mas tem coração!* (AQD - Mira, p.245)

ESTAMPA s.f.

DSEAH; DSECA*; DNFN; DSETC.

Corpo robusto. *Isso é que é uma estampa de homem!* (ED - Bastião, p. 36)

ESTAR COM A GOTA SERENA lex. compl.

NDAH; DSDCA*; DSDFN; NDTC.

Expressão que se refere a algo extraordinário, inacreditável ou impossível. *Esse menino há de aparecer. Não está com a peste, a gota serena.* (AQD - Oricão, p.213)

NOTA. Ambas lexias apresentadas na abonação, *ESTAR COM A PESTE* e *ESTAR COM A GOTA SERENA*, são variantes léxicas e se usam em relação sinonímica.

ESTAR COM O DIABO NO COURO lex. tex.

1. NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ficar muito agitado. *Não, tenha paciência, mas desta vez vou ver o que é, ver de que se trata, afinal, pra essas galinhas do cu quente estarem com o diabo no couro.* (AQD - Tia Mé, p.199)

2. NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Perder o controle de tanta fúria. *Estou mesmo, desgraçado! Estou com o diabo no couro.* (ED - Camilo, p.63)

NOTA. Tanto AH quanto CA registram *ESTAR COM O DIABO NO CORPO* na primeira acepção. Já TC registra a variante *ESTAR COM O DIABO NOS COUROS* ou *NO CORPO*, com remissiva para esta segunda formulação. Nela há o registro da segunda acepção presente neste verbete.

ESTAR CRENTE lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ter convicção. *Apois eu estava crente que seu Camilo ia desfazer-se dos bichos. (ED - comprador de gado, p. 57)*

NOTA. No Houaiss não há um verbete para *ESTAR CRENTE*, mas o sentido que atribuímos em *CRENTE*, por ele dicionarizado.

ESTAR ENGANADO COM A COR DA CHITA lex. tex.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Não ter a menor noção, não saber de nada. *Julgam que eu sou Totonho-Caracol? Estão muito enganados com a cor da chita! (ED - Feitosa, p.58)*

ESTAR NAS BARATAS lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Começar a sentir as dores do parto. [...] *Rapaz, vai ali no cartório e diz ao doutor juiz de direito que a mulher dele está nas baratas [...] (AQD - Oricão, p.17)*

ESTRANJA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Terras estrangeiras, de outro país. *Compadre, os cavalos nas estranjas não tem pisada. Anda tudo no galope. (ED - João Evaristo, p.78)*

EXCOMUNGADO adj.

DSEAH*; DSDCA; NDFN; DSETC.

Diz-se de quem se despreza, por agir em discordância. *Ninguém vai capar vocês não, excomungados. (AQD - Anônimo-10, p.216)*

F

ANFARRICE s.f.

DSEAH; DESCA; NDFN; NDTC.

Enaltecimento de si próprio, espalhando falsa coragem ou feitos inventados. *Sinhô, cheio de fanfarrice, de pabulagem, só tem boca. (ED - Donana, p.69)*

FARINHEIRO s.m.

DSDAH; DSDCA; DSEFN; NDTC.

As nádegas. *Assim não! Assim não! Tira a mão do meu farinheiro. Assim não falo mais. (AQD - Piranha, p.70)*

FARNESIM s.m.

DSEAH*; DSDCA*; DSEFN; DSETC.

Arrepio pelo corpo. VAR. *FRENESI. Eu com o estômago fraco, chega me dava um farnesim. (ED - Bastião, p.85)*

FAZER CUMEEIRA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER *APANHAR CAVACO. O que me enjica é uma autoridade fazer cumeeira, apanhar cavaco pra um subalterno que nem eu, eu, que nem fita tenho. (AQD - Soldado, p.228)*

NOTA. A cumeeira é a linha de madeira que divide um telhado em dois. Também é chamado de cumeeira o próprio formato ou o telhado, que dividido em dois, aparenta forma curvada para baixo. Assim, como na variante *APANHAR CAVACO*, a lexia se refere à postura do personagem, colocando-se em posição passiva para o ato sexual.

FAZER MAL lex. compl.

NDAH; DSDCA*; DSDFN; DSDTC.

Ter relação sexual com moça virgem ou, à força, com qualquer mulher. *Não foi no rádio que deu, que não sei onde, um tarado invadiu a casa duma professorinha que morava só e esse tal tarado fez mal à coitadinha?* (AQD - Tia Zu, p.193)

FEITIO s.m.

DSEAH; DSECA*; NDFN; NDTC.

Índole, comportamento natural. *Até eu não disse nada, aguentei tudo calada, o que não é do meu feitio, porque queria ver a intenção dela.* (ED - Donana, p.117)

FICAR DE REGO ABERTO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Engordar após ser bem alimentado. *Deixe estar, bichinho, vou lhe dar trato. Você vai pegar corpo, ficar de rego aberto.* (ED - Camilo, p.58)

FICAR NO AÇO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ficar com medo. [...] *depois que Alfredo contou as novidades daí, Lucíola ficou trêmula, teve até febre. Até brinquei com ela, disse-lhe, mas você não viu o menino, minha filha. Pra que fui dizer! Ficou no aço.* (AQD - Mira, p.231)

FOGACHO s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Arrepio oriundo de ideia repentina. *Na esquina da casa do sapatinho, o menino postado ali, me fitando. Subiu-me logo o fogacho, lembrei-me de Jason e Jesonias [...] (AQD - Oricão, p.211)*

FORTUDO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de algo ou alguém muito forte. *Se um galo só não chega para seus apetites, digam que arranjo outros, uns galinhos de raça bem fortudos.* (AQD - Tia Mé, p.199)

FRANGAGEM s.f.

NDAH; NDCA; DSDFN; NDTC.

Comportamento inadequado. *Porque, meus senhores, vamos deixar de frangagem [...]* (AQD - Piranha, p.70)

FRESCO s.m.

1. DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Aquele que se quer desqualificar, independente de sexualidade, no sentido de quem tem melindres. *Afinal a gente precisa saber o que o fresco desse menino quer.* (AQD - Oricão, p.213)

2. DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Xingamento a homossexual. *Contenha-se o que, fresco safado!* (AQD - Tenente, p.251)

FRESCURA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Atitude covarde. *Sabe o que responde? Que enquanto você estiver com essa frescura não vem cá.* (AQD - Maria, p.155)

FRIOSOS adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se do que está molhado de um suor frio, oriundo de estado febril. [...] *fui pra casa de seu-Orico, me tranquei no quarto, o coração batendo que nem um bombo, as mãos tremendo, o corpo todo frioso, que aquilo era febre, um suor gelado [...]* (AQD - Tininha, p.137)

FRUTIQUEIRO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se daquele que aperreia com futrica, fuxico, intriga. VAR. *FUTRIQUEIRO*. *Eu era sozinho, lutei sozinho, sem meios, habitante de pocilga, limpador de fossa, sebeiro, maloqueiro, frutiqueiro, eu, sozinho, venci.* (AQD - Oricão, p.77)

NOTA. Por metátese, que consiste na mudança de posição de um fonema no interior da palavra, o /R/ passa da segunda para a primeira sílaba (FUTRI – FRUTI).

FUGA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Tempo dado para alguém ficar sozinho ou para membro de casal aproveitar individualmente. *Atrapalho, não é? Não lhe dou fuga, não é?* (AQD - Mira, p.240)

FURICO s.m.

DSEAH*; NDCA; DSEFN; NDTC.

Ânus. *Bonito assim, por que não botou no furico dele?* (AQD - Oricão, p.211)

FURTANTE adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz de algo que é meio transparente, mas que reflete a luz em diversas tonalidades. *Saíram então as três criancinhas, cuinhas na mão, a apanhar as tanajuras que malacaxeteavam o espaço com suas brilhantes e furtantes a cores várias.* (AQD – Codó, p.56)

FUTE s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSETC.

Pessoa muito esperta. VAR. CÃO, BUTE. *Está rabiscando os deveres, fazendo-se de alheia, mas essa menina é um fute, pega as coisas o ar.* (AQD - Mira, p.231)

FUTUCAR v.

1. DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Cutucar, mexer. *Bota-se aquele um de farinheiro pra cima e toca a futucar com um grampo a fim de tirar o tampão [...]* (AQD - Ana, p.8)

2. DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSDTC.

Fazer lembrar algo. *A gente já sofreu tanto, para que remexer nas cinzas, futucar em ferida?* (ED - João Batista, p.124)

FUZUÊ s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Grande agitação e falação oriundas de boatos. *Aquela menina inventou agora uma amizade aqui em casa... Daqui a pouco começa o fuzuê.* (ED - Donana, p.21)

GABAR v.

1. DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Admirar alguém em demasia. *Armando entrou na escola, aprendeu altas ciências, se alinhou. Era muito apreciado pelos tios. Augusto, Sinhô e até Germano gabavam ele. (ED - Donana, p.114)*

2. DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Em forma pronominal é o ato de contar vantagem, fazer propaganda de si mesmo. VER *CONTAR FAROFA*. *Camilo fingia, para assustar, para... nem sei dizer. Mas acho que Camilo nunca foi homem de andar se gabando, contando farofa. (ED - João Batista, p.159)*

GANDAIA s.f.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Vida despreocupada, baseada em farra e exageros mundo afora. *Manoel mudou de vida? Era mesma vadiagem, a mesma falta de responsabilidade. Ganhava o mundo, desaparecia com os amigos, na gandaia. (ED – Donana, p. 54)*

GANHAR O MUNDO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Ir embora, partir. *Arrumem as trouxas, ganhem o mundo. Não os quero mais um minuto em minhas terras. (ED - Germano, p.66)*

GARANTIR v.

DSEAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Dar proteção a alguém. [...] *não deixem que eu morra hoje, se alguém me salvar da morte, hoje, faço desse alguém o homem mais rico do mundo, me guardem, me garantam, não deixem que eu morra hoje, distribuo minha riqueza, não deixem que eu morra hoje, não deixem que...* (AQD – Josias, p.254) // *Antes de amanhecer estamos aqui. A gente lhe garante. (Ed – Cobra, p.93)*

GASTURA s.f.

DSEAH*; DSDCA*; DSEFN; DSETC.

Mal-estar, enjoo. *Aquilo tem um tampão de cimento, abre-se o tampão... Iche! que merda de gente é pior do que merda de porco. Chega me sobe uma gastura, só em lembrar.* (AQD - Oricão, p.17)

GAVAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

VER GABAR. *Seu Camilo, não é por estar na sua presença, mas sempre gavei o senhor.* (ED - Bastião, p.58)

NOTA. Mudança fonética do /b/ para o /v/.

GÁZEO s.m.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Olhos claros, azuis ou esverdeados. *Sei não, mas já ouvi dizer que estricnina é feita de baba de gázeo.* (AQD - Anônimo-13, p.223)

NOTA. Tanto em Fred Navarro quanto em Tomé Cabral existe o registro de GAZO, na acepção deste verbete. Contudo, em Houaiss e no Aulete Digital, numa das acepções, a unidade léxica se refere a cavalo velho, cujos olhos clareiam. É neste sentido que os personagens conversam, pois teorizam sobre os motivos que levam os Rezendes a procurar por menino de olhos claros. A questão é que se tratam de teorias absurdas, e uma delas é de que eles queriam meninos louros para tirar-lhes os olhos e fabricar veneno para plantações (ESTRCNINA).

GENTE DE RESPEITO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Pessoas de família, conhecidas e respeitadas em dada localidade. *É não, seu Camilo, é não. Gente de respeito deu o testemunho.* (ED - Chico Queijeiro, p. 37)

GIRÂNDOLA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Roda de fogos de artifício que acendem em sequência, fazendo-a girar. *Aí Amísio levantou as calças, foi se dirigindo para a porta, nisso a porta voou, arrombada, com ela entraram o Cabo e o Soldado, atirando logo, sem nada falar, sem nada perguntar, aquilo parecia a girândola da festa da padroeira. (AQD - Tininha, p.137)*

GLORIOSA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

VER *DEPENADOR DE GAVIÃO*. [...] mestre das gloriosas, tu morre tísico, desgraçado. (AQD - Anônimo-3, p.35)

GODINAITE lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Saudação de boa noite. *Distinto auditório, godinaite! (AQD - Piranha, p.70)*

NOTA. Aportuguesamento a saudação oriunda da língua inglesa *GOOD NIGHT*.

GOSTOSURA s.f.

NDAH; DSECA; NDFN; DSDTC.

Sensação de prazer. *Ele, o Cão, gosta de ficar de olhos abertos, meio abertos, gemendo de gostosura [...] (AQD - Tininha, p.226)*

GRAU s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Indicação da pureza do leite. *Olhe aí, o maior fornecedor, o que nem precisa de grau no leite, porque todo mundo sabe que não tem água no leite de Alfredo Matias, e coisa e tal e tal e coisa.* (AQD - Oricão, p. 125)

NOTA. Na acepção deste verbete, o sentido pretendido é o de pureza do leite, embora haja a medida de acidez através do grau Dornic (°D), muito utilizado para detectar a acidez desse alimento no controle de qualidade do processo industrial. Segundo a Embrapa, o leite fresco normal pode apresentar entre 15 a 18°D. Oricão, contudo, queria dizer que o leite a que ele se referia era tão bom que nem grau tinha; ou seja, não precisava de ser avaliado.

GRUDE s.m.

DSDAH; DSDCA; DSDFN; DSDTC.

Grupo de pessoas unidas. *Ora, lá se vai aquele grude de traidores.* (AQD - Piranha, p.118)

H

OMEM s.m.

1. DSDAH; DSDCA; DSDFN; DSDTC.

VER CABRA (1). *Quando chegar a ocasião, pense nisso. Pense nisso, homem!* (ED - Feitosa, p.58)

2. DSDAH; DSECA; NDFN; DSDTC.

VER CABRA (3). *Sem precisar da polícia, com os meus homens acabaríamos com ele.* (ED - Germano, p.103)

I

GUALHA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Grupo de pessoas com qualidades desprezadas ou pertencentes nível social inferior. VAR. LAIA, RAÇA. *Filho meu não vai servir de carniça a urubus de sua igualha, ouviu, doutor de merda? (AQD - Oricão, p. 174) // Foi uma felicidade para ti, meu filho. E Ercília não serve para casar com uma pessoa da tua igualha. Uma moça daquela, independente, manhosa como o pai, só presta para casar com um homem que se submeta a tudo que ela queira. (ED – Donana, p. 126)*

IMBU s.m.

DSDAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Fruto do umbuzeiro. *Isto é umbu, já podendo ser chamado de imbu, com autorização dicionária. (AQD - Codó, em discurso indireto livre por Gonçalo Guerreiro, p.166)*

IMBUÁ s.m.

NDAH; NDCA; DSEFN; NDTC.

Tipo de lagarta. *E esses pelinhos do teu sovaco, fininhos assim que nem pernas de imbuá? (AQD - Oricão, p.74)*

IMPRESTÁVEL adj.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de pessoa considerada desprezível. *Cale a boca, velha imprestável [...] (AQD - Oricão, p.204)*

INCHAR O SACO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Perder a paciência. VAR. *ENCHER O SACO. E isso te faz inchar o saco? Ora se estou me incomodando que alguém futuramente endeuse os Rezende. (AQD - João Carlos, p. 39)*

INDAGORINHA adv.

NDAH; DSECA*; NDFN; DSETC.

Indicativo de algo ocorrido há pouco tempo. *Saiu indagorinha, mas a máquina está. (AQD - Amísio, p.32)*

NOTA. Contração de *AINDA AGORA*.

INFROUXIDÃO s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Capacidade de não ser frouxo. *Vocês são meus filhos mas não me herdaram a fibra, a infrouxidão, porque o que faz um homem é o destemor [...] (AQD - Oricão, p.125)*

INHACAR v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER *CATINGAR*. *Foi, a gente queimou tudo. Uns trapos catingosos, umas lascas de pau manchadas de sangue de percevejo, uns molambos bufentos com licença da palavra inhacando a peido velho... (AQD - Anônimo-6, p. 116)*

INJURIAR-SE v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Enfurecer-se. *Mas a ofensa me pegava, ora se, e eu virando homem me injurieei. (AQD - Oricão, p.17)*

IRMÃ DA CANHOTA lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER *DEPENADOR DE GAVIÃO*. [...] olhe a irmã da canhota, depenador de gavião [...] (AQD - Anônimo-3, p.35)

INTEIRAÇADO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se daquilo ou de quem fica rígido, duro. Acordei inteiraçado de frio, tinha feito um frio de rachar, lá onde eu morava naquele tempo. (AQD - Oricão, p.208)

NOTA. Em Houaiss e no Aulete Digital há o registro de *INTEIRIÇADO*, nesta acepção.

INTRICADO s.m.

DSEAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Mal-entendido ocasionado por interpretações confusas. Camilo, por Nossa Senhora, não mexa mais nesse intricado. Não está tudo esclarecido? (ED - João Batista, p.122)

J

ANOTA adj.

DSEAH*; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz de quem se sente melhor que os outros. *Armando então estava ficando todo janota. Eu só ouvia as notícias. Boa figura, voz bonita para as cantorias. (ED - Donana, p.115)*

JATECUBA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Inseto parasita que se instala nos pés e causa infecção. VAR. *NÍNGUA, ZUNGA, TUNGA PENETRANS*. *Dos ditos cujos pés pendiam por vida cachos de bichos, tunga penetrans, nome científico e, popularmente, níngua, zunga, jatecuba, que até já cataloguei via dicionário, porque o bicho-de-pé para mim é um símbolo de minha vida neste val de lágrimas. (AQD - Oricão, p.16)*

JATUMAMA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Órgão genital masculino avantajado. VAR. *VERRUGONA*. *Formado, venho para esta cidade, estabeleço-me, desrezendeio-a. Começo pelo velho, velhão, dois metros de altura, duzentos quilos de safadeza, com barriga e tudo. Só de jatumama, dizem, mais de trinta centímetros. (AQD - Amísio, p.30)*

NOTA. Em trabalho publicado nos anais do Conali II, discutimos a motivação semântica dessa unidade léxica bem como outras referências a pênis presentes na obra do autor. Na ocasião defendemos que a *lexia*, que aqui figura como um substantivo simples é, na verdade, uma *lexia* complexa, resultado da reunião e reordenamento de elementos do sintagma *TU MAMAS JÁ*, que, a exemplo de *JATUCHUPA* e *JATULAMBE*, sinônimos registrados no site *Dicionário Informal*, faz referência não só ao órgão genital masculino, mas também à prática do sexo oral com o mesmo.

L

ADINO adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem age com esperteza. *Mas major era ladino. Vai à polícia, recompra o delegado e vêm vindo, eles todos.* (ED - Paizinho Bala, p.147)

LAGARTA-DE-FOGO lex. comp.

DSDAH*; DSDCA*; DSDFN; NDTC.

Pessoa de cabelo avermelhado. *Vou lá. Quero inventar uma porção de coisa pra deixar os lagartas-de-fogo assombrados.* (ED - Camilo, p.121)

LAMBISGOIAR v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Agir como uma lambisgoia, que se oferece aos homens. *Você, sua guabirua, que não tem fé, é que fica aí, lambisgoiando, toda fedida cagando na mão pra comer.* (AQD - Piranha, p.96)

LANGANHO s.m.

DSDAH; DSDCA; DSDFN; DSDTC.

Refeição qualquer, de aparência e cheiro repugnante. *Deu meio-dia, os outros presos comeram lá uns langanhos... Eu nem quis sentir o cheiro.* (ED - Bastião, p.85)

LASCADO DA VIDA loc. adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem se apresenta em péssimas condições financeiras. *Se foi apenas pra se mostrarem tão lascados da vida não deveriam ter-me tirado dos cômodos.* (AQD - Oricão, p. 115)

LAVOR s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Atividades caseiras, como costura ou bordado; afazeres. [...] *sem falar nas tesourinhas, essas com que nos servimos nos lavoros.* (AQD - Tia Zu, p.193)

LEI s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Religião judaico-cristã; lei de crente, evangélico. *Que é isso, Maria, nós todos somos de outra lei, você sabe disso.* (AQD - Jesonias, p.171)

LESENTO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem aparenta ser leso, bobo e desajeitado. *Cresceu na pobreza, ficou magro, feio, lesento.* *Quem sabe Codó não era mesmo santo?* (AQD - Tia Mé, p.197)

LEVAR NA CABEÇA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Sofrer desvantagem fatal que leva à morte. *Até agora, quem viu esse menino, que ninguém sabe se é de Deus ou do Diabo, foi o finado Jason e seu irmão Jesonias: ambos levaram na cabeça.* (AQD - Dorinha, p.230)

LIMPA s.f.

DSEAH*; DSECA; DSEFN; DSETC.

Limpeza de terreno. *Houve uma limpa completa por aqui. Seu Camilo quer tudo no claro, a descoberto.* (ED - Chico Queijeiro, p.88)

LUNDUM s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Comportamento mal humorado. *Não gosto é de quem tem lundum.* (AQD - Ana, p.11)

NOTA. Tanto Fred Navarro quanto Tomé Cabral registram a variante *LUNDU* nesta acepção.

M

ACHA adj.

DSDAH; DSDCA; DSDFN; NDTC.

Diz-se de atitude firme, forte. [...] *dei-lhe uma cantada macha, de levantar defunto [...]* (AQD - Piranha, p.87)

MAGINAR v.

DADAH; DSECA*; NDFN; DSETC.

Desconfiar de algo ou alguém. *Se antes aqui não vim foi porque lá do meu canto, a maginar, maginado, eu via tudo feliz.* (ED - Manoel Martins, p.141)

MAGOTE s.m.

DSEAH; DSECA; DSEFN; DSETC.

Referência a um grupo de pessoas, em geral com sentido negativo. *Magote de cabra de peia, merda serenada.* (AQD - Oricão, p.108) // *Pai tinha um irmão, tio Dão, que odiava quem não era branco. Uma vez, na cidade, ia saindo de casa com a mulher e ao ver um magote de negros e mulatos conversando na outra esquina, puxou-a pelo braço.* (ED - Donana, p.53)

MALACAXETEAR v.

NDHA; NDCA; NDFN; NDTC.

Emitir brilho como uma pedra preciosa. *Saíram então as três criancinhas, cuinhas na mão, a apanhar as tanajuras que malacaxeteavam o espaço com suas asas brilhantes e furtantes a cores várias.* (AQD – Codó, p.56)

NOTA. No *Dicionário de Sinônimos*, de Antenor Nascentes, existe o registro da palavra **MALACACHETA**, grafada com CH e não X. Tendo como variante a palavra **MICA**, é definida como “silicato de alumínio e metais alcalinos”; ou seja, trata-se de um mineral brilhante, uma pedra reluzente. No Houaiss e no Aulete Digital também há o registro do mesmo termo-entrada com CH e na mesma acepção de Nascentes (1981).

MALHAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Falar mal, criticar negativamente. *Se Amísio fazia os pasquins, aquela folha malhando os Rezéns, isso era lá com ele [...]* (AQD - Tininha, p.135)

MAMBEMBE adj.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz-se daquilo que tem pouca importância ou valor. *Resolvam primeiro esses probleminhas mambembes e depois de tudo resolvido me falem, venham conversar comigo.* (AQD - Oricão, p.112) // *Você sabe, são dois sitiozinhos mambembes.* (ED - Feitosa, p.58)

MANTEÚDO adj.

DSDAH; DSDCA; NDFN; DSDTC.

Diz-se de algo gordo, carnudo. *Ali, debaixo dos peitos, ali dava pé, levantando um daqueles peitões. Tem o bico do peito tão manteúdo [...]* (AQD - Tininha, p.233)

MEIÁGUA s.f.

NDAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Casa construída com telhado de um lado só, em vez de dois, como em um chalé. *E tenho dito. Mas preciso dizer mais alguma coisa sobre esse inquilino batizado com o nome de Gonçalo, pois as novas gerações desconhecem-no por inteiro, mal sabendo que foi em nossas brenhas que ele nasceu, vindo ao lume numa meiágua da Rua do Açude [...]* (AQD - Codó, p.164)

MENTIR QUE NEM CACHORRO DE PREÁ lex. tex.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Mentir demais. *Seu Chico é enredeiro, um leva-e-traz. Mente que nem cachorro de preá. Seu Chico já viu até ninho de canção! (ED - Bastião, p.77)*

MEQUETREFE adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Diz-se da pessoa desprezível, insignificante. *Aquele mequetrefe que não tem onde cair morto? (AQD - Oricão, p.111);*

MERDUME s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Monte de merda. *Eu aqui me acabando na velhice e esses pulhas me atanzando o juízo com o merdume em fatias desses pasquins. (AQD - Oricão, p.108)*

METIDO A ARROCHADO lex. compl.

NDAH; NDCA; DNFN; NDTC.

Diz-se de quem enfrenta, por ser destemido. VAR. *DISPOSTO*. *Eu não disse, chefe? Esse sujeito é metido a coisa, metido a arrochado. Deixe, chefe, deixe eu acabar com a valentia dele! (ED - Cobra, p.150)*

MOCHO DOS DOCUMENTOS lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se do homem que tem pênis pequeno. *Na certa Codó era mocho dos documentos. (AQD - Anônimo-5, p.86)*

MODE conj.

NDAH; NDCA; DSEFN; DSETC.

Para, na ideia de finalidade. *Seu Camilo, me adiante um dinheiro mode eu comprar um realejo.* (ED - Bastião, p.77)

NOTA. Variação fonética de *POR ORDEM DE*.

MORRER GALEGO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Expressão usada em pergunta feita por pessoa aborrecida com aglomeração descabida. *E esse povo todo aí, que está esperando? Morreu galego?* (ED - Germano, p. 65)

MORRER TÍSICO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Emagrecer e enfraquecer fisicamente. [...] *mestre das gloriosas, tu morre tísico, desgraçado.* (AQD - Anônimo-3, p.35)

MUFAMBA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Grupo de coisas ou pessoas desorganizadas. VAR. *BAGUNÇA, ZUEIRA*. *Sei, sei. Fui eu que organizei aquela mufamba.* (AQD - Oricão, p.116)

N

ÃO TER PAPAS NA LÍNGUA lex. compl.

NDAH; NSECA*; NDFN; DSETC.

Não ter limites no que diz. [...] pois o repertório do anfitrião é volumoso e pomposo nessa categoria, e ele não tem papas na língua. (AQD - Codó, p.167)

NÍNGUA s.f.

NDAH; NDCA; NDTC; NDTC.

VER JATECUBA. [...] e, popularmente, níngua, zunga, jatecuba, que até já cataloguei via dicionário[...] (AQD - Oricão, p.16)

NOITE DE FESTA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Designação referente à noite do Natal. Mas Guiomar, nem à Noite de Festa tu vai na rua? Pois olhe, pode me faltar tudo, mas as três festas do ano eu não deixo passar. Noite de Festa, Ano e Reis, pra mim, se não tivesse, acho que eu morria. (ED - Bastião, p.36)

NO RONCO loc. adv.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Com ímpeto, de modo firme e decidido. Agora, não é? Mais tarde estão me procurando no ronco feito cachorro amolestado. (AQD - Piranha, p.68)

OLHAR DE CABRA MORTA lex. compl.
NDAH; NDCA; DSEFN; NDTC.

Expressão facial de quem deseja algo, olhar de carência. *Você nunca me enganou com esse olhar de cabra morta, esse ajeitado de cabelo.* (AQD - Tenente, p.251)

OLHAR DE FURTO lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Disfarçar o interesse no olhar, fingindo que não vê. *O que nunca me agradou em Ercília era a sonsice dela. Se vinha atrás de ti, por que não dizia? Agora ficar rondando, te olhando de furto...* (ED - Donana, p. 117)

OLHO ROÍDO lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; DSETC.

Olhos acometidos por conjuntivite. VAR. **OLHO DE SAPIRANGA**. *Zé Sapiranga, você ainda não ficou bom desses olhos roídos?* (AQD - Oricão, p. 115)

OROPA s.f.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

O continente europeu, Europa. *Acontece que ungia a fabricação de obra congênere, e Gonçalo confessou que tinha de ir a Lisboa, as Oropas [...]* (AQD - Codó, p.165)

OUÇA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Ouvido. [...] *Josias, rasga de minhas ouças teus inofensivos pasquins.* (AQD - Oricão, p.74)

P

ABULAGEM s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

VER FANFARRICE. *Sinhô, cheio de fanfarrice, de pabulagem, só tem boca. (ED - Donana, p.69)*

PALEIO s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSDTC.

Zombaria. *Diz isso aqui. Queria que estivesse lá no paleio. Rapaz, não nego não. Tive medo. (ED - Zeca, p.64)*

PAROLAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Falar sobre trivialidades, conversar despreocupadamente. *E acreditei, pois vi muitos estranhos no Condado, homens que não se ocupavam em nada, andando pelo terreiro, a parolar. (ED - Chico Queijeiro, p.37)*

PAROLICE s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Conversa mole, boataria. *Acredito que Camilo acoita o bando de Paizinho Bala e digo por quê. Além das coincidências de que já falamos, como o reaparecimento do cangaceiro; a parolice de Bastião a mandado de seu amo; os preparativos no pátio da fazenda, etc. e tal, vocês se lembram que fui eu que concorri para desbaratar o bando de Paizinho. [...] (ED - Germano, p.102)*

PASSAMENTO s.m.

DSDAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Vertigem ou desmaio. *Foi um passamento. Já estou bem, pode deixar.* (AQD - Ana, p.244)

PATIFARIAS s.f.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Fraudes, crimes e todo tipo de irregularidade. *Faço um relatório completo de todas as patifarias dos Rezendes, me incluo culpado, fui muito, me suicido em seguida.* (AQD - Dr. Anísio, p.229)

PEBA s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Espécie de tatu. *Um peba, seu Camilo. Tubarão quando late daquele jeito é peba na certa!* (ED - Bastião, p.77)

PEDIR PENICO lex. compl.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Voltar atrás após reconhecer o erro. *Eu não dizia a vocês? Já estão me pedindo penico.* (AQD - Oricão, p.114)

PEGADIO s.m.

NDAH; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Grande apego a algo. *Ô Amélia, ele trouxe de volta minha máquina de escrever? É um pegadio com aquela pobre máquina.* (AQD - Dr. Anísio, p. 130)

PEGAR v.

DSDAH; DSECA*; NDFN; DSDTC.

Relacionar-se com alguém. [...] *nunca se ouviu falar que Codó tivesse pegado uma mulher.* (AQD - Anônimo-2, p.35)

PEGAR CORPO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER *FICAR DE REGO ABERTO*. *Você vai pegar corpo, ficar de rego aberto.* (ED - Camilo, p.58)

PEGAR-SE v.

DSDAH; NDCA; DSDFN; DSDTC.

Dar importância, prestar atenção. *Mas as besteiras que ele conta por aí vão se espalhando. São uma arma para o major. Major se pega com tudo, o senhor sabe. Assim ele vai se assenhorando da situação.* (ED - João Evaristo, p.75)

PELANCAZINHA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Pele flácida. *Sim, aqui, olha que covinha, olha que pocinho, olha que pelancazinha tão macia e fininha.* (AQD - Tininha, p.233)

NOTA. Trata-se da lexia PELANCA, empregada na forma diminutiva.

PELEJAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Insistir. *Ele foi que nunca quis aproximação com os parentes. Ainda anteontem, quando esteve lá em casa, pelejei para ele almoçar comigo, ver os meninos, falar com Deolinda...* (ED - Armando, p.158-159)

PELINTRA s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Malandro, sem vergonha. *Uma vez, na rua, um pelintrá quis se fazer de besta comigo. Batotava no jogo. Vi quando ele escondeu uma carta.* (ED - Manoel Martins, p.143)

PENOSA adj.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Triste, de dar pena. *Não é penosa, seu Camilo? É de cortar coração.* (ED - Bastião, p.17)

PENUJOSO adj.

NDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se da parte do corpo com cabelos pequenos e finos. *Já ensinou alguém a escrever, Tininha, já pegou na mão de alguém, guiando, o cangotinho à mostra, penujoso [...]* (AQD - Oricão, p.73)

PERDER AS ESTRIBEIRAS lex. compl.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Perder a paciência, ficando muito nervoso. *Seu Camilo, bispei tudo. Seu Chico perdeu as estribeiras. Dá uns versos, vou tirar.* (ED - Bastião, p.90)

PESADO s.m.

DSEAH; DSECA*; NDFN; DSETC.

Trabalho braçal árduo. *Vês estas mãos feias, meu filho? Os dedos deformados, as unhas pretas? Foi no pesado que as arranjei.* (ED - Donana, p.114)

PESTE

1. s.f. DSDAH; DSDCA; NDFN; DSDTC.

VER *DIABO* (1). *Daí passei a outras atividades. Oleiro, ajudante de pedreiro, varredor de rua, o diabo, a peste, eu fazia de tudo.* (AQD - Oricão, p.18)

2. s.f. DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Na locução *DA PESTE*, significa enorme, assustador. *Seu-Josias, não adianta apertar essas malucas, fazem uma confusão da peste [...]* (AQD - Tenente, p.94)

3. s.2g. DSDAH; DSDCA; NDFN; DSETC.

Xingamento a algo ou alguém. VER *AMOSLESTADO*. *É só pra seu-Josias Rezéns olhar vocês, seus pestes.* (AQD - Anônimo-10, p.216) // *Quando estou com a espingarda essas pestes não se amostram.* (ED - Camilo, p.61)

PIROCA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSETC.

Órgão genital masculino. VAR. *POMBA, TITOCA*. [...] *Vá ver que ele não tinha nem piroca.* (AQD - Anônimo-5, p.86)

PISA s.f.

DSEAH; DSECA; DSDFN; DSETC.

Agressão física. VAR. *SURRA, CACETE*. *Não sei onde estou que não mando dar uma pisa nesse doutorzinho que deixou meu filho morrer.* (AQD - Oricão, p.174)

PISADA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSDTC.

Forma de andar do cavalo. *Compadre, os cavalos nas estranhas não têm pisada. Anda tudo no galope.* (ED - João Evaristo, p.78)

PÓ-DE-OURO s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Farinho de milho ou fubá. *O senhor sabe, seu-Orico, a gente frequentando como sem falta o templo ganha dois pacotes de pó-de-ouro, um quilo de açúcar, um de feijão e meia cuia de farinha.* (AQD - Anônimo-6, p. 116)

POMBA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

VER PIROCA. *Que pena eu não ter a pomba loura por via de ter feito ao menos um rusagar.* (AQD - Anônimo-9, p. 216)

POMBA LESA s.2g.

DSEAH*; NDCA; DSEFN; NDTC.

Pessoa despreocupada, desocupada, desligada. *Codó leva a vida a ler, desde menino não faz outra coisa, lê e rabisca, lê e rabisca, feito o pomba lesa que é.* (AQD - Oricão, p. 79)

POMBOCA adj.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Diz-se de pessoa lerda, que não percebe ou não consegue resolver as coisas. *Imbecis, merdas, pombocas, mostrem a força, subjuguem.* (AQD - Oricão, p. 76)

POSSUÍDO DO DEMÔNIO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem está enfurecido, descontrolado como se estivesse sob o poder de uma entidade maléfica sobrenatural. VAR. *ENDIABRADO, COM O DIABO NO COURO. Se acalme, seu Camilo! Eu não disse nada, não fiz nada. O senhor está possuído do demônio* (ED - Zeca, p. 63)

POTOCA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Conversa mole, mentira. *Agora me lembro, há um menino. Potocas, filho, isso é besteira da grossa.* (AQD - Oricão, p.211)

PRIVAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Estar em ambiente privado com alguém, conviver na intimidade. *A esse respeito, Zu, tenho cá minhas dúvidas. Quem privou com algum santo pra saber, de certeza, que santos não têm flatulência?* (AQD - Tia Mé, p. 195)

PUTAS DE PÉS DE MURO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Xingamento dirigido a grupo de pessoas desorganizadas ou subalternas. *Esperem por mim suas putas de pés de muro, eu sou a chefe do bando [...]* (AQD - Piranha, p.96)

Q

UADRA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSDTC.

Época, período da vida. *Tu nasceste na pior quadra da minha vida. (ED - Donana, p.67)*

QUARTAU s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Tipo de cavalo manso e apropriado para montaria. *Pra que haverá de conservá-los? Logo que assim pensei, montei no quartau e para aqui me dirigi. (ED - comprador de gado, p.57)*

QUENGA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Prostituta, puta. *Por que aquela quenga não veio? (ED - Camilo, p.130)*

QUENTURA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Desejo sexual, excitação. *Ah... Tininha me aproveita, como eu aproveito as quenturas dela. (AQD - Amísio, p. 39)*

QUILARINETA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Instrumento musical de sopro. *Aqui na nossa panela / A colher ele não meta / Pois tocar ele não sabe / A sua quilarineta (ED - Bastião, p. 91)*

NOTA. A lexia é formada por epêntese de *CLARINETE*, como nos exemplos de *QUILARIDADE*, *QUILAREAR* e *QUILARO*, apresentados por Tomé Cabral como corruptelas de *CLARIDADE*, *CLAREAR* e *CLARO*, respectivamente.

QUIZILA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Rixa decorrente de assuntos não resolvidos. *Sei da sua quizila com o major Germano que, apesar de ser tio do senhor, não lhe tem tratado com a devida consideração... (ED - Chico Queijeiro, p.4)*

R **ABADA** s.f.
DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Posição final de uma fila. *Mas de uma légua carregou Tomás consigo, servindo de escudo. Mas deixa que a gente ia na rabada dele.* (ED - Germano, p.103)

RANJAR v.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Conseguir algo. *Ontem foi que ranjei um dicomezim, que foi uma rodela de pão duro [...]* (AQD - Maria Baixinha, p. 54)

NOTA. Aférese de ARRANJAR, com perda do fonema inicial.

REALEJO s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Gaita de sopro. *Quando eu estava em casa não podia tocar meu realejo porque o menino de Ceição queria tirá-lo da minha boca.* (ED - Bastião, p. 18)

REPARAR v.

1. DSEAH; DSECA; NDFN; DSDTC.

Observar algo com atenção. *Repara, Maria, aí no meu ombro direito, tem uma marca?* (AQD - Jason, p. 151)

2. DSDAH; DSECA; NDFN; DSDTC.

Conhecer uma diferença. *Se for de ouro, reparo logo. Bato nas canelas dele, na cara, na barriga. Se rebater duro, amarelinho, guardo em casa, não digo a ninguém, e todo dia vou tirando uma lasquinha pra vender a seu-Joaquim do Ouro.* (AQD – Anônimo-8, p. 216)

RIBA adv.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

A parte de cima. *Tirem esse judeu de riba de mim! Esse herege! (AQD - Piranha, p. 95) // Se eu não tivesse tirado ele de riba de tu... Sei não! (ED - Zeca, p. 64)*

RUA s.f.

DSDAH; DSDCA; DSEFN; DSDTC.

Denominação para lugar mais desenvolvido; a parte central da cidade em comparação ao sítio ou a capital em relação ao interior. *Fui para a rua. Comi o dinheirinho. (ED - João Evaristo, p. 75)*

RUMA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Denominação para amontoado de qualquer coisa. VAR. *TUIA*. *O pai de Codó era letrado, deixou-lhe uma ruma de livros. (AQD - Oricão, p. 79) // Está bom, seu Camilo? Depois eu tiro mais. Vou tirar uma ruma deles, formar um folheto. (ED - Bastião, p. 91)*

RUSAGAR s.m.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Pessoa muito loira ou ruiva. *Só serve mesmo se for galego? Que pena eu não ter a pomba loura por via de ter feito pelo menos um rusagar. (AQD - Anônimo-9, p. 216)*

NOTA. Fred Navarro registra *RUZACÁ* como variante de *ROSALGAR*, na acepção deste verbete.

SABENÇA s.f.
DSEAH*; DSECA*; DSDFN; DSETC.

Sabedoria. *Codó herdou-lhe a sabença. (AQD - Oricão, p. 79)*

SAFADEZA s.f.

DSDAH; DSECA; NDFN; DSDTC.

Golpe, imoralidade, crime. *Além de revelar suas falcatruas, indispondo-os com as pessoas principais, vítimas de suas safadezas, trago à lume, como diria Codó, a origem baixa de Oricão. (AQD - Amísio, p. 62)*

SAIR DE BISACO VAZIO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ir embora sem conseguir nada. *Vamos ajuntar as vacas. Pelo menos a gente não vai sair daqui de bisaco vazio. (ED - Paizinho Bala, p.152)*

SEBEIRO s.m.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Limpador de sebo. *Eu era sozinho, sem meios, habitante de pocilga, limpador de fossa, sebeiro [...] (AQD - Oricão, p. 77)*

SE DANAR DE RAIVA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Enfurecer-se, aborrecer-se em demasia. *A gente botava ela pra falar francês e quando achava graça ela se danava de raiva [...] (ED - Guiomar, p. 28)*

SEISCENTOS DIABOS lex. compl.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSDTC.

Xingamento em tom de fúria. *Seiscentos diabos! Apareçam! Venham me buscar! (ED - Camilo, p. 132)*

NOTA. Os cristãos atribuem ao número 666 o status de número do Diabo, com base em interpretações do Apocalipse, quando o apóstolo João fala da marca da Besta e de que é possível descobrir o que o número quer dizer, uma vez que ele representa o nome de um ser humano. É com base nisso que o povo costuma se referir ao Diabo com a denominação de OS SEISCENTOS ou SEISCENTOS DIABOS, como figura neste verbete.

SEU NINGUÉM lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Pessoa nenhuma. *Mas uma coisa eu digo: não estou mais para aguentar desaforo de seu ninguém! (ED - Donana, p. 21)*

SEZÃO s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Febre. *Ele não está com a sezão? (AQD -Soldado, p. 80)*

SIÁ FRESCA SAFADA lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Xingamento grave, rebaixando mulher. VAR. *SINHÁ CACHORRA. Você de novo, siá fresca safada! Sempre você! (AQD - Cabo, p. 95)*

SONSICE s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Atitude de quem é sonso, fingido, dissimulado. [...] *Ora, deixe de sonsice. (AQD - Cabo, p. 94)*

SUCEDIDO s.m.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Fato ocorrido e conhecido. *Soubemos do sucedido e só não fomos atrás de João Evaristo para que ele se ajuntasse a nós, porque pensamos que ele aqui já estivesse.* (ED - João Firmino, p. 66)

SUFRAGAR v.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Ato de decidir rapidamente, sem dúvidas. *O homem no seu juízo / Aguenta tudo calado / Os aperreios da vida / Vai deixando para um lado / Não sufraga nem bambeia / E nem fica arreliado.* (ED - Bastião, p.42)

SUJIDADE s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Sujeira extrema, imundície. *Quando eu vivia no meio da sujidade, tirando da fossa o sustento, era homem até demais.* (AQD - Oricão, p. 108-109)

SULANDA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Tipo de cantoria. *Eu aboiava e cantava. Não desmereço na embolada. Abdon me ensinou umas sulanda, seu Camilo.* (ED - Bastião, p. 34)

SURRÃO s.m.

DSEAH; DSECA; DSEFN; DSETC.

Tipo de saco, de couro, usado pelo cavaleiro para carregar comida durante viagens. *Cavaleiro, donde vem? Venho de Belém. Que traz no surrão?* (ED - Bastião, p. 61)

T

ABEFE s.m.

DSEAH*; DSECA; NDFN; DSETC.

Pancada com a mão, sem muita força, apenas para desmoralizar. VAR. *BOFETE*. *Esperidião morre breve, primeiro do que eu, vou encontrá-lo no inferno, lá dou-lhe uns tabefes, que aquilo nunca teve coragem nem pra cagar.* (AQD - Oricão, p.112)

TAPADO adj.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; NDTC.

Diz-se de pessoas desorientadas, sem rumo, despreocupadas ou de pouca inteligência. *Dessa turminha, no vestibular, só vamos passar nós dois, o resto aí são uns tapados, não vamos perder tempo com eles.* (AQD - Amísio, p. 159)

TEIA s.f.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Material de construção que compõe um telhado. *Pode ser que na casa de Pedro Evaristo esses versos deem certo, lá eles chamam "teia".* (ED - Armando, p. 119)

NOTA. Trata-se de uma variante fonética de TELHA, que, por iotização, perde o fonema representado pelo LH em troca do /i/.

TEIÚ s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Espécie de lagarto terrestre, que chega 50cm de comprimento. VAR. *TEJU*. [...] *tal era a quantidade de tanajuras existentes, que nem a infinidade de sapos, lagartixas, teiús, todos esses animais ali a espreita dava vencimento [...]* (AQD – Codó, p.56)

TERÉM s.m.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Pequena ferramenta, material de trabalho. *Me dê a chave, Ana, deixe eu ver o que tem dentro. Só quero ver, juro. É seus teréns de fazer galinhos e tatuzinhos?* (AQD - Lucíola, p.12)

TER FITA lex. compl.

NDAH; NACA; NDFN; NDTC.

Possuir indicação de alta patente militar. *O que me enjica é uma autoridade fazer cumeeira, apanhar cavaco pra um subalterno que nem eu, eu, que nem fita tenho.* (AQD - Soldado, p.228)

TER O CUNHÃO ROXO lex. compl.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ter firmeza, coragem para agir. [...] *o que digo sempre é que o homem pra ser homem precisa ter o cunhão roxo [...]* (AQD - Piranha, p.70)

TER PARTE COM O DEMO lex. compl.

1. NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Ser amaldiçoado ou fazer pacto satânico. *Esse excomungado tem mesmo parte com o demo!* (ED - Paizinho Bala, p.153)

2. NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Em sentido figurado, refere-se a pessoa muito esperta ou que faz coisas extraordinárias. *Vai, Ana, recita em voz alta pra gente ouvir. Essa Ana... Isso tem parte com o Demo.* (AQD - Mira, p.10)

NOTA. Embora os dicionários consultados não registrem a lexia plenamente, há variações, como no Houaiss e no Aulete Digital, que apresentam, em sub entrada, *TER PARTE COM*, no sentido de *ESTAR ASSOCIADO* ou *TER PACTO*. Já Fred Navarro e Tomé Cabral trazem as variantes *TER PAUTA COM O CÃO* e *TER PARTE COM O CÃO* na primeira acepção deste verbete.

TETO s.m.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Doença temida pela fama de ser mortal ou de causar amputação das partes contaminadas. *O teto? Virgem! Santa mãe de Deus! Olha, João, o teto, o mal que levou o finado Agostinho do Caldeirão. (ED - Maria Rosa, p.51)*

NOTA. Variante fonética de *TÉTANO*, que, por metátese, torna-se *TETO*.

TIBORNA s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Palavra depreciativa usada em momento de raiva para diminuir o valor de qualquer coisa ou lugar. VAR. *ESPELUNCA*, *PORCARIA*. *Folga? Que história de folga é essa? Quem manda afinal nesta tiborna? (AQD - Tenente, p.234)*

TICACA s.f.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Tipo de gambá. *Estou que nem uma ticaca. (ED - Camilo, p.61-62)*

TÍSICO adj.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem é extremamente magro, semelhante a um tuberculoso. *Aquele velho tísico sacaneando e eu acovardado, sem ação. (ED - Bastião, p.85)*

TITOCA s.f.

NDAH; NDCA; DSEFN; NDTC.

VER *PIROCA*. *Vem cá, titoca loura. Vem que quero te dizer uma coisa, coisa de amores, vem, partes loiras. (AQD - Piranha, p.220)*

TOADA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Estilo de cantoria. *Com a sua viola Abdon corre esse mundo todo. Onde chega é uma festa. Ele disse que eu tenho jeito para a toada [...] (ED - Bastião, p.36)*

TOMAR TENTO lex. compl.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Prestar atenção, tomar cuidado. *Compadre, outra coisa. Tome tento com Bastião. (ED - João Evaristo, p.74)*

TOSTADO DA PELE lex. comp.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de pessoa negra. [...] *enquanto eu, coitada de mim, o único que me quis era tostado da pele, me agarrava era com aquele mesmo. (AQD - Tia Mé, p.197)*

NOTA. Embora *TOSTADO* seja registrado nos dicionários de língua consultados, na acepção deste verbete, fazendo referência à cor da pele, não há o registro de *TOSTADO DA PELE*, nem em sub entrada.

TRAMBOLHO s.m.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Qualquer coisa que funcione como grande obstáculo ou peso na vida de alguém. *O filho adulto é um compromisso, uma responsabilidade, um cuidado, um trambolho, enfim. (AQD - Amísio, p.160)*

TREPAR v.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Subir em algo ou algum lugar. *Sempre desconfiei daquele quarto trancado. Saí por trás, subi na goiabeira, trepei no telhado. Pelo buraco da telha vi um menino mesmo como as Vieira disseram. (AQD - Lucíola, p.252)*

TRETA s.f.

1. DSEAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Fofoca, fuxico, boato. [...] *Diziam aquelas tretas dele não se ajudar com mulher. (AQD - Piranha, p.87)*

2. DSDAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Confusão gerada a partir de atitude ardilosa. *Ora que esse povo Rezéns já inventa treta mode deixar os outros no desconforto, no aperreio. (AQD - Piranha, p.235)*

TROCADOS s.m.

DSDAH; DSECA; DSDFN; DSETC.

Pequena quantia de dinheiro. *E o sem-vergonha ainda apanhou uns trocados que a professora guardava numa caixinha [...] (AQD - Tia Zu, p.193)*

TUNGA PENETRANS lex. compl.

DSEAH*; NDCA; DSDFN; NDTC.

VER. JATECUBA, NÍNGUA. *Dos ditos cujos pés pendiam por vida cachos de bichos, tunga penetrans, nome científico, e popularmente, níngua, zunga, jatecuba, que até já cataloguei via dicionário, porque o bicho-de-pé para mim é um símbolo de minha vida neste val de lágrimas [...] (AQD - Oricão, p.16)*

NOTA. Como apresentada no verbete, a lexia só tem registro no Houaiss; já em relação aos demais dicionários consultados só o Aulete Digital registra *TUNGA* nesta acepção.

V

ALENTIA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; DSETC.

Qualidade de quem é destemido. *Olhe, diga a seu patrão que eu acabo com a valentia dele.* (ED - Delegado, p.86)

VALIA s.f.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Sorte. A valia de vocês é este que aqui está, me tirando, olhem, vocês adeus-adeus que já me vou! (AQD - Oricão, p.123)

VERGONHOSO adj.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Diz-se de quem é envergonhado, tímido. *É, ele sempre foi vergonhoso?* (AQD - Tia Zu, p. 83)

VERRUGONA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER JATUMAMA. *Eu desabotoava a braguilha: 'Pegue, veja que verrugona a minha'.* (AQD - Oricão, p.107)

VERRUMOSO adj.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Diz-se de algo firme, forte. *Pois Gonçalo se fez conhecido e apreciado além fronteiras, pelos seus artigos de mestre, verrumosos comentários, na época, já combatendo, guerreando injustiças sociais do Rezende que se fazia grande então, conseguindo ser um inimigo temeroso.* (AQD - Codó, p.164)

VERSIDADE s.f.

DSEAH*; DSECA*; DSEFN; DSETC.

Diversidade, diferentes tipos. *É mesmo. Seu Camilo nunca foi visto em festa de versidade nenhuma.* (ED - Bastião, p. 36)

VIR AO LUME lex. compl.

DSDAH; DSDCA; NDFN; NDTC.

Nascer. *E tenho dito. Mas preciso dizer mais alguma coisa sobre esse inquilino batizado com o nome de Gonçalo, pois as novas gerações desconhecem-no por inteiro, mal sabendo que foi em nossas brenhas que ele nasceu, vindo ao lume numa meiágua da Rua do Açude [...]* (AQD - Codó, p.164)

VIGIAÇÃO s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Fiscalização que a mulher exerce com receio de traição. *Olha, Mira, o homem querendo não há vigiação que dê jeito.* (AQD - Alfredo, p.241)

VIVEZA s.f.

DSEAH; DSECA; NDFN; NDTC.

Vitalidade. [...] *Tininha vai ter de me virar pelo avesso, descobrir dentro de mim em que parte do corpo de esconde minha viveza [...]* (AQD - Oricão, p.114)

VOGAR v.

DSEAH*; DSECA*; NDFN; DSETC.

Prevalecer, fazer valer em determinada circunstância. *Mas pixaim, siá-dona. Pixaim não voga.* (AQD - Anônimo-12, p.221)

XIMBOQUE s.m.
NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

Desaforo. *Camilo, tu me conheces sabes que jamais gostei de dar prejuízo a ninguém. Nem de aguentar ximboque de quem quer que seja. (ED - Donana, p.68)*

XINICA s.f.

NDAH; NDCA; NDFN; NDTC.

VER CHINICA. *Ah! Armando, você queria ser a xinica dos Evaristo! (ED - Camilo, p.118)*

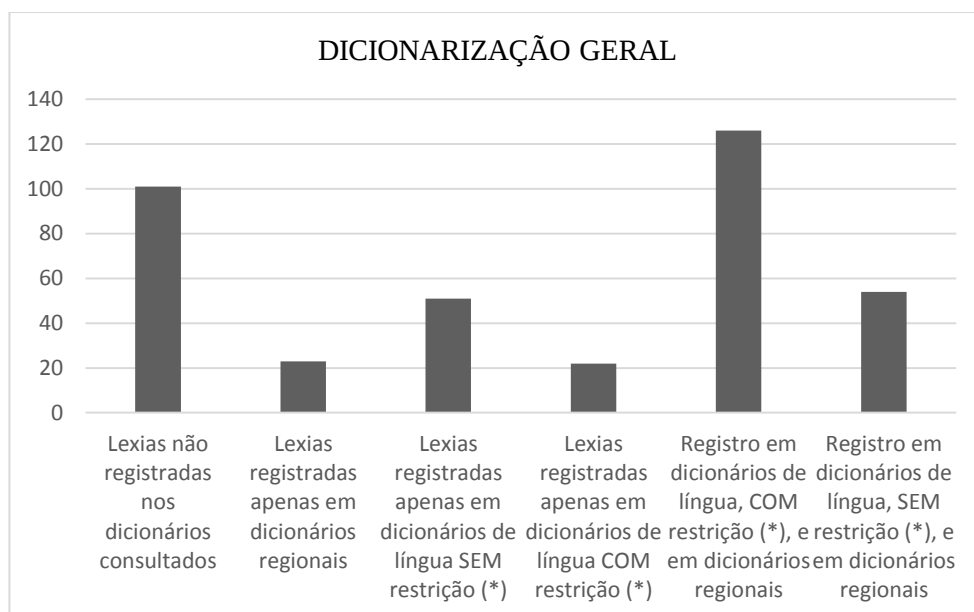
Z UNGA s.f.
DSEAH*; DSECA*; NDFN; NDTC.

VER JATECUBA. [...] e, popularmente, *níngua*, *zunga*, *jatecuba*, que até já cataloguei via dicionário [...] (AQD - Oricão, p.16)

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A construção do glossário nos revelou alguns números que denotam a riqueza linguística do romance gilvaniano, no que tange à dicionarização das palavras empregadas pelos personagens. Dentre as 361 entradas que apresentamos, junto com as 35 subentradas, apenas 51 lexias foram encontradas só em dicionários de língua sem qualquer distinção, seja como *arcaísmo*, *antigo*, *informal*, *popular*, *Nordeste*, *brasileirismo*, *gíria*, *tabuísmo*, *pejorativo*, *vulgar* e *figurado*. São restrições impostas pelos dicionários de língua, que tendem a prescrever uma norma padrão ou variedade de prestígio. Como descrevemos no capítulo metodológico, tais restrições aparecem no glossário com um asterisco (*) junto à sigla de dicionarização, abaixo da unidade léxica de entrada no verbete. Chamamos de popular, então, todas as unidades léxicas que apresentaram alguma distinção dessa natureza. No total, o glossário apresenta, portanto, 377 lexias definidas, somadas as entradas e subentradas, sendo 139 registradas com alguma restrição supracitada dentre os dicionários de língua consultados.

Para ilustrar os resultados de nossa pesquisa, elaboramos três gráficos a partir da quantidade de lexias presentes no glossário: um geral, que abarca as lexias oriundas dos dois romances; e mais dois, sendo um para *O Anjo do Quarto Dia* e outro para *Emissários do Diabo*. São gráficos que tratam dos números referentes à dicionarização (ou não) das lexias encontradas nas obras, em quantidade. Além disso, compomos tabelas que ilustram esses dados em percentuais e discriminam a dicionarização com relação ao tipo de dicionário. Eis o primeiro gráfico:



Nele apresentamos os números gerais do glossário, ilustrando a variação da quantidade de lexias de acordo com os registros ou ausência deles nos dicionários de língua e regionais consultados. As barras oscilam, no eixo horizontal, de acordo com o tipo de registro, e no vertical, com a quantidade de lexias presentes no glossário. Assim, o gráfico demonstra que a quantidade de unidades léxicas registradas em dicionários de língua com restrição (*) e, ao mesmo tempo, presentes em dicionários regionais é maior que as não registradas em dicionário algum. Por outro lado, a posição das barras mostra a proximidade dos números referentes às lexias com registro apenas em dicionários regionais e às presentes somente em dicionários de língua com restrição.

Contudo, a grande maioria delas têm registro também nos dicionários regionais que consultamos: 293, somados os números dos três tipos de registro em que consideramos os dicionários regionais: *lexias registradas apenas em dicionários regionais; registro em dicionários de língua, COM restrição (*), e em dicionários regionais; registro em dicionários de língua, SEM restrição (*), e em dicionários regionais*. Além disso, algumas unidades léxicas sequer têm registro em dicionário algum consultado (101), o que confere ainda mais valor a obra desse escritor. Além disso, ainda há 51 unidades léxicas que figuram nos dicionários de língua, sem apresentar restrição alguma, mas, na maioria das vezes, com sentido diferente da obra, o que indicaria mais de 300 lexias que consideramos de cunho regional-popular. Contudo, para sermos mais precisos, contabilizamos os números das lexias registradas em dicionários de língua com restrição (22), uma vez que essas são, de fato, consideradas pelos dicionaristas como fora do padrão culto formal ou variedade de prestígio, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2009). Ou seja, 315 unidades léxicas postas em discurso pelos personagens gilvanianos elencadas pelo nosso glossário certamente podem ser consideradas pertencentes à linguagem popular, ainda que nem todas das 22 supracitadas possam ser oriundas de nossa região. Desse modo, sustentamos, mesmo sem números precisos, que cerca de 300 ou mais unidades léxicas empregadas pelos personagens dos romances gilvanianos investigados são de cunho regional-popular. Além disso, defendemos que esses números são ainda maiores, se levarmos em conta que as 51 lexias só registradas nos dicionários de língua sem alguma distinção do padrão preconizado não tenham uso corrente no país e/ou figurem como arcaísmos de que o falar nordestino faz uso, principalmente em regiões mais afastadas, como é o caso das isoladas cidades do agreste pernambucano, como era São Bento do Una, no tempo em que foram concebidos os romances em análise.

A tabela seguinte denota essas variações em números quantitativos e percentuais para cada tipo de registro nos dicionários de língua e regionais:

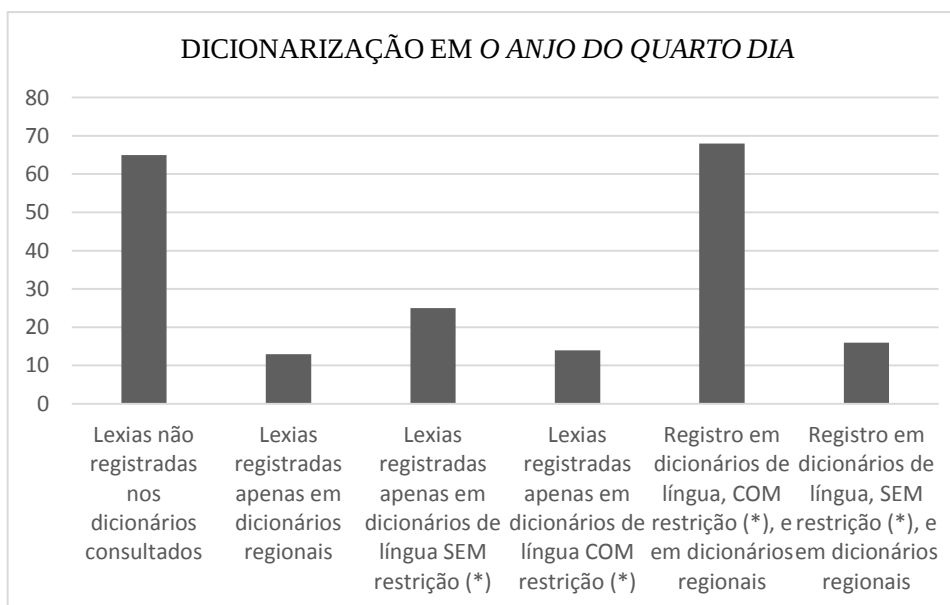
TIPOS DE REGISTRO	Nº	%
Lexias não registradas nos dicionários consultados	101	26,79
Lexias registradas apenas em dicionários regionais	23	6,10
Lexias registradas apenas em dicionários de língua SEM restrição (*)	51	13,53
Lexias registradas apenas em dicionários de língua COM restrição (*)	22	5,84
Registro em dicionários de língua, COM restrição (*), e em dicionários regionais	126	33,42
Registro em dicionários de língua, SEM restrição (*), e em dicionários regionais	54	14,32
TOTAL	377	100

Os números percentuais confirmam de modo sintético a predominância de lexias de cunho regional-popular em nosso glossário. Apenas 13,46% das lexias postas em discurso pelos personagens dos romances pesquisados constam em dicionários de língua sem nenhuma restrição que as considere fora da variedade de prestígio. No entanto, reiteramos que isso não quer dizer que elas não pertençam à norma regional. Pelo contrário, parte delas está registrada em sentido diferente dos empregados pelos personagens ou, ainda que sejam empregadas no mesmo sentido, são arcaísmo para algumas localidades urbanas, mas perduram em localidades rurais como uso corrente. No mais, nossa pesquisa constatou que 86,54% das unidades léxicas que figuram no glossário são de cunho regional-popular, o que reforça que lidamos com a língua do povo nesta tese.

Curiosa também é a conclusão a que chegamos quando comparamos algumas ocorrências entre os dois romances. Dentre entradas e subentradas, temos cerca de 201 unidades léxicas definidas para *O Anjo do Quarto Dia* e, para *Emissários do Diabo*, 162. Fora isso, há ainda 14 lexias comuns aos dois romances, o que surpreende pela falta de coincidência, em princípio. Contudo, não podemos considerar que isto seja deliberado e que o autor tenha feito diferença do léxico dos romances rurais para os rurbanos; não há sequer grandes diferenças com relação aos fenômenos linguísticos presentes na fala do povo, como variantes fonéticas, uma vez que, em ambos, há personagens em cujas falas se encontram lexias formadas a partir de próteses, síncope, metáteses, aféreses, além de outras variações fonéticas comuns à linguagem regional-popular.

Certo mesmo é que, das 201 unidades léxicas que extraímos de *O Anjo do Quarto Dia*, só 25 têm registro apenas em dicionários de língua, sem restrição alguma; ou seja, podem ser

consideradas pertencentes ao sistema, mas não exatamente à norma regional. No gráfico abaixo, diferente do anterior, a barra mais alta se refere às lexias não registradas nos dicionários consultados. São 65 lexias sem registro contra 68 presentes em dicionários regionais e em dicionários de língua, com restrição referente à variedade de prestígio.

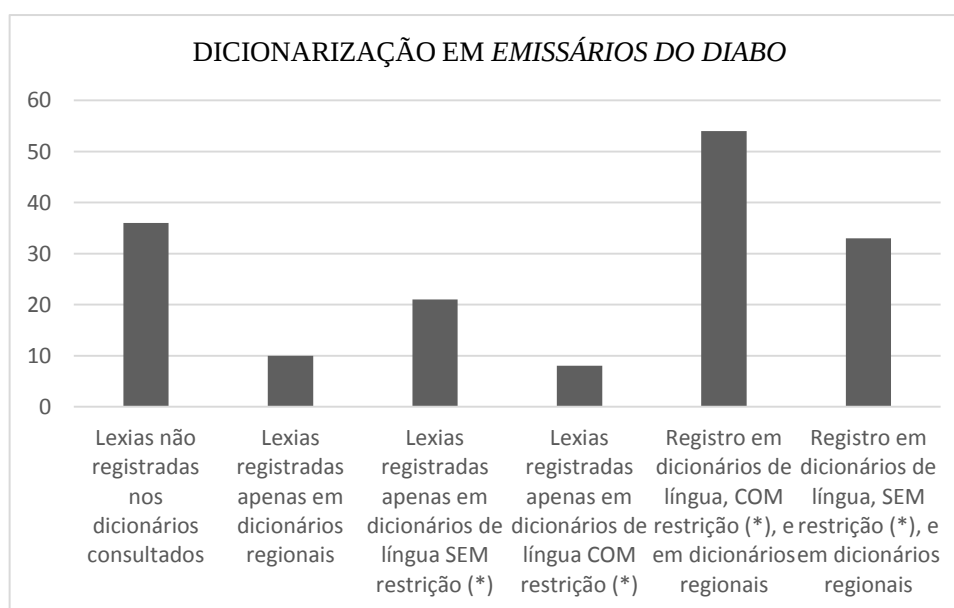


O Anjo do Quarto Dia é o romance que mais apresentou falas com unidades léxicas sem registros nos dicionários consultados, o que poderia levar a uma interpretação de que há mais neologismos nele que em *Emissários do Diabo*, se observarmos os números de lexias sem registro em comparação às que estão só em dicionários regionais ou as que estão apenas em dicionários de língua com restrição. Contudo, entendemos que a ausência de dicionarização nos compêndios lexicográficos consultados não seja suficiente para determinar a inovação linguística do autor. Palavras como *lesento* e *besoura* nos parece bem prováveis de serem usadas por falantes reais. Já *merdume* ou *encagabelar* talvez não. Como não era nosso objetivo discutir essa questão nas obras do autor, acreditamos ser mais relevante apresentar os números de lexias dicionarizadas ou não e compará-los por obra.

Assim, eis os números quantitativos e percentuais de acordo com o tipo de registro na tabela referente à obra *O Anjo do Quarto Dia*:

TIPOS DE REGISTRO	Nº	%
Lexias não registradas nos dicionários consultados	65	32,34
Lexias registradas apenas em dicionários regionais	13	6,47
Lexias registradas apenas em dicionários de língua SEM restrição (*)	25	12,44
Lexias registradas apenas em dicionários de língua COM restrição (*)	14	6,97
Registro em dicionários de língua, COM restrição (*), e em dicionários regionais	68	33,83
Registro em dicionários de língua, SEM restrição (*), e em dicionários regionais	16	7,96
TOTAL	201	100

Quanto aos números de registros referentes ao romance *Emissários do Diabo*, importante é destacar que as lexias não dicionarizadas estão em número bem menor que no romance anterior. Enquanto no primeiro tínhamos 65, aqui são apenas 36, o que, em gráfico, está representado com barra inferior àquela que representa as unidades léxicas registradas em dicionários de língua com restrição e em dicionários regionais.



Além disso, esse romance apresenta 162 unidades léxicas definidas, sendo 21 registradas apenas nos dicionários de língua sem restrição. Mesmo assim, considerando que registros como *TEIA* no Aulete Digital e no Houaiss nada tem a ver com o significado empregado em *Emissários do Diabo*, os números em favor do léxico regional-popular são bem maiores no glossário dos dois romances. O que ocorre é que alguns casos se enquadram na dicionarização em sentido diferente (DSD), como já ilustrado sobre o romance anterior. Ou seja, em alguns casos há registros da unidade léxica como homônimo homógrafo à utilizada

pelo autor, mas o significado difere; noutros casos, não foi encontrado o registro no dicionário regional, mas isso não quer dizer que a lexia não figure na norma regional.

A seguir apresentamos os números quantitativos e percentuais na tabela referente ao romance *Emissários do Diabo*:

TIPOS DE REGISTRO	Nº	%
Lexias não registradas nos dicionários consultados	36	22,22
Lexias registradas apenas em dicionários regionais	10	6,17
Lexias registradas apenas em dicionários de língua SEM restrição (*)	21	12,96
Lexias registradas apenas em dicionários de língua COM restrição (*)	8	4,94
Registro em dicionários de língua, COM restrição (*), e em dicionários regionais	54	33,33
Registro em dicionários de língua, SEM restrição (*), e em dicionários regionais	33	20,37
TOTAL	162	100

Mais uma vez, os dados percentuais mostram a predominância da linguagem reconhecidamente regional-popular no romance gilvaniano. Aqui o percentual de lexias registradas só em dicionários de língua sem restrição é bem próximo do romance anterior: 12,96% neste e 12,44% no outro. Já com relação às unidades léxicas não dicionarizadas em nenhum compêndio lexicográfico consultado, os dados apresentam variações mais nítidas. *Emissários do Diabo* apresenta 22,22% de lexias não dicionarizadas que foram empregadas por seus personagens, ao passo que *O Anjo do Quarto Dia*, 32,34%.

A curiosidade fica, então, por conta dos números referentes às lexias registradas em dicionários de língua sem restrição e em regionais, que apresentam diferença significativa de um romance para outro (AQD: 7,96% / ED: 20,37%), e às não dicionarizadas, cujos percentuais citamos anteriormente. Assim, verificamos que o romance rurbano, ao menos em percentuais, apresentou menos lexias dicionarizadas sem restrição em dicionários de língua, o que pode levar a crer que o autor usou mais do léxico regional-popular em *O Anjo do Quarto Dia*. Confirmamos essa possibilidade ao confrontar os dados referentes às unidades léxicas não dicionarizadas: cerca de 10% a mais no romance rurbano. Isso, porém, não implica dizer que o falar rurbano é menos dicionarizado que o rural, pois sabemos, pelo contrário, que o rural está mais distante da padronização. A diferença pode ser devida apenas a particularidades de cada obra, tais como quantidade de personagens, seus perfis e número de falas que cada um tem no romance. Além disso, é preciso considerar a subjetividade do autor e a evolução de seu estilo. Lembramos que há uma diferença de oito anos de uma publicação

para outra e uma obra publicada no meio (*Os Olhos da Treva*, de 1975). Ou seja, é possível que no romance rurano *O Anjo do Quarto Dia*, Gilvan Lemos tenha buscado maior fidelidade à linguagem do povo, mas essa também é uma hipótese que não nos compete validar aqui, pois os dados de dicionarização apenas corroboram para o nosso entendimento de que ele pôs, na boca de seus personagens, a língua do povo.

No entanto, não é a dicionarização ou a ausência dela que define o que é, para nós, léxico regional-popular ou não. Diferentemente das pesquisas dialetológicas, que se baseiam na ocorrência ou ausência de um fenômeno linguístico e em alta ou baixa frequência do mesmo, sempre numa perspectiva comparativa, a partir de inquéritos, a dicionarização nos serviu apenas para balizar o tratamento dado às unidades léxicas encontradas no romance, de modo que tenhamos uma ideia de como os dicionaristas as consideram. Ou seja, não é a presença-ausência de dicionarização somente que baliza nosso entendimento do que é regional-popular, mas também a ocorrência de fenômenos comuns à língua do povo, como nos pressupostos teóricos que apresentamos no primeiro e segundo capítulo.

Primamos, na verdade, pela criatividade do autor e, reconhecendo que o mesmo buscou representar seu povo e seu lugar em suas obras, avaliamos o léxico empregado pelos seus personagens, comparando-o a fatos linguísticos reais apenas, pois nossos dados não são oriundos de gravações, como é comum nas pesquisas dialetológicas e sociolinguísticas realizadas *in loco*. São falas de personagens literários, frutos da criatividade, subjetividade e conhecimento linguístico do autor, ainda que embasado naquilo que ouviu, viveu e sabia. Assim, palavras como *jatumama*, *lambisgoiar* e *cuiudo* têm grande probabilidade de fazer parte, de fato, do falar regional; mas *enlundecer*, *encagabelar* e *malacaxetear* talvez não. Não nos interessa aqui provar qualquer hipótese nesse sentido, mas sim relevar a riqueza das obras que as contêm, pelo fato de o autor usá-las para dar identidade regional a seus romances, mesmo que ele não se considerasse um escritor regionalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que desenvolvemos sobre os romances gilvanianos demonstrou que muito se pode realizar, no âmbito da Literatura, com base nos pressupostos das Ciências do Léxico e na observação das relações entre língua, sociedade e cultura, para a qual tem suma importância a Dialetologia, a Sócio e a Etnolinguística. Sobretudo, quando encaramos as obras desse autor como produto cultural que visa à representação de um povo através do texto literário, acreditamos que estudos linguísticos como esse possam auxiliar no entendimento da linguagem presente no romance gilvaniano. Aos teóricos da Literatura, aos estudiosos da Estilística Literária ou a quaisquer pesquisadores que nesse autor pretendam se focar, cremos deixar essa modesta contribuição.

Com relação às indagações iniciais que realizamos, acreditamos ter confirmado a hipótese de que é pelo léxico que podemos demonstrar cientificamente a diversidade linguística de uma obra literária, e o caminho mais apropriado para isso é a construção de um glossário. Com ele, foi possível verificar o quanto Gilvan Lemos buscou se aproximar de sua gente, de sua própria história, na boca de seus personagens. Dizia, repetia e, aqui, reiteramos: escreveu sobre o que conhecia, sobre o que vivia e sabia. Por isso, foi capaz de captar a diversidade que compõe a sociedade, estratificada, e, reconhecendo-a, transpor para seus romances, desenhando a realidade pela tessitura lúdica de seu texto, como propôs Jamir e Silva (2006), de cuja tese tomamos de empréstimo essas palavras. Ainda que se refiram apenas a um dos romances que abordamos e que o fundamento teórico não seja o mesmo que o nosso, ousamos estendê-las ao outro. Assim, o desenho da realidade a que nos referimos é feito pelo elenco de palavras e expressões sintagmáticas memorizadas e disponíveis na língua do povo, ou seja, o léxico, cujas unidades são postas em discurso pelos seus personagens, como norma, como linguagem regional-popular.

Mas, nessa sociedade estratificada, aquilo que buscamos, isto é, o léxico regional-popular, não conhece grandes limites, não guarda maiores distinções de acordo com o tipo de personagem. Em *O Anjo do Quarto Dia* e em *Emissários do Diabo*, Gilvan foi feliz ao reconhecer a diversidade linguística no que tange a diferenças diastráticas e diatópicas. Como em outras obras, ele até chama atenção para algumas particularidades fonético-fonológicas, ora tratando-as como sotaque, ora como linguajar característico de algum grupo social. Contudo, a esta pesquisa não coube definir se a linguagem regional-popular atravessa as camadas sociais ou se cada tipo de personagem está propenso a ocorrências peculiares,

conforme as variáveis que definimos para traçar seus perfis. Ainda assim, foi possível identificar alguns acenos nesse sentido, quando o autor traz à tona um empregado de fazenda que fala “*coroné*” (Bastião, em *Emissários do Diabo*), ou uma mulher miserável que diz “*ranjei um dicomezim*” (Maria Baixinha, em *O Anjo do Quarto Dia*). Além disso, se, por um lado, o estudante de Direito que oferece “*cana-de-cabeça*” a um colega e comenta sobre a “*jatumama*” de seu adversário é o mesmo que prevê, na mesóclise “*decepa-la-ei*”, a ação que faria, caso conseguisse se formar (Amísio, em *O Anjo do Quarto Dia*); por outro, um advogado eloquente é quem repete a fama do primo de “*estar com o diabo no couro*” (Robério, *Emissários do Diabo*). Em suma, esses são exemplos de que o léxico regional-popular, nos dois romances investigados, não conhece distinção de escolaridade ou classe social, ainda que, para os mais pobres ou de escolaridade mais baixa, Gilvan Lemos tenha reservado variantes fonéticas e morfossintáticas bastante curiosas.

Nesse sentido, percebemos que fenômenos linguísticos de natureza fonética, como próteses (*alevantar*), aféreses (*ranjar*), síncope (*cosca*) e metáteses (*frutiqueiro*), por exemplo, estão na fala de alguns de seus personagens. Também notamos variações morfossintáticas que denotam o engenho da língua do povo para criar palavras (*encagabelar*, *jatumama*) e se referir a sua realidade, por vezes, com redundâncias (*de um modo demais*, *de detrás*). Na língua que Gilvan pensou para seus romances, portanto, está seu conhecimento linguístico sobre o povo com quem ele conviveu, no interior de Pernambuco, e nessas obras que retratam esse lugar, na fazenda ou na cidade pequena, no rural ou no urbano, podemos encontrar a tentativa do autor de espelhar a realidade linguística local.

Contudo, não podemos afirmar que ele foi fiel, e as falas de seus personagens representem exatamente a do povo do agreste pernambucano. Mas podemos dizer que, com base no que ouviu e viu, Gilvan recriou, para as suas obras, os cenários que ele acreditava que fossem os mais representativos da língua do povo, em se tratando de regionalismo linguístico. Também não há como negar que a subjetividade do autor possa ter influenciado suas escolhas lexicais de modo que algumas unidades léxicas empregadas não sejam propriamente nordestinas; porém, a grande maioria pertence à norma popular. Como leitor de literatura em geral, é provável que Gilvan tenha levado para suas obras um pouco mais do que “a língua do Nordeste”, e o glossário que compusemos tem um pouco disso. Há nele 73 unidades léxicas que possuem registro apenas nos dicionários de língua consultados, sendo 51 sem nenhuma restrição (*) e 22 com alguma restrição (*) referente à variedade de prestígio. Isso pode ser um indício de que, ou o autor não foi 100% fiel à linguagem regional ou que os compêndios

utilizados como fonte de consulta nesta pesquisa não possuem dados suficientes para demonstrar qual é mesmo a realidade linguística da localidade em que Gilvan se inspirou. Aderimos a esta hipótese última por reconhecermos que os trabalhos lexicográficos que consultamos não dão conta dessa questão. Mas também não acreditamos que fosse possível ao autor ser totalmente fiel a ponto de representar exatamente o modo de falar das pessoas de sua terra. Como autor de literatura, não lhe cabia isso; não pretendia e nem podia, do contrário não estaria fazendo literatura.

Assim, não podemos dizer que o léxico dos personagens nos romances investigados corresponda de fato à norma local, da região agreste de Pernambuco, muito menos à norma de São Bento do Una, se houver. Na verdade, uma conclusão nesse sentido precisaria de uma investigação *in loco*, em que um trabalho comparativo fosse feito, a fim de comprovar quais unidades léxicas presentes nas obras do autor estariam em uso pela população saobentense. Se o fizéssemos, certamente esbarraríamos no problema do tempo, pois os romances abordados aqui foram concebidos e publicados entre os anos de 1960 e 1980. Não estamos considerando, com isso, a possibilidade de terem ocorrido mudanças linguísticas nesse intervalo de tempo, mas o fato de que o tempo do autor era outro e que, por isso, apenas uma investigação em seu tempo poderia trazer alguma conclusão nesse sentido. Também a dificuldade de encontrar informantes que correspondam exatamente aos tipos de personagens concebidos pelo autor para verificar se eles empregam as mesmas lexias da obra poderia complicar tal investigação comparativa. Do ponto de vista diatópico, cremos que esse tipo de pesquisa poderia parecer bastante rica; contudo, mais uma vez poderia esbarrar na subjetividade que permeia o fazer literário, uma vez que muito do que foi encontrado pode ser criação de Gilvan, neologismos dele. Como sua interpretação de como fala o povo pode não corresponder exatamente à realidade linguística do povo saobentense, então, o grande valor de suas obras está no desenho, na representação, não na fidelidade, pois, como ele mesmo afirmava, um autor de literatura não precisa provar nada. Seria equivocado de nossa parte tentar provar que ele estava errado nesse ponto. Por isso, o que fizemos foi construir um glossário desse seu desenho, dessa sua representação, porque a língua do povo no romance gilvaniano é a língua daquele povo que o autor concebeu para suas obras, inspirado no povo saobentense, não exatamente a língua do povo saobentense.

Chegamos a essas conclusões, então, após o percurso teórico que traçamos a partir das leituras referentes às Ciências do Léxico, o qual nos permitiu o tratamento das unidades léxicas, sua compreensão formal, do ponto de vista semântico, e o modo como organizá-las

em glossário, segundo os pressupostos respectivos de Biderman (2001a, 1987), Pires de Oliveira (2001, 1998); Barbosa (2001, 1993), Pottier et alii (1973), Haensch (1982a e b), Werner (1982), Biderman (2001b) e Faustich (2010). Além dessas leituras de natureza lexicológicas e lexicográficas também nos debruçamos sobre os ensinamentos semânticos de Lyons (1989, 1979), Ullmann (1964) e Oliveira (2001).

Sobre as relações entre língua, sociedade e cultura, valemo-nos dos pressupostos de Coseriu (1987, 1982), Aragão (2005, 1999 e 1983) e Cardoso (2010, 2001). Unimos essas bases às discussões de natureza sociolinguística de Preti (2003) e Calvet (2002). Na apreciação da obra de Gilvan Lemos, atentamos para as considerações de Bortoni-Ricardo (2009), Freyre (1982, 1969), Correa (2017), Jamir e Silva (2006) além das diversas entrevistas concedidas pelo próprio autor, a cujos áudios tivemos acesso no Youtube.

Do ponto de vista cultural, sustentamos que o autor tenha sofrido a influência dos costumes e saberes de seu povo, sobre as coisas de seu meio, sobre as formas de dizer, de denominar ou de a elas se referenciar. Nesse cerne, destacamos algumas lexias que representam, dentro do universo da cultura, aspectos bem peculiares do interior pernambucano ou do Nordeste em si. A religião, de maioria cristã, é o que mais se faz perceber em lexias como *danado*, *danado de*, *danação*, *danar-se*, *seiscentos diabos*, *possuído do demônio*, *ter parte com o demo*, *se danar de raiva e bode*, que exemplificam o quanto esse aspecto da vida das pessoas se faz presente em seu falar. Ainda que algumas unidades léxicas tenham o sentido modificado ao longo do tempo, muitas expressões religiosas não apagam por completo os traços semânticos que as mantêm ligadas à religião nessas lexias. Curiosamente, contudo, são os semas negativos que estão em destaque nos romances que abordamos. Mesmo o *Anjo* do título de um deles é aquele que traz a morte; já o *Diabo*, do outro romance, combina bem com as lexias supracitadas.

Do ponto de vista da culinária, um exemplo se fez presente em nosso glossário: *pó-de-ouro*; ou seja, o fubá, alimento que muitas vezes salva da fome o povo miserável, como aqueles que bateram à porta do personagem Oricão, em busca de ajuda, com caras diferentes, aglomerados, como em um *bloco de papangus*, que também remete, em sua constituição, ao alimento acima, pois é também com ele que se faz o angu, no Nordeste. Além do mais, aqui há mais um elemento da cultura pernambucana: o carnaval. É claro que em metáfora, mas só faz sentido a quem fala e a quem escuta (ou lê) se conhecer o que é, de fato, um bloco de papangu. E o autor sabia bem a que se referia, ao empregar a lexia em tom irônico e/ou

humorístico na fala do personagem, referindo-se às pessoas falsas que se aglomeravam em sua porta.

Somam-se ainda a esses exemplos, lexias que remetem a aparência das coisas, como a do tecido rústico, de cores diversas, confundíveis (*estar enganado com a cor da chita*); o conhecido tecido avermelhado (*baeta*); a forma do telhado nas casas interioranas (*fazer cumeeira*); e a extravagância das roupas dos visitantes estrangeiros (*ajegada*), incomuns aos olhos locais, vista como um exagero, igual ao membro de um certo animal típico da região: o jegue. Além disso, figura em nosso glossário referências à flora local, no exemplo do fruto típico (*imbu*) e na bebida (*cana-de-cabeça*) oriunda da atividade agrícola que até hoje se faz presente em Pernambuco: o plantio da cana-de-açúcar.

Por fim, podemos dizer que os romances gilvanianos são de grande valor tanto para as teorias literárias quanto para as linguísticas. Do ponto de vista léxico, no qual nos detivemos em grande parte desse trabalho, acreditamos que a cultura regional que Gilvan conheceu o impulsionou a produzir obras literárias com a linguagem própria de seu povo, a fim de representá-lo. Se o fez com 100% de fidelidade, não é o caso de avaliar, mas que procurou situar suas obras no contexto regional pela linguagem, especialmente pelo léxico, nisso acreditamos sem grandes ressalvas. Suas leituras de autores regionais, confessadamente externadas, é um bom exemplo de sua fonte de inspiração. Suas confissões sobre o processo de escrita dos romances e a própria concepção dos personagens com base em pessoas e histórias que conheceu na juventude ou ouviu da boca de populares também nos leva a crer na validade desta tese. Tão relevante quanto isso é constatação de que grande parte das escolhas léxicas que Gilvan fez para seus personagens coincide com a dicionarização em compêndios regionais. Mesmo a ausência dela, para nós, pode significar o quão rica é sua obra e merecedora de mais estudos que se aliem a este, a fim de que sua obra seja reconhecida dentre as melhores concebidas pela literatura regional e brasileira, para além do que já são aos olhos de seus leitores mais assíduos.

Imortal, imortal, como diz a letra do hino de nosso estado! Esse é Gilvan Lemos e seu romance imorredouro, cunhado a partir da boca do povo, inspirado em sua própria experiência de vida, coberta de glórias. Por isso, aos olhos do povo, autor e obra devem-se *amostrar*.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulinas, 1985.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-27.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. O social e o cultural da literatura de cordel. I **Congresso Internacional de Literatura de Cordel**. João Pessoa: FCJA, 2005.

_____. A variação fonético-lexical em atlas linguístico do Nordeste. In: **Revista do Gelne**. Ano 01. nº.02, 1999. p. 14-20.

_____. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A União Cia Editora, 1983.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et Ali. **Glossário aumentado e comentado de A bagaceira**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1984.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**. Lexikon Editora Digital. Disponível em: < http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=o_que_e > Acesso em: 24 de fev. 2018.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. **A norma oculta** – língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 33-51.

_____. Relações de significação nas unidades lexicais. In: O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001a, p. 13-22.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001b, p. 131-144.

_____. A estrutura do léxico e a organização do conhecimento. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, vol. 22, Nº 4, 1987. p. 81-96.

_____. A estrutura do léxico. In: **Estudos de filologia e linguística** – homenagem a Isaac Nicolau. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1986. p. 131-145.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (Embrapa) **Agronegócio do leite**: acidez titulável. Disponível em: http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_194_21720039246.html. Acesso em: 05 de fev. 2018.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Edições UFC: Fortaleza, 1982.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística** – uma introdução crítica. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. Dialetoлогия: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **DELTA**. Vol. 17, São Paulo, 2001.

CORRÊA, Thiago. **Gilvan Lemos**: o último capítulo. Recife: Cepe, 2017.

COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da sócio e etnolinguística. **I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística. Anais.** João Pessoa: UFPB, 1987.

_____. **O homem e a sua linguagem.** Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da USP, 1982.

DICIONÁRIO inFormal. **Jatumama.** Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/jatumama/>> Acesso em: 24 de fev. de 2017.

FARIAS, Fernando. Gilvan Lemos 1. (Entrevista). **Observatório Literário.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=0TJ-WQ1_E9Y>. Acesso em: 18 de jul. de 2017.

_____. Gilvan Lemos 2. (Entrevista). **Observatório Literário.** Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=O0dKln69OUU>>. Acesso em: 18 de jul. de 2017.

_____. Gilvan Lemos 3. (Entrevista) **Observatório Literário.** Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=E-kgwps39NI>>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et alii. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística:** entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão. São Luís: Edufma, 2010. p. 166-185.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação.** Brasília, v.24, n. 3, 1995, p. 281-288.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização:** que é? Recife: Massangana, 1982.

_____. **Sobrados e mucambos** – decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido:** ensaios de semiótica. Petrópolis: Vozes, 1975.

HAENSCH, Günther. Tipologia de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. **La lexicografía:** de la lingüística teórica a la lexicografía practica. Madrid: Editorial Gregos, 1982a. p. 95-187.

HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboracion de diccionarios. In: HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. **La lexicografia**: de la lingüística teórica a la lexicografia practica. Madrid: Editorial Gregos, 1982b. p. 395-534.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismo do português do Brasil. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico** – lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol.3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p.193-222.

JAMIR E SILVA, Liliane Maria. **A tessitura lúdica e o desenho da realidade**: a teia ficcional em *O Anjo do Quarto Dia*, de Gilvan Lemos. Tese (Doutorado) – UFPB. João Pessoa, 2006.

LEMOS, Gilvan. **Noturno sem música**. Recife: Cepe, 2016.

_____. In: GARCIA, Eduardo. **Gilvan Lemos** – renomado romancista pernambucano. Disponível em: <<http://www.divulgaescritor.com/products/gilvan-lemos-renomado-romancista-pernambucano-por-eduardo-garcia>>. Acesso em: 11 de nov. 2017.

_____. In: **Revista Le Manguê**. Moisés Neto entrevista Gilvan Lemos 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Y1ryVNNLk4>>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

_____. In: História de São Bento. **Portal SBU** – História. Disponível em: <http://www.portalsbu.com.br/?sec=gilvan_historia>. Acesso em: 05 de nov. 2017.

_____. Ritual de danação. In: **A era dos besouros**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006. p. 07-44.

_____. **O anjo do quarto dia**. Recife: Bagaço, 2002.

_____. **Vingança de desvalidos**. Recife: Nossa Livraria, 2001.

_____. **Morcego cego**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

LEMOS, Gilvan. **Jutaí menino**. Recife: Bagaço, 1995.

_____. **Os pardais estão voltando**. Recife: Editora Guararapes, 1983.

_____. **Os olhos da treva**. São Paulo: Círculo do livro, 1975.

_____. **Emissários do diabo**. Recife: Cepe, 2013. 155 p.

_____. _____. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. 167 p.

LIMA, Izete de Souza. **Acomodação dialetal**: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife. João Pessoa: 2013. Dissertação (Mestrado) – UFPB, 2013.

LYONS, John. **Linguagem e linguística** – uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 273-299.

_____. Semântica – princípios gerais. In: LYONS, John. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTINS, Arlon Francisco de Carvalho. **Terminologia do ciclo de produção do alumínio**: bauxita, alumina e alumínio. Fortaleza: 2014. Tese. Doutorado - UFC:

MASSINI-CAGLIARI, Gladis e CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de sinônimos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1981.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. Recife: Cepe, 2013.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.p. 17-46.

OLIVEIRA, Samuel Lira de. **Uma análise dialógica sobre o romance *O anjo do quarto dia*, de Gilvan Lemos, em relação a textos bíblicos**. Dissertação (Mestrado) - UNICAP. Recife, 2011.

PAIS, Cidmar Teodoro. Da semiótica das culturas a uma ciência da interpretação: valores e saberes compartilhados. In: **58ª Reunião Anual da SBPC**. Florianópolis, 2006. p. 1 – 5.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. **Vocabulário Pernambucano**. Recife/São Paulo: Editora do Brasil S.A., 1976.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande-MS: Editora da UFMS, 2001, p. 109-115.

_____. Brasileirismos e regionalismos. In: **ALFA**, São Paulo, 42 (vol. esp.), 1998, p. 108-120.

PONTES, Antônio Luciano; MONTEIRO, Jamyle dos Santos. Geografia linguística e lexicografia: um diálogo possível. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et alii. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão**. São Luís: Edufma, 2010. p. 124-138.

PONTES, Antônio Luciano; DUARTE, Eduarda Barbosa. O componente medioestrutural do minidicionário escolar Caldas Aulete. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 1, v. 1, n. 1, p. 48-57, ago/dez, 2011.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. **Estruturas linguísticas do português**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

PRETI, Dino. **Sociolinguística – os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 2003.

ROSSI, Nelson. Os falares regionais do Brasil. In: **Atas**. O Simpósio de São Paulo. São Paulo: 1969. p. 87-98.

SANTIAGO, José Robson do Nascimento. Galãs da terceira idade: uma análise léxico-semântica das alcunhas e títulos de Oricão e Leonardo Velho. In: XXVI Jornada do Gelne. **Anais**. Recife: 2016, p.389-404.

_____. O culto e o inculto, de Oricão a Codó: variações socioculturais em O anjo do quarto dia. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (Org.). **A linguagem regional-popular: aspectos léxico-semânticos**. João Pessoa: Ideia, 2015, v. 01, p. 45-56.

_____. A constituição do homem pela genitália: machismo e sexualismo no falar de Oricão. In: II CONALI CONGRESSO NACIONAL DE LITERATURA. **Anais...** 2014, João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2014. v. I. p. 196-204.

_____. **Análise semiótica de piadas com passagens bíblicas: interdiscursividade e intertextualidade na geração de sentido**. Dissertação (Mestrado) – UFPB. João Pessoa, 2009.

SANTOS, Wellington Lopes dos. **O léxico do Canto do Mangue**. Dissertação (Mestrado) – UFPB. João Pessoa, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUSA, Sandro Luis de. **O abc do Sertão: aspetos semântico-culturais e fonéticos do português brasileiro na obra de Luiz Gonzaga**. Tese (Doutorado) – UFPB. João Pessoa, 2017.

TV SENADO (Brasil). **Leituras** – Gilvan Lemos (parte 1). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=24l2vtQtpRE>>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

_____. **Leituras** – Gilvan Lemos (parte 2). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ueJWlA_8t3c>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

ULLMANN, Stephen. O significado. In: **Semântica** – uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p.113-165.

VILANOVA, José Brasileiro. **Aspectos estilísticos da língua portuguesa**. Recife: UFPE-Editora Universitária, 1984.

WERNER, Reinhold. La definicion lexicográfica. In: HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. **La lexicografia**: de la lingüística teórica a la lexicografia practica. Madrid: Editorial Gregos, 1982. p. 259-328.

APÊNDICE A

FICHAS DE PERSONAGENS EM *O ANJO DO QUARTO DIA*

Nº 01		
NOME: Orico Gonçalves Rezende (Oricão)		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Cerca de 90 anos	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE ²³ : () nativo (X) estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Operário de fábrica, biscoiteiro, cambista de jogo de bicho, zelador de igreja, fiscal da prefeitura, prefeito, ex-prefeito.	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 62

Nº 02		
NOME: Tininha		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: 19 anos	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Cuidadora de Oricão	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 16

Nº 03		
NOME: Amísio		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Jovem	ESTADO CIVIL: Solteiro	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Superior incompleto	PROFISSÃO: Estudante de Direito	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 9

Nº 04		
NOME: Codó		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Cerca de 50 anos	ESTADO CIVIL: Solteiro	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Desempregado e escritor autodidata	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 12

²³ A naturalidade do personagem é considerada em relação à região em que se situa a cidade citada pelo autor, na qual se passa a história. Se nasceu nessa cidade, é nativo; se o autor aponta que veio de outra, ainda que não se defina, é estrangeiro. Caso não haja nenhum indicativo de que veio de outro lugar, e o enredo demonstre que sua história é ligada apenas à cidade ou região onde ocorrem os fatos nele narrados, o personagem será considerado nativo.

Nº 05		
NOME: Ana		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Artesã	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 7

Nº 06		
NOME: João Carlos		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Jovem	ESTADO CIVIL: Solteiro	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Superior Incompleto	PROFISSÃO: Estudante de Direito	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 07		
NOME: Dr. Anísio Rabelo Pontual		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Superior	PROFISSÃO: Juiz	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 08		
NOME: Piranha		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Prostituta	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 19

Nº 09		
NOME: Mira		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Casada	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 13

Nº 10		
NOME: Lucíola		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Criança	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: ---	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 6

Nº 11		
NOME: Maria Baixinha		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Desempregada	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 12		
NOME: Alfredo		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 13		
NOME: Josias		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Prefeito	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 14		
NOME: Jason		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 15		
NOME: Jesonias		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dono de armazém	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 16		
NOME: Tia Zu		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idosa	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa e costureira	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 6

Nº 17		
NOME: Tia Mé		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idosa	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa e costureira	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 8

Nº 18		
NOME: Diná		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Viúva	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Funcionária pública da prefeitura.	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 19		
NOME: Maria		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casada; nora de Oricão	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 20		
NOME: Dorinha		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 21		
NOME: Tenente		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Autoridade policial	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 10

Nº 22		
NOME: Cabo		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Policial	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 23		
NOME: Soldado		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Policial	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 5

Nº 24		
NOME: Administrador da fazenda		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Empregado que viu quando Jesonias tomou um coice de um cavalo e morreu.	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 25		
NOME: Anônimo I		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 26		
NOME: Anônimo II		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 27		
NOME: Anônimo III		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 4

Nº 28		
NOME: Anônimo IV		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinido	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 29		
NOME: Anônimo V		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 30		
NOME: Anônimo VI		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 31		
NOME: Anônimo VII		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 32		
NOME: Anônimo VIII		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 33		
NOME: Anônimo IX		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 34		
NOME: Anônimo X		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 35		
NOME: Anônimo XI		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 36		
NOME: Anônimo XII		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Funcionário da prefeitura	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 37		
NOME: Anônimo XIII		SEXO: indefinido
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

APÊNDICE B

FICHAS DE PERSONAGENS EM *EMISSÁRIOS DO DIABO*

Nº 01		
NOME: Camilo		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Amigado com Guiomar.	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Pequeno fazendeiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 22

Nº 02		
NOME: Bastião		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Jovem	ESTADO CIVIL: Solteiro	NATURALIDADE: () nativo (X) estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Empregado de fazenda	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 43

Nº 03		
NOME: Donana		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idosa	ESTADO CIVIL: Casada com Manoel Martins, bisneto de Monteiro	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 28

Nº 04		
NOME: Guiomar		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Amigada com Camilo	NATURALIDADE: () nativo (X) estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 5

Nº 05		
NOME: Armando		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto, com quase 50 anos	ESTADO CIVIL: Casado com Deolinda, filha de Germano	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 06		
NOME: João Batista		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Comerciante	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 6

Nº 07		
NOME: Maria Clara		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Casada	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Dona de casa	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 08		
NOME: Major Germano		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idoso	ESTADO CIVIL: Casado com D. Licinha	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Grande Fazendeiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 12

Nº 09		
NOME: Robério		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Superior	PROFISSÃO: Advogado	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 10		
NOME: Ercília		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulta	ESTADO CIVIL: Solteira	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 11		
NOME: Chico Queijeiro		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Comerciante	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 7

Nº 12		
NOME: João Evaristo		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idoso	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Agricultor	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 13

Nº 13		
NOME: João Firmino		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 14		
NOME: Manoel Martins		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idoso	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 5

Nº 15		
NOME: Manoel Albuquerque Monteiro (Monteirão)		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idoso	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Grande proprietário de terra	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 16		
NOME: Tio Dão		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Casado	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Indefinida	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 17		
NOME: Paizinho Bala		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Idoso	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Cangaceiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 9

Nº 18		
NOME: Cobra		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Indefinida	ESTADO CIVIL: Indefinida	NATURALIDADE: () nativo (X) estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Cangaceiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 19		
NOME: Maria Rosa		SEXO: feminino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinido	PROFISSÃO: Empregada doméstica	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 20		
NOME: Feitosa		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Pequeno fazendeiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 3

Nº 21		
NOME: Zeca		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Boiadeiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 4

Nº 22		
NOME: Josias		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Boiadeiro	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 23		
NOME: Comprador de gado		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Comerciante	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 2

Nº 24		
NOME: Delegado		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Policial	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1

Nº 25		
NOME: Companheiro de limpa		SEXO: masculino
IDADE OU FAIXA ETÁRIA: Adulto	ESTADO CIVIL: Indefinido	NATURALIDADE: (X) nativo () estrangeiro
ESCOLARIDADE: Indefinida	PROFISSÃO: Trabalhador rural	QUANTIDADE DE LEXIAS NO GLOSSÁRIO: 1